



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA-TO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESQ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E
LITERATURA – PPGLIT**

CRISTIANO ALVES BARROS

**(RE)LEITURAS ENTRE ENSINO DE LITERATURA E CINEMA:
FORMAÇÃO DOCENTE E DISCENTE A PARTIR DO RECURSO
AUDIOVISUAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO TOCANTINS**

**ARAGUAÍNA – TO
2024**

CRISTIANO ALVES BARROS

**(RE)LEITURAS ENTRE ENSINO DE LITERATURA E CINEMA:
FORMAÇÃO DOCENTE E DISCENTE A PARTIR DO RECURSO
AUDIOVISUAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO TOCANTINS**

Tese para Doutorado apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura (PPGLIT), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus de Araguaína, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Letras.

Orientador: Dr. Wallace Rodrigues.

**ARAGUAÍNA – TO
2024**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A474(Alves Barros, Cristiano.

(Re)leituras entre ensino de literatura e cinema: Formação docente e discente a partir do recurso audiovisual nas escolas públicas do Tocantins / Cristiano Alves Barros. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2024.

104 f.

Tese (Doutorado) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLLit) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024.

Orientador: Wallace Rodrigues.

1. Literatura. 2. Cinema. 3. Ensino.

CDD 410

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

CRISTIANO ALVES BARROS

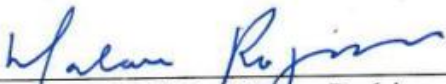
**(RE)LEITURAS ENTRE CINEMA E ENSINO DE LITERATURA:
UMA FORMAÇÃO DOCENTE E DISCENTE A PARTIR DO RECURSO
AUDIOVISUAL EM ESCOLAS PÚBLICAS NO/DO TOCANTINS**

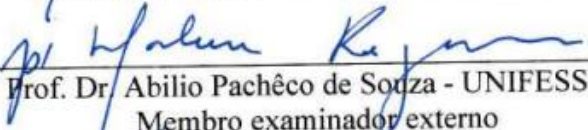
Tese para Doutorado apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura (PPGLLIT), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus de Araguaína, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Letras.

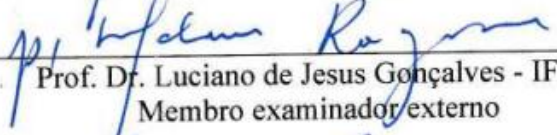
Orientador: Dr. Wallace Rodrigues.

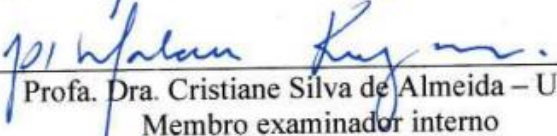
Data da Aprovação: 12 / 07 / 2024.

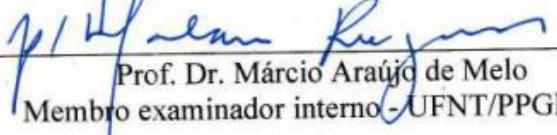
Banca examinadora:


Prof. Dr. Wallace Rodrigues
Orientador e Presidente da banca – UFNT/PPGLLIT


Prof. Dr. Abilio Pachêco de Souza - UNIFESSPA
Membro examinador externo


Prof. Dr. Luciano de Jesus Gonçalves - IFTO
Membro examinador externo


Profa. Dra. Cristiane Silva de Almeida – UFNT
Membro examinador interno


Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo
Membro examinador interno - UFNT/PPGLLIT

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que amam e acreditam no cinema, que fazem da sétima arte um sonho ainda possível. Em especial, dedico também todo esse esforço a minha eterna mãezinha Dona Cristina Alves de Lima Barros (*In Memoriam*), primeira pessoa a me incentivar com o amor pela arte do cinema, desde o primeiro filme de presente até o primeiro ingresso ao cinema. Dona Cristina – mulher guerreira que lutou até o último momento de sua vida terrena, mas que me deixou o bem mais valioso nesta vida que é o amor. Neste trabalho – em cada palavra, em cada alegria, em cada dor, em cada lágrima, em cada momento de solidão, em cada alívio, você se fez presente aqui. Tais lutas e conquistas se tornam agora nossas, com o devido propósito de chegar até o fim de mais um ciclo importante. Rimos e choramos assistindo juntos graças ao cinema e agora, nos abraçamos pelo tema na eternidade. Sinto muito sua falta aqui conosco, principalmente neste momento tão importante. Gostaria muito de ver como seria sua reação lendo cada linha desta tese também.

A ti dedico o dom mais belo que é gerar da vida. Dona Cristina, mãe, mulher, dona de casa e que me ensinou tudo o que sou hoje. Dedico-te esse trabalho com amor. Até breve e te amo muito, hoje e sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao cinema, por me proporcionar o sonho de escrever sobre e aprender um pouco mais acerca de um tema que amo tanto e vivencio a cada dia para assim, persistir e resistir por esta arte nas telas. Aos meus mestres de vida e reflexões, minha tríplice cinéfila: Ingmar Bergman, Derek Jarman e Andrei Tarkovski. Meu muito obrigado por tudo.

À Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, mais especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura – PPGLIT, que me concedeu esta grande oportunidade de estudar num Doutorado público e de excelência. Foi aqui que ampliei minhas perspectivas acerca das problemáticas vivenciadas na teoria e na prática. Deixo então, meus agradecimentos a todas e todos que possibilitaram essa jornada de mestrando.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior por até aqui possibilitar que muitos meninos pobres como eu possam sonhar e ter o devido direito de fazer ciência no país. Agradeço a sorte e a oportunidade de ter minha pesquisa financiada pelo programa e espero poder retribuir significativamente para/com nossa sociedade.

Ao meu orientador querido professor e orientador Dr. Wallace Rodrigues, pela tamanha paciência e parceria nesta tese. Uma pessoa por quem tenho grande carinho e admiração desde a época de graduação, que me ajudou a seguir com o tema sobre cinema até aqui no Doutorado. Além disso, um grande admirador das artes como eu, o que tornou esse trabalho ainda mais prazeroso e importante para mim. Ficam aqui meus agradecimentos ao meu querido mentor por todos esses saberes e sabores compartilhados.

A todas(os) professoras e professores, que participaram e contribuíram de tal forma para minha formação até aqui. Minha gratidão por fazer parte também desse grupo que tem como ato o tão valioso ensinar. Meu muito obrigado a vocês, companheiros(as) de luta.

Aos meus *pets* queridos, Chico Farofa, Félix Firmino, Laurinha, Mei e Manelito, que aqui fizeram companhia nesses momentos de solidão em casa e esprecheram minha mente quando eu mais precisava. Papai dedica e ama todos vocês.

A minha companheira Stella Nívea, que foi base primordial em todo esse processo e esteve aqui comigo nos momentos de alegria e mais difíceis da escrita. Minha eterna namorada e minha melhor companhia de cinema nesta vida. A ti, dedico todo amor do mundo, para que sejamos sempre um bom par.

Aos meus alunos, que, mesmo com as correrias da vida, me incentivaram a ser até aqui uma pessoa e profissional melhor. Graças a vocês pude acreditar mais e fazer a diferença desde

então. Muito obrigado pela confiança e por me possibilitar exercer a função mais bela da vida – que é o aprender-ensinar.

A todos os colegas de profissão que estão na labuta diariamente e me espelham a seguir no caminho da educação. Toda troca e ensinamentos fortaleceram essa caminhada. Fico grato por toda acolhida até aqui.

A todas e todos que colaboraram voluntariamente e involuntariamente nesta pesquisa, um trabalho feito a várias mãos e também com várias vozes, que evidenciaram a grandeza de ouvir e compartilhar com tais pessoas. Dedico um pouco do meu esforço para quem tornou possível essa vontade de estudar sobre cinema aqui – no interior do país e no Norte.

Enfim, a todos que acreditaram na tal força dessa ideia com o cinema e que me motivaram a seguir adiante. Muito obrigado, de coração.

Amo muito o cinema. Eu mesmo ainda não sei muita coisa: se, por exemplo, meu trabalho corresponderá exatamente à concepção que tenho, ao sistema de hipóteses com que me defronto atualmente. Além do mais, as tentações são muitas: a tentação dos lugares-comuns, das ideias artísticas dos outros. Em geral, na verdade, é tão fácil rodar uma cena de modo requintado, de efeito, para arrancar aplausos...

Mas basta voltar-se nessa direção e você está perdido. Por meio do cinema, é necessário situar os problemas mais complexos do mundo moderno no nível dos grandes problemas que, ao longo dos séculos, foram objetos da literatura, da música e da pintura. É preciso buscar, buscar sempre de novo, o caminho, que veio ao longo do qual deve mover-se a arte do cinema.

Andrei Tarkovski, em Esculpir o Tempo.

RESUMO

O presente trabalho é a materialização de alguns estudos metodológicos e certas propostas práticas a partir das interações e especificidades sobre a relação entre literatura e cinema. No caso, aprofundamos tais diálogos e releituras a partir dessas artes e como esses objetos artístico-textuais se contextualizam no ambiente e processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, utilizamos aqui as leituras de autores como Barthes (2008), Benjamim (1994), Deleuze (1985), Jakobson (2007), Josef (2004), Stam (2008) e Yunes (2013), entre outros pesquisadores que tematizam sobre dados aspectos característicos e diferenciais entre as obras literárias e suas respectivas versões fílmicas. Além disso, buscamos também outros pressupostos teóricos que problematizam o uso do cinema dentro do contexto de ensino e escolarização em sala de aula. Neste caso, aqui referenciamos autores como Bergala (2008), Bernardet (2000), Napolitano (2003) e Silva (2007), que aprofundam e destacam o conteúdo audiovisual enquanto recurso didático e amplo sobre os mais diferentes temas e metodologias. Por fim, apresentamos também neste trabalho um detalhamento prático sobre algumas ações e projetos desenvolvidos a partir do tema, desde a elaboração de um curso formativo voltado para professores da rede pública de ensino até mesmo a proposta de oficinas e minicursos na escola e na Universidade juntamente com os alunos na cidade de Araguaína-TO. Neste caso, evidenciamos e detalhamos aqui a experiência e recepção por parte dos participantes durante o projeto de extensão, como também, as percepções após as atividades realizadas durante o ano de 2021 e 2022. Tais relatos e diálogos com alunos e professores foram de suma importância para a condução e novos direcionamentos da dita pesquisa no que tange sobre o tema. Sendo assim, esperamos com esse trabalho contribuir significativamente na formação prática de discentes e docentes que utilizam dos recursos audiovisuais em sala de aula, como também, articular e ampliar novas leituras a partir da relação entre literatura e cinema em sala de aula na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Ensino; Formação de alunos e professores; Projeto de Extensão.

ABSTRACT

The present work is the materialization of some methodological studies and certain practical propositions based on interactions and specificities about the relation between literature and cinema. In this case, we delved into such dialogues and reinterpretations considering these arts and how these textual-artistic objects are contextualized on the teaching-learning environment and in its process. For this purpose, we used here authors such as Barthes (2008), Benjamim (1994), Deleuze (1985), Jakobson (2007), Josef (2004), Stam (2008) and Yunes (2013) among other researchers who approach typical features and differentials between literary work and their respective filmic versions. Furthermore, we also sought for other theoretical assumptions which problematize the use of cinema within the context of teaching and schooling in the classroom. In this case, we mentioned here authors such as Bergala (2008), Bernardet (2000), Napolitano (2003) and Silva (2007) who deepen and highlight audiovisual content as a broad didactic resource on the most different topics and methodologies. Ultimately, we also presented in this work a practical detailed description on some actions and projects which were developed taking the topic into consideration, from the creation of a training course aimed at public school teachers to the proposal of workshops and mini-courses at school and at the University along with students in the city of Araguaína in Tocantins. In this case, we highlighted and detailed here the experience and acceptance by the participants during the extension project, as well as their perceptions after the activities carried out in 2021 and 2022. Such reports and dialogues with students and teachers were of utmost importance for the guidance and new directions of this research regarding the topic. Therefore, we hope that this work will significantly contribute to the practical training of students and teachers who use audiovisual resources in the classroom as well as articulate and expand new readings based on the relation between literature and cinema in the contemporary classroom.

Keywords: Literature; Cinema; Teaching; Students and teachers training; Extension project.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Publicidade do cinematógrafo dos irmãos Lumière em 1896.....	19
Figura 02 – Frame do curta-metragem <i>Viagem à Lua</i> de 1902.....	20
Figura 03 – Frame do filme <i>2001: Uma Odisseia no Espaço</i> de 1968.....	28
Figura 04 – Boris Schukin no filme <i>Lenin em 1918</i>	34
Figura 05 – Alain Bergala em <i>Abecedário de cinema (2019)</i>	36
Figura 06 – Infográfico sobre consumo e público do cinema nacional no Brasil.....	52
Figura 07 – Gráfico com o perfil de profissão e/ou ocupação profissional dos inscritos no curso de extensão.....	57
Figura 08 – Gráfico com perfil de escolaridade e formação acadêmica dos inscritos no curso de extensão.....	58
Figura 09 – Quadro com cronograma previsto para os encontros e tópicos temáticos do curso de extensão.....	61
Figura 10 – Quadro com o cronograma previsto para oficina temática no Colégio Militar em Araguaína.....	66
Figura 11 – Ministração da oficina temática <i>Produção Audiovisual e Edição de Vídeos Escolares</i> no Colégio Militar em Araguaína.....	68
Figura 12 – Exibição dos curtas produzidos pelos alunos na oficina <i>Produção Audiovisual e Edição de Vídeos Escolares</i> no Colégio Militar.....	71
Figura 13 – Cartaz de divulgação do <i>minicurso on-line Literatura e Cinema em Sala de Aula: Leituras e Procedimentos Metodológicos</i> para o evento da Flua na UFNT.....	75
Figura 14 – Quadro com os filmes que são baseados/inspirados em obras da literatura brasileira mencionados no minicurso <i>Literatura e Cinema em Sala de Aula: Leituras e Procedimentos Metodológicos</i> na FLUA/UFNT.....	76
Figura 15 – Cartaz para aula experimental <i>Olhares e leituras sobre nosso cinema: é possível estudar e aprender a partir dos filmes?</i> Realizado no perfil do Instagram do projeto cultural <i>Loucademia de Cinema</i>	79
Figura 16 – Cartaz da live <i>Literatura e Cinema: diálogos possíveis</i> , organizada pelo Sesc Tocantins.....	80
Figura 17 – Videopoema <i>Memória</i> baseado no poema homônimo do livro <i>Olhos da Alma</i> , da escritora Rosely Camargo.....	84
Figura 18 – Ações realizadas durante a pesquisa de doutorado.....	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 GÊNESE: DO PRINCÍPIO ERA A SÉTIMA ARTE.....	19
1.1 ALTERIDADE E DIÁLOGOS REFERENCIAIS NA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA	25
2 O CINEMA REALMENTE EDUCA? (E PARA QUEM E PARA O QUÊ?).....	33
2.1 HIPÓTESES SOBRE CINEMA NO CONTEXTO DE ESCOLARIZAÇÃO:	36
3 LITERATURA É (SÓ) LITERATURA E CINEMA É (SÓ) CINEMA?.....	41
3.1 ADAPTAÇÃO, INSPIRAÇÃO OU VERSÃO? A TRANSIÇÃO DO LIVRO PARA O FILME.....	44
3.2 MITOS SOBRE O USO E ESTUDO DO CINEMA: ESTEREÓTIPOS (AINDA) VIGENTES.....	47
4 O PROJETO DE EXTENSÃO <i>LITERATURA E CINEMA EM SALA DE AULA</i>	55
4.1 OS ENCONTROS VIRTUAIS DO PROJETO DE EXTENSÃO.....	61
4.2 PARTICIPANDO NO ESPAÇO ESCOLAR: ALÉM E APÓS OS ENCONTROS VIRTUAIS.....	64
4.3 OFICINA SOBRE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL E <i>EDIÇÃO</i> DE VÍDEOS.....	67
4.4 CURSO FORMATIVO PARA OS ACADÊMICOS DO CURSO DE LETRAS NA UFNT:.....	75
4.5 OUTRAS AÇÕES APÓS O PROJETO DE EXTENSÃO.....	77
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	91
APÊNDICES.....	94

INTRODUÇÃO

Escolher como tema **as relações entre a literatura e o cinema na escola** parece ser um trabalho simples, porém envolve mais do que o entretenimento de assistir e discutir sobre filmes. Durante todo esse processo de construção e ressignificação sobre dada temática, percebemos que trabalhar com literatura e cinema vai muito além dessa compreensão figurativa e comparativa, isto é, de uma leitura meramente superficial, ou do cinema visto em segundo plano perante outros conteúdos e temas acadêmicos.

É nesse sentido que tomamos a devida liberdade para relatar como começou de fato toda essas experiências com literatura e cinema em sala de aula, hoje e aqui materializada em uma tese. Para tanto, voltamos um pouco no tempo, mais precisamente nos tempos de graduação no curso de Letras em Araguaína-TO¹.

Nessa época (idos 2014) discutia-se pouco sobre a relação do audiovisual no contexto geral e local (seja no viés acadêmico ou mesmo na própria dinâmica sociocultural da cidade de Araguaína). De fato, isso era algo relativamente novo diante do cenário vivenciado na região, onde havia poucos espaços e salas para projeção fílmica (levando aqui em consideração também os municípios circunvizinhos no norte do Tocantins²).

Para se ter uma ideia, Araguaína naquela época possuía apenas uma franquia de cinema e que mesmo assim, não era acessível para boa parte da população local. Além disso, a cidade passou por quase uma década sem qualquer espaço ou salas de projeções para filmes³. De fato, isso influenciou (e muito) no contato e percepção do público diante do consumo com a arte cinematográfica⁴.

¹ Araguaína é uma cidade brasileira localizada no norte do Estado do Tocantins e que se encontra próxima das divisas dos Estados do Maranhão e Pará, respectivamente. É considerada com um dos maiores polos econômicos da região, onde se destaca no campo agropecuário, comercial, educacional, saúde e serviços. Segundo dados do IBGE em 2022, a população estimada da cidade é de 171.301 habitantes, sendo assim a 2ª cidade mais populosa do Estado (atrás apenas da capital Palmas).

² Cabe aqui ressaltar que Araguaína é o único município da região norte do Estado do Tocantins que ainda possui salas de cinema em atividade. Atualmente, a cidade conta com duas franquias e o auditório do Cine Sesc, que faz exibições fílmicas regularmente.

³ Acerca desse período sem cinema na cidade (entre a segunda metade dos anos 1980 e início dos anos 2000), há relatos que se sucedeu por conta de uma apresentação teatral que ocorreu no então Cine Natal em meados de 1985, onde supostamente ocorreu uma simulação de sexo explícito durante a peça. Naquela época, foi um escândalo para a cidade e as atividades do cinema foram interrompidas desde então. No caso, só retornando apenas nos anos 2000 com inauguração do Espaço Cultural de Araguaína e a com a vinda da franquia Top Cine (atual Mobi Cine).

⁴ Sobre essas questões de consumo e público cinematográfico em Araguaína, destacamos aqui nossa pesquisa de mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCult) intitulada “Recepção, mediação e espaço cinematográfico em Araguaína-TO”. Onde aprofundamos sobre a historicidade do cinema na região. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11612/1630>>.

A partir desse cenário local, começamos a visualizar a necessidade de explorar sobre o tema em questão, levando em consideração que já havia poucos estudos e ações destinadas ao desenvolvimento do audiovisual na região⁵. Além disso, não havia um curso específico ou qualquer formação que abrangesse sobre a temática do audiovisual. De forma que, isso também dificultava dada abordagem e discussão sobre literatura e cinema no âmbito acadêmico.

Vale também ressaltar que, no curso de Letras em Araguaína-TO pouco se falava acerca dessa interação entre a linguagem cinematográfica conjuntamente com a leitura e (re)produção literária no dado contexto escolar, ou seja, como possibilidade metodológica de ensino a partir de filmes baseados/inspirados em obras literárias, por exemplo.

De fato, essa discussão sobre literatura e cinema em sala de aula se tornou até um pouco mais recorrente, no Brasil, nas últimas décadas (mais precisamente a partir do fim do século XX e início do século XXI). Contudo, dada contextualização ainda encontrava alguns entraves (teóricos e metodológicos, respectivamente), isso porque não tínhamos tantos referenciais sobre o tema na região, como também, espaços adequados para o desenvolvimento de atividades sobre a proposta em questão.

Logo, poucos professores trabalhavam com o tema, alegando essa dificuldade de abordar e/ou incrementar o uso do cinema no contexto escolar. No caso das aulas de ensino de literatura, ficava mais evidente essa barreira que existia entre a leitura das obras literárias a partir do que seriam suas versões fílmicas transpostas para a tela.

Dessa forma, atuar e pesquisar nesse segmento temático sempre foi um grande desafio dentro desse contexto observado/vivenciado por mim, seja pela falta de recursos para desenvolver esse tipo de trabalho com o audiovisual ou mesmo por conta de certos estereótipos que ainda fazem parte do imaginário sobre os diálogos entre literatura e cinema, por exemplo.

Nesse sentido, pensamos aqui em problematizar várias dessas questões referentes ao tema, visando romper com a visão equivocada que generaliza dado recurso fílmico em seu uso e prática no contexto escolar. Para tanto, ouvimos, informalmente, também alguns colegas e professores que relatavam um pouco de suas experiências com cinema em sala de aula e, de fato, tal dificuldade se dá principalmente pela falta de trabalhos (sejam pesquisas e/ou projetos) que auxiliem e orientem nesse segmento temático.

⁵ Cabe aqui mencionar que os poucos cursos voltados para estudos e produção audiovisual no Estado do Tocantins se centram mais na capital Palmas, mais precisamente em cursos como Comunicação Social (Jornalismo) e agora mais recentemente, na especialização em Documentação Audiovisual da UFT – Campus de Porto Nacional.

Além desses fatores mencionados, reiteramos a contextualidade desse tipo de proposta no que se refere à realidade de boa parte das escolas públicas no/do Tocantins. No caso, vemos que a disponibilidade de equipamentos tecnológicos e profissionais capacitados na área é algo ainda restrito quando pensamos principalmente nas cidades do interior do Estado, o que, de certa forma, se agrava também nos bairros periféricos da região.

Logo, pensamos aqui uma proposição formativa a partir dessas condições para o desenvolvimento da pesquisa em questão. Neste caso, vimos que era necessário um enfoque mais abrangente sobre literatura e cinema na rede pública de ensino, visto que tais espaços e sujeitos envolvidos ainda encontravam muitas dificuldades para articulação do audiovisual em sala de aula e até com outras atividades escolares.

Desse modo, direcionamos a proposta formativa principalmente para os educadores que atuam nas escolas do Tocantins, visando então abranger e problematizar a partir desse tipo de realidade vivenciada pelos professores na rede pública de ensino. Para tanto, pensamos também um tipo de abordagem mais próxima dessas práticas e experiências com audiovisual para que fosse algo acessível aos docentes interessados sobre o tema.

Além disso, especificamos a relação do cinema com outras áreas e disciplinas que já fazem parte da matriz escolar, o que facilita a aplicabilidade e contextualizações sobre o tema em questão. Foi pensando nisso que estipulamos o ensino de literatura trabalhado nas escolas como esse meio condutor para tais e possíveis diálogos entre a educação e o cinema. Nesse sentido que começamos a direcionar em nossa proposta temática dando devido enfoque mais especificamente para os professores das áreas de Língua Portuguesa e Literatura.

Neste caso, tal direcionamento se dá principalmente pelas confluências e possibilidades de leitura no que se refere ao campo das linguagens (tanto no cinema quanto na literatura), como também, uma maior procura por parte dos docentes que possuem formação no curso de Letras.

E foi pensando nisso que começamos a pautar uma espécie de curso formativo para esses profissionais da educação no Tocantins, visando tal necessidade de abordagem sobre o tema em questão e, principalmente, por se tratar de uma proposição ainda inédita em relação ao contexto evidenciado nas escolas públicas da região norte do Estado.

O planejamento de tal formação sobre as possibilidades de uso do audiovisual em relação com a literatura em sala de aula voltada para professores é algo novo no Norte do Tocantins. Isso verificamos por meio de nosso conhecimento do campo do cinema e das formações ofertadas na região.

Logo, levamos a proposta temática para o devido estudo no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT) em 2019, levando em consideração sua aplicabilidade e resultados esperados com o referido projeto de pesquisa. Inicialmente, nossa ideia era que o curso ocorresse com encontros periódicos e presenciais a fim de facilitar essa interação com os professores interessados. Tínhamos um projeto autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, conforme apêndice nesta tese.

Contudo, vivenciamos também nesse mesmo período o agravamento da pandemia de covid-19. Desse modo, tivemos que readequar o projeto de pesquisa juntamente com a proposta do curso/formação em questão. De fato, isso afetou drasticamente nosso planejamento para tais ações e atividades estipuladas.

Diante desse cenário, consideramos a realização das aulas e conteúdos temáticos a partir de ferramentas virtuais, isto é, com encontros no formato *on-line* até que fosse regularizada tal situação de retorno presencial aos contatos sociais. Entretanto, era também necessário algumas adequações metodológicas cruciais para o desenvolvimento da proposta, principalmente no quesito de disponibilidade e familiarização dos docentes perante esses novos recursos tecnológicos.

Neste caso, cabe aqui ressaltar que muitos dos professores ainda sentiam um pouco de dificuldade para acessar e interagir através dessas novas plataformas digitais⁶. E com advento da pandemia, a problemática se acentuou por conta dessas adaptações e outras reformulações no ensino para o formato remoto.

Dessa forma, decidimos o adiamento de tal proposta para um período mais viável, visto que o contexto pandêmico impossibilitava naquele momento um trabalho mais efetivo para/com o público docente. E considerando tudo isso, tivemos também que reformular nossa abordagem metodológica, que enfatizava antes uma pesquisa-participante com os professores.

No entanto, optamos para a continuidade do trabalho uma abordagem/perspectiva mais virtual, isto é, utilizando de canais e meios de comunicação que facilitassem tal interação com os participantes da pesquisa (principalmente neste período de pandemia). Logo, aproveitamos

⁶ A exemplo disso, tivemos algumas plataformas digitais como no caso do *Google Classroom* e *Google Meet* que se popularizaram principalmente no contexto da pandemia. Tais ferramentas virtuais se tornaram necessárias para a adaptação do trabalho docente ao ensino remoto. No entanto, era perceptível no início a dificuldade de acesso e informação sobre esses novos recursos tecnológicos para os profissionais da educação. Mas também com o passar do tempo, tamanha usabilidade no dia a dia permitiu que esses programas e aplicativos se mantivessem habituais após o período pandêmico, sendo até hoje um dos meios de comunicação mais integrados ao que seria considerado como um “novo normal” desde então.

também este momento de isolamento para organizar a sequenciação de capítulos já estipulados para a tese.

Neste caso, subdividimos esta tese em três partes no intuito de abranger mais detalhadamente a temática proposta. Inicialmente, pensamos para tal parte introdutória da tese um contexto geral sobre o cinema, desde seu processo histórico até os elementos que compõem dada linguagem e narrativa na tela. Já na segunda parte, especificamos a relação entre a arte cinematográfica com sua respectiva fonte literária como processo de leitura e referência entre ambas as obras. E por fim, apresentamos na terceira parte deste trabalho um pouco da nossa experiência com o curso formativo de literatura e cinema voltado para os professores das escolas públicas no Estado do Tocantins.

Além dos tópicos elencados, detalhamos aqui também o relato dos participantes a partir de suas vivências com o tema em sala de aula, o que de fato nos auxiliou bastante nas discussões e dados contextos apresentados durante a referida pesquisa. Além disso, apresentamos no tópico subsequente a experiência já em formato presencial como os discentes do Colégio Militar Dr. José Aluísio em Araguaína-TO.

Na oportunidade, elaboramos uma proposta de oficina temática conjuntamente com os alunos para a produção de vídeos escolares. Neste caso, abordando sobre conceitos mais básicos sobre o processo de filmagem e edição de (re)produções audiovisuais a partir da leitura de obras literárias já trabalhadas na disciplina de Língua Portuguesa.

A experiência com os alunos é apresentada a partir da construção do roteiro audiovisual até a exibição dos curtas-metragens produzidos pelos próprios estudantes durante esse período de oficina na escola. Neste tópico, detalhamos a recepção e execução das atividades em sala de aula, como também, a percepção dos alunos com a experiência fílmica na referida UE.

Por fim, apresentamos nos últimos subcapítulos outras ações também desenvolvidas após o projeto com a tese. No caso, destacamos a participação em lives temáticas nas redes sociais e a sequência didática utilizando a temática no Instituto Federal do Tocantins (IFTO) – Campus de Paraíso.

Neste capítulo em específico explanamos sobre essas experiências pós-tese e como elas contribuíram para a abordagem e possíveis direcionamentos na escola. Para tanto, selecionamos tais atividades por se interligarem mesmo que indiretamente com a proposta inicial do trabalho. Além disso, vimos que tais ações expandem e visibilizam sobre o tema relacional entre cinema e literatura em sala de aula.

Sendo assim, iremos explorar ainda mais nos capítulos subsequentes essa grande jornada que leva a literatura para tais telas fílmicas e, conseqüentemente, expande para outros meios e sujeitos na contemporaneidade.

1 GÊNESE – DO PRINCÍPIO ERA A SÉTIMA ARTE E A PALAVRA-IMAGEM SE FEZ:

Não era uma arte qualquer. Reproduzia a vida tal como é – pelo menos essa era a ilusão. Não deixava por menos. Uma arte que se apoiava na máquina, uma das musas da burguesia. Juntavam-se a técnica e a arte para realizar o sonho de reproduzir a realidade. Era fundamental ser uma arte baseada numa máquina, baseada num processo químico que permite imprimir uma imagem numa película sensível, tornar visível esta imagem graças a produtos químicos, projetar esta imagem com outra máquina, e isso para uma grande quantidade de pessoas. Essa complexa tralha mecânica e química permitiu afirmar uma outra ilusão: uma arte objetiva, neutra, na qual o homem não interfere. (BERNARDET, 2000, p. 07).

A citação acima de Jean-Claude Bernardet (2000) sintetiza bem o que seria tal gênese do que hoje conhecemos enquanto **cinema**, isto é, a tão estimada sétima arte no contexto da/modernidade. Desse modo, é importante compreender que esse universo criado e ressignificado através da palavra-imagem se dá principalmente pela sucessão de adventos que acompanharam as práticas e valores socioculturais que se desenvolveram no decorrer do século XX.

Dessa forma, abordar sobre um objeto tão amplo para estudo e suas possíveis reflexões como no caso da materialidade audiovisual, nos exigem também compreender e recapitular toda uma historicidade por trás da tela. Neste caso, fazer todo um percurso cronológico (mesmo que pontualmente) para entender todo esse processo evolutivo do cinema até os nossos dias atuais.

Dessa forma, vale aqui contextualizar que estamos tratando especificamente de uma arte ainda centenária (no sentido de criação e reprodução). Sendo assim, podemos então conceituar o cinema a partir de suas assimilações e transformações com o passar dos anos até a atualidade.

De acordo com Walter Benjamin (1994), o cinema é uma criação da coletividade (p.172) principalmente por conta da herança e influência das demais artes. De fato, a concepção acerca da sétima arte está até hoje atrelada a essas referências e transposições das ditas **seis expressões artísticas clássicas**⁷ (e no caso seriam: a arquitetura, a escultura, a pintura, a música, a poesia

⁷ A expressão *sétima arte* surgiu a partir da designação do pesquisador italiano Ricciotto Canudo no livro *Manifesto das Sete Artes* (escrito em 1912, mas só publicado no ano de 1923). Na obra citada, Ricciotto é um dos primeiros teóricos a atribuir uma nomenclatura para a arte recém-criada do cinema. Além disso, o autor já faz também uma analogia dessa arte cinematográfica a partir de suas composições e elementos das outras seis expressões artísticas clássicas (como o cenário da arquitetura, o volume da escultura, a cor da pintura, o som da música, a palavra da poesia e o movimento da dança). Outro fato interessante é que dentro desse manifesto, Canudo não considerou na época a arte teatral (que posteriormente seria incrementada na parte da representação no cinema), pois, para o autor o teatro era ainda uma arte híbrida e que fazia referências as demais expressões artísticas).

e a dança, respectivamente nessa ordem subsequente⁸) que antecedem a própria sétima arte do cinema.

Claro que, isso trouxe também grandes confrontamentos para adesão e desenvolvimento estrutural do audiovisual no decorrer dos tempos. Desde o início do século XX, vários teóricos se dedicaram a problematizar os caminhos da sétima arte e suas dadas relações com as demais manifestações artísticas vigentes. Neste caso, houve sempre essa discussão sobre o processo de adaptação e convergência das demais artes para o cinema.

Conforme M. Marie (2006, p.194), o cinema é igualmente heterogêneo em outro sentido (comparado às demais artes). Isto é, mesmo com suas influências e múltiplas linguagens, a arte cinematográfica sempre buscou sua autenticidade e diálogos em diferentes espaços. A exemplo disso, podemos pensar de como a projeção fílmica perpassou em diferentes lugares até chegar em ambientes que conhecemos hoje, desde as salas de cinema até o acesso em nossas casas.

De fato, o cinema se construiu e se ressignificou enquanto arte a partir dessas interações com os demais meios e linguagens. Logo, muitas mudanças foram também incorporadas no que consideramos hoje como a tela fílmica, com o propósito de projetar (ou, pelo menos, reproduzir) um mundo que se transformava no advento da modernidade. Cabe aqui dizer que tal sétima arte mudou a nossa forma de percebermos o mundo e as transformações em nossa volta, onde dado vislumbre sobre a imagem em movimento se tornou algo cotidiano em nossas vidas desde então.

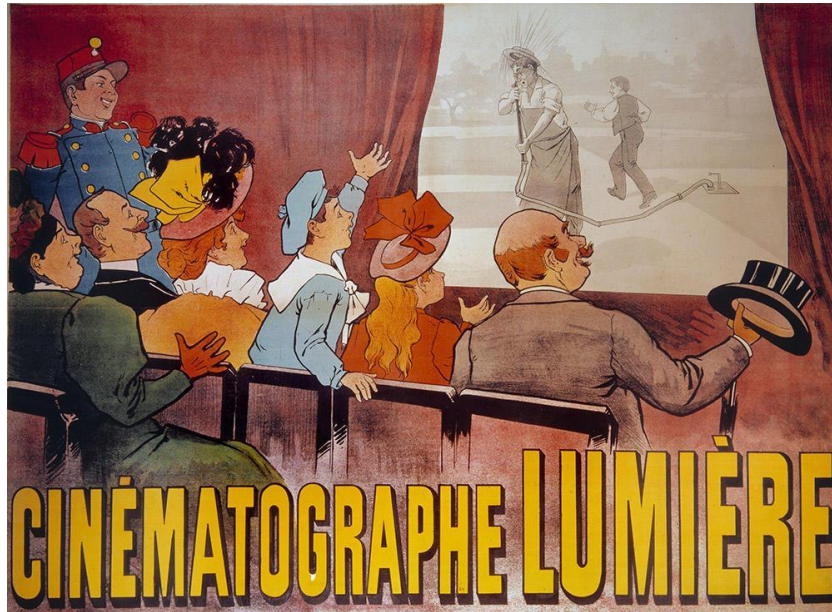
De acordo com H. Capuzzo (1986), “[...] o homem deixou de ser o mesmo. Passou a sonhar com sua imagem resgatada para a eternidade. Essa mesma imagem, fixada pelos milhões de fotogramas, talvez esteja longe de ser real” (p. 14). Decerto, a nossa humanidade não foi mais a mesma desde a primeira exibição pública com os irmãos Lumière⁹ já no final do século

⁸ A ordem aqui apresentada segue a primeira listagem apresentada na obra *Manifesto das Sete Artes de Ricciotto Canudo*. Contudo, dada ordem dessa lista perpassou por alguns acréscimos e mudanças no decorrer do século XX. Na verdade, outras expressões artísticas surgiram após o cinema e os estudiosos sobre o tema buscaram um novo consenso para dada numeração das artes. Sendo assim, a sequência mais utilizada nos dias de hoje segue a seguinte ordem: 1ª arte – artes sonoras (som); 2ª arte – artes cênicas (movimento); 3ª arte – pintura (cor); 4ª arte – escultura (volume); 5ª arte – arquitetura (espaço); 6ª arte – literatura (palavra); 7ª arte – artes audiovisuais (cinema); 8ª arte – fotografia (imagem); 9ª arte – história em quadrinhos (desenho); 10ª arte – videogames e 11ª arte – arte digital.

⁹ Datado no dia 28 de dezembro de 1895, os irmãos Auguste Lumière (1862-1964) e Louis Lumière (1864-1948) fizeram a primeira exibição pública da história do cinema. Na ocasião, os irmãos idealizadores exibiram *La Sortie des ouvriers de l'usine Lumière à Lyon* (A Saída dos Operários da Fábrica Lumière em Lyon), que retrata o fim do expediente de uma fábrica de negativos fotográficos da própria família Lumière. O referido curta-metragem tinha uma média de 45 segundos de duração e foi exibido no *Grand Café Paris no Boulevard des Capucines* (local ainda existente) para um público de mais ou menos vinte pessoas. Logo após, no dia 06 de janeiro de 1896 foi exibido o curta *L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat* (A chegada do trem na estação de Ciotat) no Salão Indiano (mais especificamente uma saleta nos fundos de um café). Com a divulgação e público maior comparado com a exibição anterior, essa é considerada a primeira sessão comercial da história do cinema com a venda de bilhetes por 1 franco na época. Com uma média de duração de 50 segundos, o referido curta mostra a entrada de um comboio puxado por uma locomotiva a vapor em uma estação de trem na cidade costeira francesa de La Ciotat. No caso, ambos os

XIX, com aquele jogo de imagens e luzes projetados na tela fílmica em Paris. E para ilustrar melhor, apresentamos na imagem abaixo o cartaz de divulgação da primeira sessão pública de cinema.

Figura 01 - Publicidade do cinematógrafo dos irmãos Lumière em 1896
Ilustrador: Marcellin Auzolle (1862-1942)



Fonte: (Biblioteca Nacional, Paris, França).

Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b9005852b.item>>. Acesso em: 10 de março de 2023

Nessa pressuposição, Martin (2003) sugere até que os Irmãos Lumière não tinham essa consciência de fazer uma obra artística, mas simplesmente de reproduzir a realidade (p. 15). E de todo modo, os ditos como “criadores do cinema” deram o primeiro passo para que fosse possível tal sonho de representar a vida. Isto é, de (re)criar e projetar através da imagem (e para tela) o que de fato assimilamos hoje enquanto conteúdo e linguagem audiovisual.

Não é por acaso que o cinema é ainda visto como algo quase “mágico”, capaz de traduzir com clareza as relações entre o sonho e a realidade. Isso se torna evidente também no trabalho criativo de artistas como o do cineasta (e ilusionista) Georges Méliès¹⁰ (um dos precursores da popularização do cinema no mundo), com suas experiências circenses na tentativa de teatralizar

curtas (tanto *La Sortie des ouvriers de l'usine Lumière à Lyon* quanto *L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat*) pode ser visualizado nos seguintes links respectivamente: <<https://www.youtube.com/watch?v=4jmCFzzCQvw>> e <<https://www.youtube.com/watch?v=CUgvS7i4TDg>>. Disponível em: Canal Cine All (YouTube). Acesso em: 10 de março de 2023.

¹⁰ Marie Georges Jean Méliès (1861-1938) foi um ilusionista francês de sucesso e um dos precursores do cinema narrativo ficcional, que usava inventivos efeitos fotográficos para criar mundos fantásticos. Considerado o pai dos efeitos especiais e do uso de figurinos na sétima arte, Méliès fez mais de 500 filmes e construiu o primeiro estúdio cinematográfico da Europa. Também foi o primeiro cineasta a usar desenhos de produção e o conceito técnico de *storyboards* para projetar suas cenas.

o cinema, tornando-o assim, uma das primeiras expressões ficcionais através dos filmes.

No caso, Méliès criou técnicas inovadoras para a montagem de seus curtas-metragens, assimilando cortes e efeitos em suas produções. E tudo isso ajudaria na criação experimental do cinema já nas primeiras décadas do século XX, incorporando e se diferenciando das demais linguagens artísticas na época.

Para se ter uma ideia, G. Méliès buscou muitas dessas referências na própria fotografia (arte bem próxima do cinema no processo de composição e técnica de criação), como também, nos elementos narrativos presentes na literatura e no teatro para criação de pequenas histórias e/ou esquetes que representassem esse arcabouço ficcional que é hoje a sétima arte.

Figura 02 – Frame do curta-metragem *Le Voyage Dans La Lune* (Viagem à Lua) de 1902
Direção: Georges Méliès (Duração: 12 minutos)



Fonte: The Public Domain Review

Disponível em: <<https://publicdomainreview.org/collection/le-voyage-dans-la-lune-1902>>

Acesso em: 10 de março de 2023.

Referenciando aqui *Le Voyage Dans La Lune*¹¹ (considerado um dos grandes marcos na história do cinema), pois, sintetiza bem essa premissa imaginativa do cinema. Visto que Méliès

¹¹ *Le Voyage Dans La Lune* (Viagem à Lua) é um filme francês de 1902 dirigido pelo artista G. Méliès, considerado uma das primeiras obras narrativas ficcionais na história do cinema. Com uma duração em média de 14 minutos, a obra traz como referências dois romances (*Da Terra à Lua* de Júlio Verne e *O primeiro homem na Lua* de H.G. Wells). O referido curta conta a saga de cinco astrônomos que constroem uma cápsula espacial para viajar até a Lua. A nave é disparada por um canhão e chega até o referido satélite terrestre, onde os cientistas encontram alguns selenitas (nome dado aos habitantes hipoteticamente que viveriam na Lua) e são perseguidos por esses seres ditos lunares, mas no fim a tripulação conseguem fugir dos inimigos e voltar para a Terra. Além desse marco narrativo, *Le Voyage Dans La Lune* é considerada por muitos estudiosos na área do cinema como a primeira versão do gênero de Ficção Científica para as telas.

também foi também um dos primeiros artistas no século XX a trazer para suas obras o conceito de efeito (e até mesmo, certo ilusionismo) através da imagem. Além claro, da sintonia dos filmes com a narrativa/texto (o que aprofundaremos no capítulo subsequente).

A exemplo disso, o próprio efeito ritualístico que existe na sessão de cinema hoje reitera essas várias aspirações do imaginário humano. De tal modo que, o público cinéfilo transcende seu olhar para um mundo além da tela:

A sala é escura. Na frente, uma tela branca, que irá receber um jato de luz e, através de pulsações óticas, possibilitará a impressão de imagens registradas de uma pretensa realidade aparente. Até o final da projeção, o espectador estará sentado, de forma receptiva; uma elaborada trilha sonora, composta de diálogos, ruídos, efeitos sonoros e musicais, não permitirá comportamentos dispersos. A atenção será constantemente estimulada pelo ritmo e aparição dos rostos muitas vezes familiares aos espectadores. Ao final, a luz se acende e todos se retiram vagarosamente, ainda sonolentos, pois não despertaram totalmente do universo fantasioso que escolheram de livre e espontânea vontade, através do direito adquirido por um ingresso pago. (CAPUZZO, 1986, p. 39-40).

A citação de Capuzzo ilustra bem a sensação e experiência que é a sétima arte nos dias de hoje. Uma arte que transita entre o senso real e a ficcionalidade, mesmo com suas tamanhas mudanças no decorrer das décadas. O cinema foi capaz de se reinventar e ampliar seus espaços de projeção. Mas uma das questões que ainda perduram sobre nós enquanto humanidade é sobre esse lado íntimo da tela fílmica, que nos revela e nos ressignifica enquanto sujeitos no mundo.

Mesmo com tantas mudanças e com tais evoluções tecnológicas, o cinema (assim como a literatura, por exemplo) ainda nos humaniza e nos sensibiliza em certos pontos que nos parecem sempre uma experiência nova e única o ato de ficarmos frente a frente a uma película. E é nesse quesito que referenciamos aqui uma reflexão de A. Tarkovski (2010) sobre dada visão intimista acerca do cinema:

Ao comprar seu ingresso, é como se o espectador estivesse procurando preencher os vazios da sua própria experiência, lançando-se numa busca do “tempo perdido”. Em outras palavras, ele tenta preencher aquele vazio espiritual que se formou em decorrência das condições específicas da sua vida no mundo moderno: a atividade incessante, a redução dos contatos humanos, e a tendência materialista da educação moderna. (p. 96).

De fato, o cinema ainda está muito atrelado a essa imagem essencialmente artística, isto é, em relação às subjetividades e efeito do mundo moderno. Contudo, cabe então ressaltar que a sétima arte não pode ser apenas compreendida nesses aspectos da espectralidade fílmica. No caso, o conteúdo audiovisual vai muito além do seu objeto artístico propriamente dito.

De acordo com Leite (2003), “o cinema é capaz e também, ao mesmo tempo, imprimir formas, forjar e maquinar situações e contribuir para o funcionamento de um conjunto de ideias

e crenças. A rigor, os filmes são poderosos formadores e deformadores de opinião” (p. 06). No caso, vale sempre recapitular que estamos lidando aqui com uma arte que é concebida no dado advento da modernidade, ou seja, a sétima arte tende a seguir essa perspectiva de formação ideológica relacionada aos seus meios de produção.

Para tanto, um cinema busca incansavelmente essa reprodução da realidade vivenciada. Em outras palavras, representar sua interpretação através do olhar. Segundo Bernardet (2000), “sem intervenção, sem deformações, o cinema coloca na tela pedaços de realidade, coloca na tela a própria realidade. É, pelo menos, a interpretação do cinema que se tenta impor” (p. 07).

Discussões a parte, vemos que essa tentativa do cinema em recriar dada realidade nada mais é que sua herança e referencial de outras artes, principalmente se levarmos em tese a sua relação com a literatura, por exemplo. Muito da forma de narrar e recriar da sétima arte vem dessa influência literária. Até porque, muitas das obras que foram transpostas para a tela fílmica vieram dessa relação entre literatura e cinema, como também, de outras artes.

De toda forma, é importante reiterar que essas referências constitutivas e características do cinema devem ser compreendidas em sua totalidade, isto é, não considerado aqui tal produto audiovisual apenas como um meio derivado das demais artes.

Conforme Tarkovski (2010), “A tentativa de adaptar as características de outras formas de arte ao cinema sempre privará o filme da sua especificidade cinematográfica, e tornará mais difícil lidar com o material de uma maneira que permita a utilização dos poderosos recursos do cinema como arte autônoma” (p.21).

E nesse sentido que aprofundamos sobre o tema para visualizar essa autonomia por parte da arte cinematográfica (não confundir aqui um detrimento das demais artes no caso). Visto que o cinema tende a essas múltiplas possibilidades no contexto da contemporaneidade, enquanto espetáculo e narração, ou seja, desenvolvendo uma linguagem específica no olhar sobre a tela.

Para tanto, situamos nesse capítulo uma síntese do que seria esse advento da sétima arte, levando em tese seu impacto e desenvolvimento no percurso da história moderna no século XX. Até porque, essa relação entre a técnica mecânica e a incorporação de diferentes referenciais nos trouxe à tona o que de fato seria o cinema. E de acordo com Jakobson (2007) a criação de tal arte ressignificou o mundo e a humanidade desde então:

Assistimos à gênese de uma nova arte. Ela cresce a olhos vistos. Desvincula-se da influência das artes precedentes; começa já a influenciá-las. Cria suas normas, suas leis e em seguida, com determinação, as subverte. Torna-se um poderoso instrumento

de propaganda e de educação, um fato social cotidiano, de massa; ultrapassa nesse sentido todas as outras artes (p. 153).

Por conseguinte, apresentaremos no decorrer desse trabalho como essa especificidade do cinema se faz presente nos dias atuais. Haja vista que, todo esse percurso sócio-histórico e evolutivo transposto para a tela fílmica incorporou diferentes elementos referenciais e artísticos para o que compreendemos enquanto sétima arte hoje. E de toda forma, é viável entender dado processo técnico e de descoberta através da cinematografia a partir de seus diálogos e diferentes linguagens com as demais artes.

1.1 Alteridade e seus diálogos referenciais: o desenvolvimento narrativo da linguagem cinematográfica

O filme serve para exercitar o homem nas novas percepções e reações exigidas por um aparelho técnico cujo papel cresce cada vez mais em sua vida cotidiana. Fazer do gigantesco aparelho técnico do nosso tempo o objeto das inervações humanas é essa a tarefa histórica cuja realização dá ao cinema o seu verdadeiro sentido (BENJAMIN, 1994, p. 174).

A partir do que foi apresentado no tópico anterior, compreende-se que todo esse caráter evolutivo do cinema (desde a primeira projeção pública com os irmãos Lumière até os primeiros experimentos técnicos e narrativos de Méliès) trouxe novos sentidos e significados para o que seria transposto para a tela fílmica.

E neste caso, o cinema no decorrer da segunda metade do século XX passa a ser então, desvinculado de uma mera imagem de “imitação” das demais artes e passa a ser compreendido como uma arte autônoma e quem em certos aspectos (como mencionado na citação de Jakobson no final do nosso último tópico), uma nova arte que ultrapassa até mesmo suas respectivas bases referenciais.

A exemplo disso, temos o surgimento de novas correntes teóricas que focaram também nessa especificidade e desenvolvimento da sétima arte já em suas primeiras décadas do século XX. Logo, surgiram também os primeiros que se dedicaram a essa nova arte e sua expectativa dentro do contexto da modernidade.

De acordo com P. Bauler (2013, p. 20), “com o cinema surge o esforço humano por uma nova linguagem, ou seja, um novo discurso de significantes, signos e símbolos”. De fato, dada criação com o cinema surgiu através desse anseio da modernidade de desenvolver uma arte que englobasse as mais diferentes linguagens e significados.

Contudo, vale também ressaltar que muito dessa compreensão sobre dado conceito de **signo**¹² naquela época ainda estava muito atrelado a áreas como a linguística, por exemplo. No entanto, a ideia apresentada pelos primeiros teóricos dedicados a essa nova arte cinematográfica é que tal signo transposto para a tela teria outro sentido, isto é, uma linguagem e leitura específica a partir dessas novas condições para arte moderna.

Segundo Guerra (2000, p.15), o cinema não tem em si uma língua, mas sim um signo e não necessariamente seria um signo linguístico. Em outras palavras, o cinema se aproxima sim de outras artes e linguagens, mas também, busca autonomia e devida alteridade a partir de seus processos criativos na tela.

É importante ter essa compreensão, até para articular também alguns desses conceitos que foram apropriados de outras áreas, visto que no cinema temos certas terminologias que são bem próximas dos estudos linguísticos ou mesmo da teoria da literatura. Para se ter uma ideia acerca, temos nos estudos teóricos sobre cinema que tematizam sobre a questão da linguagem, narrativa e signo. Mas é claro, tudo isso dentro de uma perspectiva mais autônoma e autoral da arte cinematográfica.

Para tanto, surgiu então entre as décadas de 1950 e 60 o termo conhecido como **autorismo cinematográfico**¹³, que já fazia uma espécie de legitimação do cinema enquanto

¹² Aqui destacamos o termo *signo*, pois, tal terminologia está bastante vinculada a concepção de *signo linguístico* apresentado na obra *Curso de Linguística Geral* (1916) organizado pelo teórico austríaco Ferdinand de Saussure (1857-1913). Na obra de Saussure, destaca-se o signo linguístico como uma estrutura/sistema subdividido em língua e fala, além de apresentar as noções sobre *significante* (objeto/imagem acústica) e *significado* (conceito). No caso da área audiovisual, a ideia sobre signo parte também de alguns desses conceitos apresentados anteriormente por Saussure. Contudo, pensamos aqui a ideia de signo no cinema a partir de estudos que especificaram a semiologia cinematográfica, ou seja, conceitos próprios e/ou apropriados para análise fílmica. A exemplo disso, temos autores como Christian Metz (1931-1993) que se tornaram referência nessa área audiovisual. Segundo o autor, a diferença entre os estudos linguísticos de Saussure e os estudos semiológico na área do cinema a partir da segunda metade do século XX “deve-se ao fato de que o filme é uma mensagem, ao passo que o que o cinema tem de próprio é um conjunto de códigos” (1980, p.55). Em outras palavras, o cinema seria uma nova combinação entre imagens, sons e textos em uma única linguagem, isto é, um conjunto de códigos que quando intercalados permitem tal criação de um objeto capaz de olhar e ler o mundo de outra forma.

¹³ O termo *autorismo cinematográfico* surgiu a partir da crítica cinematográfica especializada nos anos 50/60, como também, nas produções fílmicas da época que acompanharam a vanguarda da *Nouvelle Vague* francesa. Neste caso, destacam-se aqui autores como Jean-Luc Godard, François Truffaut e entre outros artistas que aderiram dado movimento em prol de uma produção autoral mais ligada as questões cotidianas, rompendo assim com o imaginário hollywoodiano sobre as produções cinematográficas em massa. No Brasil, tal conceito de autoria audiovisual foi também incorporado por cineastas como Glauber Rocha (1939-1981), premiado diretor de cinema nos anos 50 e 60 com obras que retratavam questões e denúncias sociais no país. Segundo o próprio cineasta, “onde houver um cineasta disposto a enfrentar o comercialismo, a exploração e o tecnicismo, aí haverá um germe do cinema novo” (2004, p. 85). Dessa forma, Glauber Rocha foi um dos idealizadores do movimento *Cinema Novo* no Brasil, muito inspirado no conceito de autoria cinematográfica da *Nouvelle Vague* francesa. No caso, o *Cinema Novo* brasileiro foi um movimento de crítica e renovação da (re)produção cinematográfica entre os anos 50 e início dos anos 70, retratando as desigualdades sociais e sofrimento do povo brasileiro, principalmente na região Nordeste do país. De tal modo, Rocha foi um dos grandes expoentes do movimento e levou tal manifesto identitário audiovisual para as premiações internacionais na época, o que ocasionou um grande destaque para suas obras.

linguagem e processo criativo único, mesmo com as equiparações com as demais artes clássicas referenciais. E até porque, antes o cinema era visto como mera cópia e reprodução de outras manifestações artísticas. Mas a partir da segunda metade do século XX, começa a ser concebido essa ideia acerca da autenticidade e dado protagonismo através das produções fílmicas.

Neste caso, os cineastas e roteiristas de cinema começam a ganhar o mesmo status que os escritores literários e teatrólogos, por exemplo. Ou seja, o devido destaque enquanto autores de uma nova arte, independente e promissora no que tange aos novos experimentos e técnicas. Em entrevista a revista *Cahiers du Cinéma* de 1962, Godard descreve acerca dessa experiência enquanto escritor/cineasta:

Escrever já era fazer cinema, pois entre escrever e filmar existe uma diferença quantitativa, não qualitativa. [...] Enquanto crítico, eu já me considerava um cineasta. Atualmente continuo a me considerar um crítico [...]. Considero-me um ensaísta, faço ensaios sob a forma de romances, ou então romances sob a forma de ensaios: simplesmente, eu os filmo, em vez de escrevê-los (1985, p. 285).

Vale também ressaltar que, Godard e outros autores da época tinham essa mesma visão sobre tal criar, principalmente no que se refere ao processo narrativo do cinema já na segunda fase do século XX. E a exemplo disso, temos o movimento da *Nouvelle Vague* nos anos 50 e 60 na França como uma proposta de cinema muito próxima da literatura e da poesia. Visto que os cineastas e roteiristas buscavam esse tipo de escrita autoral através das imagens do cinema.

Dessa forma, os filmes começaram também a se aproximar mais do texto escrito, isto é, incorporando e incrementando mais da palavra na sua (re)produção e narrativa cinematográfica. Entretanto, artistas como Godard enfatizavam esse ato de “escrever cinema” não apenas como a tradução estrita da palavra escrita propriamente dita, mas também, a partir de outros elementos que corroboram para esse narrar das cenas e histórias fílmicas.

E um desses recursos narrativos que podemos aqui destacar é o uso da própria câmera cinematográfica na construção não só da imagem, mas também, do texto por trás da tela. De acordo com Niney (2002):

À medida que o cinema se tornou linguagem articulada, que aprendeu a conjugar as imagens em histórias em diferentes temporalidades (do mesmo modo como se conjugam os verbos), a questão que se coloca não é somente a da natureza desta “ilusão verdadeira” criada pela filmagem, mas do pacto narrativo que implica a câmera com o mundo e os sujeitos que ela filma (p.08).

Nesse caso, a câmera cinematográfica exerce essa função narrativa através do seu olhar sobre o mundo e os sujeitos representados na tela. Para tanto, essa perspectiva da imagem-texto é muito recorrente nos primeiros estudos teóricos sobre cinema no século XX, principalmente

por essa busca por uma linguagem que amplie e dialogue sobre diferentes caracterizações na/da arte moderna.

Contudo, vale aqui acrescentar que essa linguagem narrativa desenvolvida no decorrer das décadas com o cinema se dá também pela sua disposição técnica que auxilia nessa criação de novas histórias para a tela. Ou seja, a partir da composição de outros elementos de filmagem que de alguma forma, contribuem com o narrar da imagem-texto na película fílmica.

Nesse sentido que pensamos aqui a própria câmera cinematográfica como dado recurso de narração na linguagem audiovisual, que conforme seu enfoque e/ou posicionamento da lente, traz novos sentidos e significados a partir dos seus códigos/signos que são transpostos para tela.

Conforme Aumont (2013, p. 141), “todo espaço é ao menos virtualmente marcado pelo narrativo”. Dessa forma, compreendemos aqui dado espaço do cinema a partir desse processo de narratividade audiovisual dentro e/ou fora da tela, levando em consideração tais reverberações desse tipo de conteúdo fílmico nos olhares e percepções junto ao público.

Ainda de acordo com Aumont (2013, p. 141), essas marcas narratológicas do cinema já estão presentes basicamente na composição e técnica de (re)produção fílmica, seja “no uso da profundidade de campo fotográfica, no jogo dos enquadramentos, portanto dos: ângulos e das distâncias, e é claro, no próprio corpo, nos gestos, nos olhares dos figurantes”.

De fato, o narrar está muito imbricado ao ato de fazer cinema, seja por suas referências às outras linguagens ou mesmo, pela disposição técnica do olhar cinematográfico para a criação e projeção para a tela. A exemplo disso, temos os recursos técnicos apresentados por J. Aumont anteriormente, que posiciona a câmera fílmica também como narrador e elemento de narração na captura de cenas e olhares sobre dada representação.

Outro ponto importante ressaltado pelo autor é a incorporação da expressividade perante a tela, isto é, a articulação e gesticulação das personagens dentro desse contexto da narrativa fílmica. De tal modo, a proximidade do cinema com a literatura e o teatro se dá por essa aferição narrativa que constrói histórias e personagens também para as versões audiovisuais.

Para elucidar melhor acerca desse tópico, apresentaremos aqui o trabalho de um cineasta que ilustra bem essa articulação entre linguagem, narrativa e técnica para a composição criativa do cinema. Neste caso, referenciamos aqui o diretor e roteirista estadunidense Stanley Kubrick¹⁴

¹⁴ Stanley Kubrick (1928-1999) foi um consagrado diretor e roteirista estadunidense de cinema na segunda metade do século XX e considerado por muitos estudiosos da área audiovisual como um dos maiores cineastas da história da sétima arte. Muito do destaque de Kubrick no cinema se dá pelas suas inovações narratológicas e técnicas na produção de seus filmes. Destaca-se tais obras como *2001: Uma odisseia no espaço*, *Lolita*, *Laranja mecânica*, *O iluminado* e tantos outros trabalhos que tornaram S. Kubrick como um dos maiores nomes do cinema de todos os tempos. Sendo assim, é importante ressaltar que uma das características fortes nas obras de Kubrick é o recurso de

considerado até hoje como um dos maiores autores do cinema mundial.

Exemplificamos através da obra de Kubrick, pois, boa parte dos seus filmes traz em si essa compreensão sobre essa linguagem e técnica específica para o cinema. Logo, vale ressaltar que muitas dessas produções fílmicas do autor utilizam também de referenciais da fotografia, da literatura e da música, por exemplo. Mencionamos isso também porque enfatizamos aqui nossa proposição com o tema: de articular e explanar o tópico sobre cinema em suas relações com as demais artes e linguagens.

Kubrick soube explorar bem isso, expandindo a linguagem e narrativa cinematográfica não só para a tela, mas também, para um olhar íntimo sobre diferentes ângulos e temáticas. Na obra *2001: A Space Odyssey*¹⁵ por exemplo, o cineasta traz como temática dada teatologia do gênero *Sci-Fi*¹⁶ para o cinema, além da incorporação de técnicas inovadoras para a época.

Produzido em 1960, *2001: A Space Odyssey* é considerada até hoje como um grande marco da história do cinema, principalmente pela qualidade de sua produção e tal atualidade sobre o tema abordado no filme. Contudo, nosso enfoque aqui é exemplificar através da referida obra como a autenticidade e desenvolvimento da linguagem cinematográfica permitiu novas formas de narrar na sociedade moderna.

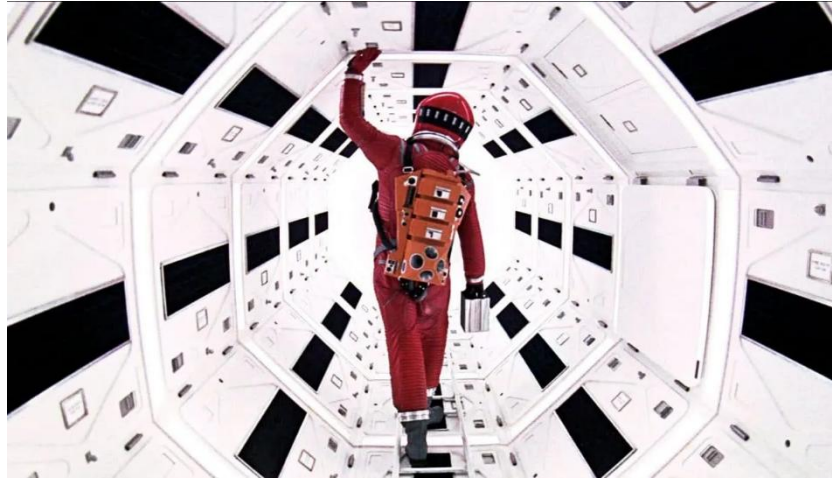
Desse modo, apresentamos na figura abaixo um frame extraído da obra já referenciada para ilustrar melhor nossa análise e relação com o tema:

enquadramento milimétrico e o jogo de cores intensas nas cenas compostas para seus filmes. Além disso, Kubrick fez muitas versões oriundas de obras literárias para as telas, o que salienta sua interação com as demais expressões artísticas.

¹⁵ *2001: A Space Odyssey* (2001: Uma odisseia no espaço) foi uma produção cinematográfica lançada no ano de 1968 pelo cineasta Stanley Kubrick. No caso, a referida obra é baseada no romance literário homônimo do escritor britânico Arthur C. Clarke (1917-2008) também lançada originalmente no ano de 1968. Vale ressaltar, que tanto a versão fílmica quanto o romance original trazem como enredo uma expedição espacial para o planeta Júpiter, onde os astronautas protagonistas (Dave Bownam e Frank Poole) se veem à mercê do computador central HAL 9000, que controla a nave espacial. Livro e filme trazem como tema esse embate ideológico entre humanos e máquinas, marca recorrente do gênero Ficção Científica na literatura e no cinema. Nesse quesito que, *2001: Uma odisseia no espaço* se tornou um verdadeiro marco nas telonas, considerado com um dos filmes mais referenciados no gênero *Sci-Fi*.

¹⁶ *Ficção Científica* (popularmente conhecido e/ou abreviado para termos como *FC* e *Sci-Fi*) é um gênero narrativo que traz como base conceitos ficcionais e imaginativos para seus enredos. Além disso, o gênero *Sci-Fi* costuma abordar acerca de temas relacionados a ciência, tecnologia, temporalidade e entre outros tópicos correlatos ao dado gênero. No caso, apresentamos tal conceito por conta de usa articulação e importância para o desenvolvimento do cinema nas últimas décadas. Muito por influência e referência as obras literárias, a ficção científica sempre foi um campo narrativo fértil para a (re)produção de filmes desde as obras de Méliès até os aperfeiçoamentos do gênero feito por cineasta como Kubrick. Na verdade, o gênero *Sci-Fi* se tornou muito popular graças ao cinema e tornou possível essa interação entre as versões fílmicas e suas respectivas obras literárias originais.

Figura 03 – Frame do filme *2001: A Space Odyssey* (2001: Uma Odisseia no Espaço) de 1968
Direção: Stanley Kubrick (Duração: 02 horas e 19 minutos)



Fonte: Acerco HBO Max (Streaming)

Disponível em: <<https://www.hbomax.com/br/pt/feature/urn:hbo:feature:GXjS6HAogSI-njwEAAASb?countryRedirect=1>> **Acesso em:** 10 de março de 2023

Observando a imagem acima, notamos o detalhismo técnico de Stanley Kubrick para suas obras. Logo, aqui é apresentado um enquadramento milimétrico que compõe boa parte de sua filmografia. No caso de *2001: A Space Odyssey*, Kubrick constrói a narrativa fílmica a partir dessas cenas quase que “fotográficas”, isto é, usando da disposição e aprimoramento técnico da câmera cinematográfica para destacar a história representada.

Mas afinal, como isso tudo é construído na linguagem e narrativa cinematográfica? Eis que tal questão recapitula e recorre também a outras expressões artísticas que também, fazem parte dessa composição na e para a tela fílmica. De acordo com Barthes (2008):

Compreender uma narrativa não é somente seguir o esvaziamento da sua história, é também reconhecer nela estágios, projetar os encadeamentos, horizontais do fio narrativo sobre um eixo implicitamente vertical; ler (escutar) uma narrativa não é somente passar de uma palavra à outra, é também passar de um nível ao outro (p 26).

Nesse sentido, conceituamos aqui a narrativa de Kubrick no cinema como esse nível a mais e capaz na tela fílmica. Visto que a (re)produção audiovisual é composta por esses níveis e estágios que envolvem diferentes narrativas e múltiplas linguagens. No caso da referida obra de Kubrick, exemplificamos essa construção narratológica que vai muito além da compreensão sobre as palavras, mas também, acerca dessa leitura de imagens e sons que se cadenciam numa projeção cinematográfica, por exemplo.

Além disso, a busca por alteridade pelo próprio cineasta é também um fator importante

para que se construa essa narrativa audiovisual. No caso de Stanley Kubrick com *2001: A Space Odyssey*, o autor teve como base a obra literária homônima para que pudesse fazer sua versão fílmica. Entretanto, o diretor fez também algumas mudanças no enredo da obra original, o que marca muito a autenticidade e originalidade de seu trabalho.

De fato, o cinema realiza esse tipo de intercâmbio narrativo e temático com as demais artes, levando em consideração sua (re)criação parte de uma ideia nova e totalmente diferente das suas fontes e referências originais. Logo, o que pudemos apresentar e discutir aqui remonta essa caracterização específica da sétima arte, que busca em si sua identidade e outras linguagens próprias. E nesse sentido que, o cinema se torna uma arte única e que nos provoca de tal forma com seus olhares e reflexões. De acordo com G. Deleuze (1985):

São estas imagens flutuantes, estes clichês anônimos que circulam no mundo exterior, mas também que penetram em cada um e constituem seu mundo interior, de modo tal que cada um só possui clichês psíquicos dentro de si, através dos quais pensa e sente, sendo ele próprio um clichê entre os outros no mundo que o cerca. Clichês físicos, óticos e sonoros, e clichês psíquicos se alimentam mutuamente. Como não acreditar numa poderosa organização intencional, num grande e poderoso complô, que encontrou o modo de fazer os clichês circularem de fora para dentro e de dentro pra fora? (p. 256-257).

Com efeito, observamos tais feitos que a sétima arte nos desperta com sua narrativa, tal encantamento se dá pela troca mútua entre o olhar da tela e nosso olhar no mundo. Não é à toa que até hoje o cinema nos desperta devido encantamento e que de certa forma, acaba também nos persuadindo por esses ditos clichês¹⁷.

Nesse tocante, evidenciamos essas combinações entre imagem-som-texto no cinema como um mecanismo poderoso de construção narrativa, principalmente se considerarmos ditos discursos hegemônicos transpostos para tela fílmica na atualidade. De fato, somos estimulados e até mesmo seduzidos por essa pluralidade de signos presentes na tela fílmica desde o período da modernidade.

Conforme Vernet (2006, p.96), esse efeito narrativo do audiovisual é construído através de elementos extracinematográficos, ou seja, conforme dada referência a outras manifestações artísticas (como no caso da literatura e do teatro, por exemplo), como também, a partir de outras experiências e conversações no contexto cotidiano.

Em outras palavras, o narrar do cinema vai muito além do que é projetado na tela fílmica,

¹⁷ O conceito apresentado sobre “clichê” é abordado também por Deleuze na obra *A Imagem-movimento* (1985). No caso, o autor problematiza o uso dessas imagens narrativas (remetidas aqui ao cinema) enquanto algo oculto, isto é, algo ou alguma coisa que é encobrida na imagem cinematográfica. De acordo com o próprio autor torna-se necessário romper com esse tipo de clichê, pois, acaba (re)produzindo certos estereótipos ou pensamentos óbvios em dado contexto no senso comum.

isto é, as histórias (re)contadas e os personagens vivenciados ganham então outro sentido nessa relação do olhar sobre o mundo. De acordo com Metz (2014, p.44), “o filme conta-nos histórias contínuas; ‘diz-nos’ coisas que poderiam também ser transmitidas na linguagem das palavras; mas ditas de modo diferente. De fato, dada narrativa cinematográfica torna-se uma experiência única a partir dessas percepções e sentidos (re)produzidos dentro e fora da tela fílmica.

Para tanto, buscamos aqui destacar o dito percurso da sétima arte como tal possibilidade narrativa e referencial para esse trabalho de pesquisa. Até porque, o audiovisual cada vez mais se faz presente também na construção de novos saberes e discursos na dita contemporaneidade, principalmente por seu caráter didático e persuasivo em abordar sobre certos temas e questões inerentes ao nosso senso humano. É nesse sentido que, iremos aqui explorar subsequentemente essa perspectiva mais elucidativa da arte cinematográfica. Neste caso, sob o olhar e viés onde o cinema vem também encontrando devido espaço e diálogo – na educação.

2 O CINEMA REALMENTE EDUCA? (E PARA QUEM E PARA O QUÊ?): UM PANORAMA SOBRE O USO FÍLMICO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

[...] A dimensão educativa, entendida no sentido formação (valores, visão de mundo, conhecimento, ampliação de repertório) permeia toda a experiência do cinema e está, ainda que de modo implícito, presente nos debates sobre os filmes, pois mesmo a reivindicação mais radical de um cinéfilo pela ‘autonomia’ do campo e seus rituais específicos já pode ser vista como expressão de um tipo muito particular de formação em que o cinema fica reduzido à educação para o próprio cinema e seu imaginário. Para mim, o cinema que ‘educa’, é o cinema que faz pensar [...] (XAVIER, 2008, p. 15)

A fala acima foi extraída da entrevista com o cineasta e teórico Ismail Xavier (uma das maiores referências nos estudos sobre cinema no Brasil¹⁸) para a revista *Educação e Realidade*. Iniciamos esse capítulo com tal citação, pois sintetiza bem o que já alçamos e problematizamos aqui sobre o tema em questão.

Neste caso, acompanhamos um pouco dessa trajetória com tal arte centenária que logo se expandiu para outros espaços e interações. Pensando nisso, consideramos aqui abordar sobre esses desdobramentos do audiovisual, isto é, a partir do seu aprimoramento e contribuições nos dias de hoje.

Para tanto, destacamos aqui uma das áreas onde o cinema vem agindo cada vez mais de forma efetiva e habitual, visto sua abrangência e articulação com outros temas e saberes. Dessa forma, abordamos aqui sobre o centrante da educação como meio de interação e integração no que se refere ao trabalho com o audiovisual no contexto de ensino.

Quando referenciamos inicialmente Ismail Xavier a partir dessa possibilidade de contato e experiência com o cinema na dinâmica educacional, estamos também ressaltando essa devida característica da sétima arte enquanto ampliação e conhecimentos (re)produzidos no olhar da/na tela.

De fato, um dos destaques apontados pelo autor nesse fragmento é justamente essa dada capacidade do cinema em nos educar pelo olhar, isto é, de assimilar e transmitir tais conteúdos através dessa transposição – do mundo para a tela fílmica (ou vice-versa). Sendo assim, iremos aqui apresentar na tese um pouco dessas possibilidades educacionais a partir do cinema, desde sua inserção no ambiente escolar até mesmo, seus principais desafios nessa dinâmica/interação com os saberes dentro e fora da sala de aula.

¹⁸ Professor emérito da ECA-USP, Ismail Xavier é conhecido nacionalmente por seus livros sobre cinema como: *O discurso cinematográfico* (1977) e *A Experiência do Cinema* (1983), considerados um dos maiores clássicos da bibliografia audiovisual brasileira.

E mesmo se tratando de uma arte centenária, o cinema demorou um pouco para adentrar essa compreensão e dimensão educativa. Até porque, a dita sétima arte em seus primórdios foi idealizada enquanto experimento e com um caráter de mais entretenimento para o público. No entanto, com o passar dos anos, alguns teóricos e cineastas começaram também a ver essa dada potencialidade do produto audiovisual enquanto mecanismo “pedagógico” e de formação social nas primeiras décadas do século XX.

A exemplo disso, podemos aqui destacar o desenvolvimento do cinema soviético a partir de 1917 com a Revolução Russa¹⁹. Logo, nomes como do cineasta teórico Serguei Eisenstein²⁰ começaram a ganhar projeção internacional por conta das técnicas e inovações atribuídas a seus filmes. Um dos mais conhecidos e considerado aqui também como um dos maiores marcos do cinema moderno, o filme *Encouraçado Potemkin*²¹ (1925).

No caso, a obra retrata sobre uma rebelião ocorrida no ano de 1905 em um navio onde os tripulantes insurgem contra os seus oficiais superiores. Mas além disso, a película é um dos primeiros experimentos no cinema moderno com técnicas de montagem e edição de cenas (algo extremamente inovador para época).

Mas afinal, o que isso tem a ver com a educação no caso? Vamos lá adiante: visto o seu caráter mais “revolucionário”, o filme *Encouraçado Potemkin* se tornou também uma estratégia política de difusão ideológica no governo soviético. Ao ponto de Vladimir Lenin²² (até então, um dos principais líderes estadistas naquela época) ressaltar a arte cinematográfica como uma

¹⁹ Tal período ficou marcado pelos conflitos e transições da monarquia do Império Russo (antes dominados pelos Czares) para o governo do partido revolucionário dos Bolcheviques, liderados por Vladimir Lenin. Considerado o primeiro país do socialista do mundo, a então criada União Soviética (que perdurou até meados de 1991) buscou um maior desenvolvimento industrial, como também, melhores condições de vida para os operários e a população que vivia nas zonas rurais (que eram maioria na Rússia naquela época).

²⁰ Considerado até hoje como um dos maiores pensadores do cinema moderno, Serguei Eisenstein (1898-1948) foi um artista revolucionário da vanguarda russa e considerado um dos percussores do cinema soviético no início do século XX. Conhecido pelos seus grandes trabalhos no cinema como no caso da *A Greve* (1924), *Encouraçado Potemkin* (1925) e *Outubro* (1928), Eisenstein ficou conhecido também por ser um dos primeiros diretores a inserir o conceito de montagem em suas produções, principalmente por abordar sobre questões sociais (algo ainda novo naquela época). Além disso, Eisenstein foi também grande referência teórica no cinema, especialmente em obras como *A Forma do Filme* (1929) e *O Sentido do Filme* (1942) que inovaram nos estudos sobre a linguagem fílmica.

²¹ Filme do cineasta Serguei Eisenstein exibido originalmente em 1925, *Encouraçado Potemkin* logo se tornou um dos grandes marcos do cinema moderno e já considerado um dos melhores filmes já produzidos de todos os tempos. A exemplo disso, o filme foi escolhido na Feira Mundial de Bruxelas em 1958 e no *British Film Institute* de 2002 entre as 10 obras mais relevantes do cinema mundial.

²² Vladimir Ilyich Ulianov (mais conhecido pelo pseudônimo Lenin) foi um revolucionário comunista, político e teórico marxista que exerceu também o cargo de chefe de Estado da Rússia Soviética entre os anos de 1917 e 1924. Sob sua administração, a União Soviética tornou-se um Estado socialista unipartidário e governado pelo Partido Comunista. Além disso, Lenin propôs inúmeras mudanças econômicas e sociais no país como a reformulação do sistema educacional russo, como também,

das ferramentas mais importantes para o povo russo²³.

Tal afirmação refletiu na política educacional soviética, que começou a investir mais na difusão e reprodução de conteúdos audiovisuais nas escolas russas²⁴. E na verdade, o governo viu através dos filmes a possibilidade de “educar ideologicamente”, isto é, enaltecer e persuadir a população russa com dadas referências revolucionárias ao partido comunista na época. E para ilustrar melhor tal momento, segue aqui uma das cenas presentes no filme *Lenin em 1918*:

Figura 04 – Boris Schukin no filme *Lenin em 1918* (dirigido por M. Romm, *Mosfilm*, 1939)



Fonte: Site CPC – UMES Filmes

Disponível em: <http://www.cpcumesfilmes.org.br/prestashop/content/57-cinema-e-consciencia-social>.

Acesso em: 11 de junho de 2023

A cena em si representa essa gênese entre o cinema e a educação no governo soviético. De fato, era importante essa veiculação com a imagem fílmica para educação e formação cidadã na Rússia, principalmente com dado desenvolvimento e difusão da crescente (re)produção dos

²³ O caso em específico refere-se a uma conversa entre Lenin e Anatóli Lunatcharski (que na época era comissário do povo, equivalente a ministro nos dias atuais) em fevereiro de 1922. O registro desse diálogo ficou também bem conhecido por conta da célebre frase de Lenin: “De todas as artes, o cinema é, para nós, a mais importante”. Dada importância se enfatiza principalmente pela facilidade e inovação da linguagem cinematográfica para a população russa, que até o momento era majoritariamente analfabeta. Para tanto, Lenin orientava que tais filmes fossem mais “pedagógicos” e “científicos”, a fim de didatizar (e convencer) o público de massa na Rússia.

²⁴ Com a ascensão dos bolcheviques ao poder em 1917, o sistema educacional russo passou também por grandes transformações de base, onde a educação foi democratizada em todos os níveis e partindo do princípio que atrelava o ensino com o trabalho produtivo do país, ou seja, na formação intelectual e técnica (vinculada principalmente as teorias marxistas).

EUA²⁵. Neste caso, a União Soviética adotou também uma política de incentivo para a produção cinematográfica de forma autônoma e autoral, tornando-se referência nos estudos e teorias sobre audiovisual na época (e até mesmo nos dias de hoje).

A efeito disso, Mocellin (2009, p. 37) argumenta que os soviéticos utilizaram o cinema como instrumento de propaganda. Havia até um argumento entre os próprios dirigentes russos que a sala de cinema deveria substituir o boteco e a igreja, devendo ser o suporte para a educação das massas. Logo, percebemos que o cinema começa também a ganhar outra importância dentro desse contexto político-pedagógico, ou seja, a materialidade fílmica passa a ser compreendida e (re)produzida a partir dessa sua capacidade de transmitir temas e conteúdos para a tela.

Dessa forma, destacamos aqui a potencialidade e possibilidade educacional através dos filmes, seja por sua perspectiva ideológica e persuasiva (como foi no caso do cinema soviético no início do século XX) ou mesmo, por sua adequação e instrumentalização nos mais diferentes espaços para projeção. E nesse seguimento que, iremos dar devida continuidade ao tema a partir dessa hipótese com o cinema em sala de aula – é realmente possível?

2.1 Hipóteses sobre cinema no contexto de escolarização: experiências e possibilidades didáticas a partir do uso fílmico em sala de aula

Pode-se obrigar alguém a aprender, mas não se pode obrigá-lo a ser tocado. Todos sabemos que os livros, filmes, músicas que contaram em nossas vidas foram encontrados individualmente, na esfera da intimidade, cada um consigo mesmo, ainda que esse encontro tenha ocorrido aparentemente numa situação de grupo ou de transmissão instituída. Quando a escola obriga a aprender – com o objetivo de qualificar os alunos para sua futura inserção social, e ela deve fazê-lo – ela não tem obrigatoriamente por referência primeira favorecer a possibilidade de um encontro individual com uma obra. (BERGALA, 2008, p. 62).

Iniciamos esse tópico com a descrição de Alain Bergala²⁶, pois, remonta o percurso aqui apresentado acerca dessa inserção do cinema no contexto educacional, visto o conteúdo e dada influência dos filmes no início do século XX. Contudo, buscamos também detalhar nessa parte um outro viés sobre essa pedagogização cinematográfica, isto é, a partir dessas possibilidades

²⁵ Mesmo com a difusão do governo soviético, ainda era bastante reproduzido dados filmes estadunidenses, como também, obras de outros países europeus. Entretanto, boa parte desses filmes russos passaram por uma espécie de boicote nos EUA e Europa (por conta do caráter ideológico e de propagação ao comunismo).

²⁶ Alain Bergala (1943, Brignoles) é um crítico, ensaísta e realizador de cinema que se destaca pelos seus trabalhos sobre uso fílmico em sala de aula. Nos anos 2000 tornou-se conselheiro do político Jack Lang (até então, Ministro da Educação na França), onde desenvolveram diversos projetos voltados para acesso e reprodução audiovisual nas escolas francesas. A efeito disso, foi acrescentado ao currículo escolar os estudos sobre cinema, como também, o incentivo de produções autorais independentes feitas pelos próprios alunos.

didáticas de (re)criação a partir do uso fílmico em sala de aula.

Para isso, é importante também compreender que mesmo com efeitos ideológicos e até mesmo políticos, o cinema no contexto escolar tem um papel amplo e dinâmico que vai muito além da exibição/projeção propriamente dita. Claro que, esse acesso fílmico é crucial para tal formação e percepção do público (pensando aqui na comunidade e agentes escolares no caso).

Entretanto, passamos aqui nosso enfoque temático para dada potencialidade do cinema enquanto produto e criação, ou seja, aprender e fazer a partir da arte cinematográfica. Partindo de um viés mais elucidativo e pedagógico, referenciamos aqui Freire (1996, p. 21) que argumenta sobre “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção, ou sua construção”.

De fato, com a inserção do cinema não seria muito diferente, visto sua dada capacidade de abordar e aprofundar sobre certas temáticas, como também, instigar dada (re)criação do olhar sob a tela. Nesse sentido, começamos também a identificar essa relação do audiovisual com a educação não apenas como mera transmissão de conteúdos, mas também, como um vínculo sociocultural que se faz vivente no contexto (dentro e fora) da sala de aula. Conforme Fresquet²⁷ (2013, p.19):

Os possíveis vínculos entre o cinema e a educação se multiplicam a cada momento, a cada nova iniciativa ou projeto que os coloca em diálogo. Fundamentalmente, trata-se de um gesto de criação que promove novas relações entre as coisas, pessoas, lugares e épocas. De fato, o cinema nos oferece uma janela pela qual podemos nos assomar ao mundo para ver o que está lá fora, distante do espaço ou no tempo, para ver o que não conseguimos ver com nossos próprios olhos de modo direto.

Esse olhar além do que realmente se vê, permite a escola encontrar aqui novos caminhos (sejam do ensino escolarizado propriamente dito ou mesmo, da própria experiência vívida além dos muros da escola). De modo que o cinema contribui significativamente para essas criações e relações com o mundo exterior, além de outros saberes que já são abordados no dito contexto de escolarização.

Nesse tocante, vemos as possibilidades educativas e de socialização através da inserção do cinema na experiência/vivência escolarizada. Contudo, é importante também ressaltar que estamos lidando aqui com um objeto artístico, como também, um produto de consumo para o entretenimento do público. De fato, é válido destacar isso, pois, a ambientalização do cinema

²⁷ Adriana Fresquet é professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FE/UFRJ) e é considerada uma das principais referências sobre estudos sobre cinema e educação na América Latina. Além disso, participou na criação de vários cineclubes em escolas públicas no Rio de Janeiro, como também, na fundação da Rede Kino (Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual) que oferta cursos e seminários sobre o tema para a comunidade em geral. Disponível em: <<http://www.redekino.com.br/>>.

em sala de aula deve também ser considerada a partir desses elementos que já compõem essa materialidade audiovisual. Nesse segmento que Duarte (2002) argumenta acerca dessa prática e experiência com o cinema, sejam dentro ou fora do universo escolar:

O cinema está no universo escolar, seja porque ver filmes (na telona ou na telinha) é uma prática usual em quase todas as camadas sociais da sociedade, seja porque se ampliou, nos meios educacionais, reconhecimento de que, em ambientes urbanos, o cinema desempenha um papel importante na formação cultural das pessoas (p.86).

A partir do excerto referenciado, consideramos também que essa vivência com o cinema (em seus diferentes formatos e telas) está presente cada vez mais cedo em nossas experiências cotidianas, isto é, desde nossa infância já vivenciamos algo relacionado com os ditos conteúdos audiovisuais. Dito isso, autores como Alain Bergala aprofundaram também seus estudos sobre o contato e experiência com cinema na infância, principalmente no contexto de aprendizagem na escola.

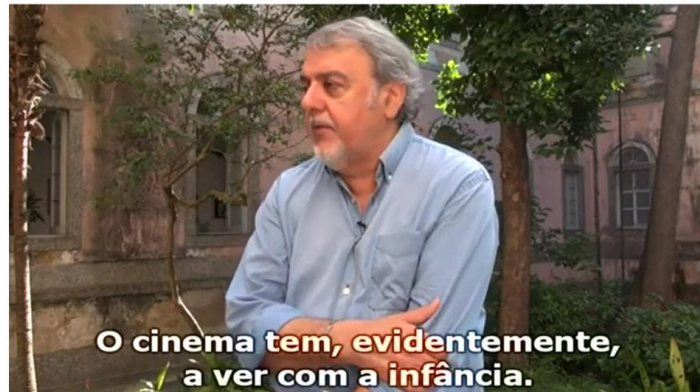
Para o referido autor, essa etapa de escolarização na infância é de suma importância para o contato e desenvolvimento lúdico a partir dessa experimentação do cinema em sala de aula. Na obra *Hipótese-cinema*²⁸, Bergala destaca que “a sorte do cinema é suscitar espontaneamente a curiosidade e o desejo das crianças” (2008, p. 92). De fato, o olhar maravilhado da infância sob a tela pode se tornar uma prática pedagógica usual, levando em consideração tal abrangência do conteúdo e linguagem audiovisual na contemporaneidade.

A exemplo disso, temos também no videodocumentário *Abecedário de Cinema*²⁹ (2019) um pouco dessa percepção de Bergala sobre cinema na infância e no contexto da educação. Na coletânea de entrevistas, o autor aborda desde suas primeiras experiências cinematográficas até análises mais técnicas sobre alguns filmes e outras produções audiovisuais na atualidade. E para ilustrar melhor acerca do tema, destacamos aqui um dos frames presentes no documentário:

²⁸ O livro *hipótese-cinema: pequeno tratado sobre a transmissão do cinema dentro e fora da escola* é uma das obras mais conhecidas do teórico Alain Bergala. Produzida a partir de suas experiências no governo francês nos anos 2000, Bergala descreve um pouco sobre a inserção curricular dos estudos sobre cinema nas escolas públicas na França, além de suas vivências enquanto documentarista e realizador de cinema na época.

²⁹ *Abecedário de Cinema* é um videodocumentário produzido pela CINEAD/UFRJ em 2019, que conta com uma série de entrevistas com o pesquisador e professor Alain Bergala sobre diferentes temas relacionados com cinema e educação. A produção audiovisual faz parte do projeto

Figura 05 – Alain Bergala em *Abecedário de cinema* (2019)



Fonte: CINEAD/UFRJ

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=jhjVzGOVngw> > **Acesso em:** 11 de junho de 2023

Tal fala de Bergala remonta também aquilo que já apresentamos e discutimos durante os capítulos acerca do caráter lúdico e mágico da sétima arte. Para tanto, o próprio autor reforça tal ideia de que é crucial nesse período da infância o contato e experiência com o cinema (seja na escola e/ou outros ambientes de socialização), visto que o mundo transposto para a tela passa a ser compreendido como uma espécie de novidade, ou seja, para o olhar da infância tudo que é projetado na tela fílmica é um novo universo a ser explorado.

De fato, muitos autores e cineastas atribuem a magia do cinema principalmente por esse olhar de descoberta e tal fascínio na infância. François Truffaut (2005, p.36) até argumenta que “um sorriso de criança na tela e o jogo está ganho. Mas justamente o que salta aos olhos quando examinamos a vida é a gravidade da criança em relação à futilidade do adulto”. Desse modo, a infância está muito imbricada com a sétima arte, seja pela própria experiência lúdica com olhar sob a tela ou até mesmo, a possibilidade de aprender e (re)criar a partir desse jogo entre palavra, som e imagem.

Mas pensando tudo isso sob um viés pedagógico dentro do contexto de escolarização, é possível realmente aprender algo ou mesmo ensinar teoricamente através da arte? Dentro desse escopo de pesquisa e trabalho, ressaltamos uma fala de Bergala que pondera sobre tal uso da sétima arte na escola. Segundo o autor, “a arte não se ensina, mas se encontra, se experimenta, se transmite por várias vias além do discurso do saber, e às vezes mesmo sem qualquer discurso” (2008, p. 31).

Nesse sentido, começamos aqui a considerar que essa possibilidade didática da arte cinematográfica parte da sua experiência, isto é, do seu encontro e vivência nos mais diferentes contextos e sujeitos em sala de aula. Bergala enfatiza esse contato e apreciação com o cinema,

pois, é a partir daí que é possível fazer um trabalho mais aprofundado e de forma efetiva com o recurso e uso audiovisual na escola.

Contudo, é importante salientar que essa abordagem fílmica no contexto escolar pode abranger outras problemáticas que vão muito além da compreensão curricular de ensino-aprendizagem, ou seja, outras formas de saberes que ainda sofrem para ganhar o devido espaço enquanto possibilidade temática e metodológica. Nesse quesito que Duarte (2002) aborda sobre essa inserção do cinema no meio educacional:

O cinema ainda não é visto pelos meios educacionais como fonte de conhecimento. Sabemos que a arte é conhecimento, mas temos dificuldade em reconhecer o cinema como arte (com uma produção de qualidade variável, como todas as demais formas de arte), pois ainda estamos impregnados da ideia de que o cinema é só diversão e entretenimento, principalmente se comparado a artes 'mais nobres'. Imersos em uma cultura que vê a produção audiovisual como espetáculo de diversão, a maioria de nós, professores, faz uso dos filmes apenas como recurso didático de segunda ordem, ou seja, para 'ilustrar', de forma lúdica e atraente, o saber que acreditamos estar contido em fontes mais confiáveis (DUARTE, 2002, p. 87).

De fato, a inserção do cinema na prática escolar ainda encontra certos obstáculos no que se refere sua compreensão enquanto possibilidade didática. Até porque, o ensino-aprendizagem a partir dos filmes ainda é algo até recente dentro da realidade de alguns alunos e professores em sala de aula. E de toda forma, destaca-se o papel da escola ao promover esse acesso fílmico e experimentação com os conteúdos audiovisuais, seja por um viés mais pedagógico ou mesmo de puro entretenimento.

Sendo assim, daremos continuidade no capítulo subsequente a partir de um tópico que se relaciona bastante com a abordagem e interação do cinema em sala de aula. Neste caso, aqui referenciamos o diálogo e leitura do cinema em proposição com o ensino de literatura em sala de aula, visto que é uma prática até recente e bastante recorrente ao se tematizar sobre possíveis e novas leituras entre a fonte literária e o respectivo conteúdo fílmico.

3 LITERATURA É (SÓ) LITERATURA E CINEMA É (SÓ) CINEMA?

A partir do que apresentamos nos capítulos anteriores, destacamos também aqui dada relação da linguagem e narrativa do/no cinema a partir de outra área e objeto que condiz muito com seu desenvolvimento e referência do texto para a tela fílmica. Neste caso, referenciamos a literatura enquanto corpus e tematização para nossa proposição de diálogo com a respectiva arte cinematográfica.

De fato, quando pensamos sobre as obras fílmicas logo remetemos também as versões já transpostas para as telas. Visto que literatura e cinema possuem esse diálogo mútuo desde a criação da sétima arte. De toda forma, visamos aqui apresentar um pouco dessas interlocuções para explicar ainda mais nosso objeto de pesquisa.

Nesse sentido, pensamos na seleção de leituras e teóricos que abordam sobre dada temática na atualidade, principalmente por se tratar de um assunto mais recorrente nas últimas décadas. Logo, vale também ressaltar que as linhas de pesquisa sobre esse tema (de literatura e cinema) ainda sofrem com certa resistência em alguns pontos temáticos (e que detalharemos ainda mais no decorrer desse trabalho), pois, se trata de um enfoque e estudo consideravelmente até recente, comparada com outras áreas da linguística e da própria literatura, por exemplo.

Desse modo, vemos como um grande desafio (mesmo que há mais estudos sobre o tema atualmente) sobre essa relação entre literatura e cinema. Para se ter uma ideia acerca, teóricos como Carrière³⁰ (também conhecido por seu trabalho como roteirista e em parceria com o diretor de cinema Luis Buñuel³¹) expressam essa complexidade e interação entre ambas tais linguagens. Conforme o próprio autor, “provavelmente, é tão difícil escrever um livro sobre cinema quanto seria fazer um filme sobre a linguagem literária. Não posso usar imagens e sons nestas páginas, e os livros sobre a história do cinema, ilustrados com fotos, pois sempre me pareceram híbridos e ilegítimos” (CARRIÈRE, p. 38).

³⁰ Jean-Claude Carrière (1931-2021) foi um premiado roteirista e grande teórico nos estudos sobre cinema francês no século XX. Além disso, foi presidente da La Fémis (escola de arte e cinema) em Paris onde desenvolveu várias parcerias com outros cineastas como no caso de Luis Buñuel nos filmes *Belle de jour* (1967) e *Le charme discret de la bourgeoisie* (1972), tidas como grandes marcos do realismo cinematográfico francês e bastante vinculada a produção literária na época.

³¹ Luis Buñuel Portolés (1900-1983) foi um realizador de cinema espanhol e posteriormente naturalizado como mexicano que ficou mundialmente por suas obras surrealistas no início do século XX. A exemplo disso, temos o clássico fílmico *Um Cão Andaluz* de 1929 que conta com a participação do artista Salvador Dalí no processo de criação do curta. Luis Buñuel ficou também conhecido por seus trabalhos a partir de obras literárias para o cinema, como no caso de *Belle de jour* (1967) e *Le charme discret de la bourgeoisie* (1972). Além disso, o referido cineasta ficou conhecido por seu trabalho e busca autoral a partir da linguagem cinematográfica na época, buscando assim uma espécie de transgressão entre suas obras adaptadas para a tela fílmica.

Neste caso, entramos num tópico que é bastante problematizado nessa interação entre a literatura e o cinema que é o conceito/processo de **adaptação**. Destacamos aqui tal termos, pois, está muito imbricado quando pensamos e referenciamos os estudos fílmicos conjuntamente com os estudos literários. De fato, o termo “adaptação” é muito recorrente quando pensamos em um filme que foi inspirado e/ou baseado em determinado livro, por exemplo. Contudo, é importante desde já fazer uma breve distinção entre ambos, visto que se trata de obras e linguagens com teor totalmente diferentes.

Até porque, estamos aqui tratando também de dois objetos artísticos que possuem em si suas especificidades, isto é, cada qual com sua proposta e leitura para determinados contextos. Nesse sentido que, referenciamos também autores como Vinicius de Moraes que tendem a essa mesma percepção sobre a arte literária/cinematográfica e também, musical:

Cinema é cinema, literatura é literatura, (música é música.) Pouco importa que se crie um roteiro de uma obra literária. O verdadeiro diretor é que não tem nada de se deixar influenciar pela matéria literária de onde vai nascer seu filme. Suas imagens serão livres, serão criação sua, nunca ilustração a bico de pena do que leu (MORAES, 1991, p. 89)

Tal diferenciação apresentada por Vinicius de Moraes entre literatura e cinema no campo das artes é importante para compreender essas proposições técnicas e criativas de cada produção artística. Neste caso, trata-se aqui não apenas como uma mera reprodução de determinada arte para outra versão, mas também, uma (re)criação a partir de elementos e incorporações de outras artes. Em outras palavras, dada obra fílmica (mesmo que oriunda dessa base/influência literária) é ainda uma interpretação própria e independente de suas respectivas fontes, ou seja, concebida a partir de uma ideia e leitura específica sobre determinado tema.

Outro detalhe importante apontado na citação de Vinicius de Moraes³² é acerca da alteridade do artista e/ou cineasta (o que discutimos nos capítulos anteriores) sobre essa (re)produção literária para a tela fílmica, por exemplo. De fato, tal diretor de cinema que se dispõe a versar sobre uma obra literária tem que ter essa devida consciência sobre a autonomia e especificidade da versão audiovisual.

Contudo, vale também ressaltar que dada alteridade e suas respectivas diferenciações

³² Conhecido nacionalmente e mundialmente pela sua atuação no campo da poesia e da música, Vinicius de Moraes (1913-1980) foi também um artista bastante envolvido com outras linguagens e manifestações artísticas. No caso do cinema, o poeta e compositor escreveu diversas críticas cinéfilas para o jornal *A Manhã* na década de 40. Além disso, Vinicius de Moraes chegou a cursar a faculdade de cinema em 1947 com Orson Welles (renomado diretor estadunidense conhecido pelo clássico *Cidadão Kane* de 1941). Participou também enquanto avaliador e júri em festivais de cinema nos anos 50. E por fim, recebe o prêmio da Palma de Ouro em Cannes pela adaptação fílmica da peça Orfeu Negro em 1959 (peça e roteiro escrito pelo próprio Vinicius de Moraes na época).

entre literatura e cinema ocasiona numa espécie de equiparação entre tais artes, isto é, comparando dada fonte literária a partir do conteúdo que é transposto para a versão cinematográfica. De fato, quando adentramos nesse campo de discussão sobre literatura e cinema é quase que inevitável essas comparações entre livros e filmes, por exemplo.

No entanto, cabe aqui destacar também que nosso enfoque temático para a pesquisa não se delimita a essa premissa estritamente comparativista (e que muitas vezes, mesmo que indiretamente, incita a uma espécie de competição/rivalidade entre tais artes e suas respectivas linguagens). Mas sim, uma abordagem que evidencie tais aspectos mais concomitantes entre a literatura e o cinema na contemporaneidade.

De fato, tal proximidade é mais recorrente e usual principalmente levando em consideração as diferentes formas de acesso e leitura na atualidade. Nesse sentido, surgiram vários autores e estudos a partir do final do século XX e início do século XXI que tematizavam sobre essas relações entre literatura e cinema. A exemplo disso temos Josef (2004), que aborda em seu texto sobre esses aspectos relacionais (e diferenciais) entre o texto literário e a linguagem audiovisual:

Existem relações de sentido mútuo e certas semelhanças entre cinema e literatura: o contar uma história sob uma forma visual do narrar, as constantes analogias, ainda que discutíveis, entre a cena e a palavra, sequência e frase. Mas, por outro lado, as linguagens e respectivos códigos entre cinema e literatura distinguem-se não só pela estruturação temporal da narrativa – tempo de projeção / tempo de leitura. A imagem é fato apresentado que, jogando com a duplicação do objeto e o movimento, proporciona uma nova forma de percepção, através de sua construção ativa (p. 132).

Essa distinção mencionada pela autora já enfatiza uma abordagem e conseqüentemente, uma análise diferente sobre esses objetos de estudo. Visto que literatura e cinema devem ser observados e interpretados a partir de suas abrangências e particularidades temáticas. Em outras palavras, se torna quase impossível analisar uma determinada obra cinematográfica sob os mesmos critérios e as possíveis leituras de uma obra literária, por exemplo (ou vice-versa). Pois, estamos tratando aqui de **artes diferentes com suas respectivas linguagens, veiculadas em espaços e para públicos bem específicos na atualidade.**

Sendo assim, é importante ressaltar dado aspecto diferencial para que também desmistifique algumas pressuposições no que se refere principalmente às versões cinematográficas baseadas em obras literárias. Neste caso, compreende-se aqui que essa transposição (do livro para a tela fílmica) envolve também diferentes camadas (sejam elas textuais ou mesmo, outras fontes referenciais para a composição do que é considerado hoje como material audiovisual).

Até porque, conforme Carmem Bolognini (2011, p.16), “a discussão acerca da adaptação da literatura para o cinema vai muito além de se dizer que um filme é melhor ou pior do que o livro no qual foi baseado”. Visto que não se trata também de um processo meramente simplista – que é converter dado texto literário para uma versão cinematográfica, por exemplo.

Sabe-se que para fazer um filme (principalmente nos dias atuais) envolve diferentes recursos técnicos e estilísticos. Claro que, as obras que são versadas e/ou inspiradas a partir de determinadas fontes literárias acabam sendo equiparadas, o que ainda ocasiona algumas divergências já evidentes entre filme e livro, respectivamente.

Dessa forma, pensamos especificar para o próximo subtópico deste capítulo um pouco mais acerca desse processo de transposição da literatura para o cinema. Visto que há ainda um grande debate sobre dados conceitos que envolvem o tema, principalmente no que condiz às terminologias e técnicas utilizadas para referenciar essa transição (do livro para o filme, por exemplo).

Por fim, a proposta inicial deste subcapítulo descrito foi de apresentar os primeiros indícios acerca dessas relações e especificidades das respectivas linguagens artísticas (literária e fílmica) no que se refere à/na atualidade.

3.1 Adaptação, inspiração ou versão? Terminologias e técnicas a partir da transição do livro para filme

A partir do que já foi apresentado no tópico anterior, vimos que dado processo de transição da literatura para o cinema não ocorre de modo tão simples, principalmente por conta dos embates e comparações recorrentes entre as obras literárias e suas respectivas versões cinematográficas. Dito isso, aprofundamos aqui nesse tópico em questão no que se refere a esse processo de transposição dos livros para as telas fílmicas na atualidade. Visto que tornou-se uma prática até mesmo usual em relação ao consumo e possíveis públicos a partir dessa interação entre literatura e cinema.

De fato, esse diálogo retoma também alguns questionamentos acerca do papel da literatura no contexto atual e como isso se articula com outras técnicas e linguagens como no caso cinema por exemplo. Nesse sentido, pensamos aqui primeiramente acerca dos aspectos relacionais e diferenciais entre ambas as artes, levando em consideração que não se trata aqui de uma abordagem que faz seu juízo de valor sobre as respectivas obras. Pelo contrário, amplia

o lócus de estudo e atuação dessas artes no contexto da contemporaneidade, isto é, a partir de leituras e aplicações que ressignificam tal funcionalidade - do livro para o filme (ou vice-versa).

Partindo desse tópico temático, P. Bauler (2013, p.30-31) argumenta que “o Cinema olha a Literatura como fonte de inspiração e de divulgação ideológica dos cânones como matéria-prima de filmes, estabelecendo certos pontos de convergência e de divergência entre a literatura da obra de arte literária e a leitura da obra de arte cinematográfica”. E é nesse tocante que começamos a analisar dada relação entre literatura e cinema a partir dessa transição - da fonte referencial literária para a versão e leitura projetada para tela fílmica, por exemplo.

Contudo, uma compreensão comum (principalmente por parte de alguns leitores literários) é de que essa transposição da literatura para o cinema seria delimitada a um processo de **tradução e fidelidade da obra original**, isto é, replicando os mesmos elementos narrativos e estilísticos do que seria a versão cinematográfica. Além disso, tal argumento reforça ainda uma relação codependente e de certa forma, até mesmo reducionista para o papel de alteridade e criação do cinema nos dias de atuais (algo que já mencionamos nos capítulos anteriores).

Nesse sentido, resolvemos para esse capítulo investigar mais acerca desses conceitos e como eles são abordados nos estudos sobre literatura e cinema. Logo, notamos diferentes termos e designações que tematizam exatamente esse processo de transposição de ditas obras literárias para as telas cinematográficas.

Partindo inicialmente por esse conceito de tradução propriamente dito, C. Cluver (2006) até ressalta que “qualquer tradução oferecerá, inevitavelmente, mais do que o texto original oferece, e também menos” (p. 116). Neste caso, vemos essa diferenciação quando autor cinematográfico (seja o roteirista ou mesmo, o diretor das cenas) traduz, para a película fílmica, outras e novas percepções acerca daquela obra literária original (ora com mais recursos técnicos e estilísticos, ora com algumas adaptações para uma dita narrativa audiovisual).

De toda forma, essa transição da literatura para o cinema perpassa por algum grau e todo processo de tradução entre tais textos (do literário para o roteiro cinematográfico, respectivamente). E a exemplo disso, temos autores como Haroldo de Campos (uma das grandes referências na área e estudos sobre tradução no Brasil) que ressalta que esse ato de traduzir “será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma, porém recíproca” (CAMPOS, 1992, p. 35).

Nesse sentido, relacionamos aqui o cinema a partir dessas referências com a literatura. Neste caso, uma versão para o formato audiovisual nada mais é do que uma forma de recriação a partir de determinada fonte literária, isto é, uma obra independente da sua base referencial,

mas que também, exerce um diálogo mútuo enquanto arte e linguagem.

Logo, vale também ressaltar que dado aspecto de tradução da linguagem literária para o que seria o formato audiovisual não se trata meramente de uma cópia fidelizada a sua fonte original. Haja vista que há ainda essa compreensão equivocada de que qualquer versão audiovisual deve ter em si essa obrigatoriedade com a narrativa literária, por exemplo. É nesse tópico em questão que, Robert Stam (2008) pondera sobre essa aplicabilidade e fidelização a partir da obra literária para o cinema:

A passagem de um meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável (p. 20).

De fato, essa descrição apresentada pelo autor corrobora com a problematização do tema, levando em consideração que estamos tratando de artes devidamente distintas em suas construções simbólicas, isto é, que envolvem técnicas e recursos específicos para sua (re)produção final. Portanto, seria difícil termos uma produção genuinamente idêntica e fiel a sua fonte original. Ademais, esse tipo de discussão (que faz certo juízo de valor pela fidelidade da obra) pouco contribui para os estudos e devidos aprofundamentos sobre essa relação entre literatura e cinema.

Visto isso, diferentes correntes teóricas (principalmente nas áreas de Literatura Comparada e dos Estudos Culturais) trazem outras abordagens acerca desses respectivos objetos artísticos. De forma que, novos conceitos e expressões começam também a surgir nas últimas décadas no intuito de caracterizarem esse fenômeno de obras literárias para as telas fílmicas.

A exemplo disso, temos aqui então alguns termos destacados por R. Stam (2006, p. 27) tais como **adaptação, convergência, inspiração, releitura, tradução, transposição, versão e entre outras nomenclaturas**. Logo, nota-se a tamanha variedade de terminologias que conceituam esse processo de ressignificação da literatura para o cinema (e/ou vice-versa). Visto que se refere a uma área de estudos consideravelmente recente (comparada a outras correntes teóricas tradicionais da literatura, por exemplo).

Desse modo, tais conceitos ainda vêm ganhando seu devido espaço no cerne das discussões sobre o tema na atualidade, principalmente como forma de desmitificação de outras expressões que também se generalizaram e reforçaram certos estereótipos acerca das (re)leituras e versões fílmicas que têm como base referencial as narrativas literárias. A exemplo

disso, comumente vemos até hoje expressões como “distorção” ou até mesmo, algo relacionado a “inferiorização” a partir da leitura e recepção de dada obra audiovisual comparada com sua origem literária.

De fato, tais expressões têm um teor consideravelmente preconceituoso acerca de tais obras fílmicas, além de pouco contribuir para o debate relacional entre literatura e cinema. E nesse sentido, pensamos em expandir esse debate mais precisamente no próximo subcapítulo, onde daremos o devido enfoque especificamente sobre esses mitos e estereótipos que envolvem o cinema (seja nessa relação com a literatura ou mesmo, em outras compreensões que fazem parte do nosso cotidiano).

Por fim, a proposta até aqui era de apresentar um pouco acerca desses conceitos e técnicas a fim de elucidar melhor tal processo de transposição textual para a tela audiovisual (seja de fato um texto literário ou de outros formatos de linguagens existentes). Em suma, vimos que não se trata de um procedimento simples e que ainda esbarra em alguns equívocos e generalizações que veremos a seguir.

3.2 Mitos sobre o uso e estudo do cinema: estereótipos (ainda) vigentes no contexto atual³³

A partir do que já foi apresentado e discutido nos tópicos anteriores, estipulamos aqui então para essa parte uma espécie de “lista” com os principais mitos que envolvem o uso e estudos sobre cinema na atualidade. Neste caso, elencamos alguns estereótipos que ainda são recorrentes quando se trata dos empecilhos de inserir o conteúdo audiovisual em diferentes contextos e situações do dia a dia. E nesse sentido que, tomamos a liberdade de enumerar os seguintes tópicos para elucidar tais problematizações sobre o recurso cinematográfico:

Mito 1: “O livro é sempre melhor que o filme”

Talvez um dos mais clássicos e conhecidos mitos nesse quesito sobre literatura e cinema. De fato, tal comparativo é ainda recorrente quando deparamos cada vez mais com tantas obras que são adaptadas para as telinhas e telonas na atualidade. Desde filmes clássicos até as séries

³³ Cabe aqui também ressaltar que, tal seleção de tópicos e temas nesse subcapítulo em específico parte de nosso contato e experiência a partir da fala dos participantes durante esse processo de pesquisa em estudo. Sendo assim, destacamos apenas os discursos mais recorrentes a fim de elucidar a problemática, como também, apontar algumas e possíveis considerações sobre a temática em questão.

nos serviços de *streaming*, essa transposição de obras literárias para o formato audiovisual se tornou quase uma tendência simultânea nos dias de hoje.

E claro, diante desses dois formatos (textual e fílmico, respectivamente) é inevitável esse tipo de comparação entre tais conteúdos e recursos estilísticos. No entanto, é importante logo recapitular (o que já foi dito nos capítulos anteriores) que estamos tratando aqui de artes diferentes e com suas propostas específicas, seja de leitura e/ou de público.

Até porque e parafraseando aqui C. Bolognini (2011) “a análise de uma adaptação cinematográfica não se restringe a um simples juízo de valor (qual é o melhor), mas sim que surgiu como uma forma de legitimação do cinema” (p.16). Dessa forma, não podemos conceber aqui a ideia que generaliza e deslegitima o cinema enquanto arte autônoma (mesmo com sua herança e vínculo com a literatura), como também, uma leitura homogênea sobre ambas as obras.

E neste caso, precisamos então olhar sob uma “ótica cinematográfica”, ou seja, levando em consideração os elementos específicos de composição para uma película fílmica, além dos recursos técnicos que muitas vezes podem não ser perceptíveis em uma leitura literária, por exemplo. Nesse sentido que a autora Eliane Yunes (2013) argumenta sobre o que consideramos como a “leitura dos filmes”:

O cinema nos impõe perguntas novas sobre o modo de ler os próprios filmes, o lugar do espectador dentro e fora da tela, o claro-escuro dos signos criados na legibilidade construída pelo leitor, a desconstrução das imagens realistas ou naturalizadas que a técnica do cinema provê, por ato de desconfiança no que se vê: a questão das aparências e essências perde sentido, ao menos o que se tinha presumido. (p. 12).

Logo, é importante aqui destacar essa capacidade interpretativa e argumentativa do sujeito leitor (seja sobre os textos literários ou mesmo, sobre as obras cinematográficas), para que o mesmo não reforce dado estereótipo (de que o livro é sempre melhor que o filme) que de certa forma elitiza a leitura literária e acaba por assim dizer, desmerecendo o conteúdo audiovisual.

Sendo assim, fica aquela sugestão para quem for assistir/ler determinada obra que tenha em livro e/ou em filme – que analise e tire suas próprias conclusões levando em consideração também que se trata de olhares e leituras específicas, isto é, cada obra tem enfoques e recursos totalmente diferentes. E na verdade, tal leitura/percepção sobre determinada obra audiovisual pode até auxiliar na compreensão sobre sua respectiva fonte literária (e/ou vice-versa).

Mito 2: “que assistir filme é mais fácil” ou “que cinema é só entretenimento”

Esse também é um dos mitos mais recorrentes até hoje, principalmente levando em conta o contexto de ensino nas escolas. Vire e mexe, vemos ou já passamos pela experiência lá no passado de algum professor que passava filmes em sala de aula como forma de “enrolar” ou “tapar buraco” de alguma aula. De fato, essas práticas (infelizmente) são mais habituais do que imaginamos, isso porque dada imagem do cinema ainda está muito atrelada ao seu caráter lúdico ou mesmo, como mera ilustração de determinado conteúdo.

Conforme Ferro (1992, p. 86), o trabalho com cinema na escola deve “partir da análise das imagens e não buscar nelas somente ilustração, confirmação ou o desmentido do outro saber que é o da tradição escrita”. Claro que, a própria historicidade e espaços de projeção do cinema como já conhecemos está mais vinculado por essa concepção/experiência de lazer e entretenimento.

Contudo, reconsideramos aqui o papel do audiovisual também como recurso metodológico para aprendizagem e discussão sobre os mais diferentes temas. Nesse sentido, não podemos só considerar o cinema como meio de entretenimento, mas também, como meio de (in)formação para os sujeitos. Nesse tocante que, a autora Roseli Silva (2007) argumenta a seguinte proposição:

É claro que passar filmes para os alunos nas escolas ou mandá-los assistir em casa tem sido uma prática, até certo ponto, usual. Contudo, é preciso ressignificar esta prática, otimizar seu uso dentro da escola, aproveitar a linguagem cinematográfica – que funciona, também, como reconstrução da realidade – para dar sentido e vivificar os assuntos relativos a esses conteúdos, promovendo debates, reflexão e, conseqüentemente, “desestabilizando” dogmas. (p. 53-54).

De fato, ressignificar essa abordagem e pensamento sobre o uso do cinema na escola ainda é um grande desafio, principalmente levando em consideração esses estereótipos que subjugam a inserção e trabalho com o audiovisual. E até porque, outra ideia que faz parte do imaginário comum é de que a leitura a partir de um filme torna dada compreensão de determinados conteúdos até um pouco mais “fácil”. E em partes, podemos até considerar válida tal proposição se pensarmos nessa perspectiva mais “lúdica” do cinema. Afinal, muitas das produções audiovisuais têm como enfoque uma abordagem mais didática e que simplifica certos temas quando transpostos para a tela fílmica.

No entanto, é preciso também tomar um pouco de cuidado quando reforçamos apenas esse aspecto “ilustrativo” do cinema, visto que a leitura imagética (como também, dadas

caracterizações sonoras e textuais dos filmes) exigem certo grau de interpretação a partir de suas complexidades (até porque estamos tratando de linguagens diferentes entre si, já articuladas em uma única manifestação artística como é no caso do cinema).

Dessa forma, problematizamos aqui dado estereótipo reducionista e simplista que interfere na compreensão e nos conteúdos audiovisuais. Para evitar tal, é preciso (re)pensar a inserção e prática a partir do cinema nas mais diferentes instâncias, levando em pauta seu valor teórico e metodológico tanto no contexto da sala de aula, como também, em outras situações que o material fílmico pode (e deve) ser articulado enquanto fonte de conhecimento.

Mito 3: “que aprender (e ensinar) sobre cinema em sala de aula é obrigatório fazer um curso/faculdade na área audiovisual”

Nesse tocante sobre o uso do cinema no ensino em sala de aula, logo remetemos também a um dos personagens mais atuantes nesse contexto e processo escolar – neste caso, referenciamos aqui o professor. De fato, é difícil imaginar todas essas práticas e reflexões sem a participatividade do profissional docente na interação e mediação desses recursos audiovisuais para/com os alunos.

Contudo, cabe aqui ressaltar que boa parte desses mitos elencados neste tópico surgem do discurso de alguns colegas professores, que veem com tamanha dificuldade o trabalho com cinema em sala de aula. Nesse sentido, pensamos em problematizar esses principais mitos no intuito de desmistificar a inserção do audiovisual na escola. Até porque, o cinema tem muito a contribuir nessa dinâmica e prática docente na atualidade.

Em concordância com dada pressuposição, destacamos aqui a fala de Silva (2007) que nos revela o verdadeiro papel do cinema no contexto escolar:

A experiência estética que o cinema proporciona abre-nos, sem dúvida, para uma compreensão mais radical da realidade e do ser humano. É uma obra de arte com a qual nos relacionamos para iluminar a nossa percepção do mundo e, claro, é uma via de acesso a nós mesmos; uma convocação instigante que nos faz repensar nossas atitudes e reavaliarmos nossos valores; uma provocação inquietante para questionarmos possíveis conviências nossas com a falta de criatividade, com a mediocridade, que é mostrada, muitas vezes, em comportamentos rígidos, intolerantes, niilistas, autoritários e materialistas. Talvez seja precisamente nesse ponto que descobrimos, atrás dessas possibilidades estéticas, as possibilidades educativas e éticas do cinema. (p. 52).

Para nós, essa experiência estética e educativa do cinema é crucial para o desenvolvimento da escola nos dias de hoje. E ressaltamos isso porque cada vez mais nossos

alunos estão em pleno contato com essa linguagem audiovisual, principalmente pelo acesso e dada amplitude de conteúdos na *Internet* por diferentes aparelhos e plataformas disponíveis na atualidade. Logo, direciona-se ao professor essa missão de se “informatizar” e explorar esses novos recursos de interação virtual.

É nesse quesito que muitos docentes mistificam o uso do cinema em sala de aula, visto que é uma arte/linguagem muito ligada aos meios tecnológicos, logo, se generaliza também a ideia de que é necessário ter um curso de (in)formação específica na área para aprender (e ensinar) sobre os filmes a serem trabalhados na escola.

De fato, tal mito é muito recorrente na fala de alguns colegas docentes quando abordamos em formações e palestras sobre o tema. Mas afinal, é realmente necessário ter alguma formação na área audiovisual para se trabalhar com cinema em sala de aula? Para responder tal questionamento, referenciamos aqui o autor Marco Napolitano (2003) que faz o seguinte argumento:

“O professor não precisa ser crítico profissional de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula. Mas sim, o conhecimento de alguns elementos de linguagem cinematográfica vai acrescentar qualidade ao trabalho” (NAPOLITANO, 2003, p. 57). Neste caso, os conhecimentos e elementos técnicos apontados pelo autor se referenciam a própria linguagem cinematográfica que se encontra disponível hoje em materiais didáticos e cursos *on-line* na *Internet*.

Claro que, não se exige aqui um profissional gabaritado em todas essas técnicas de análise e (re)produção fílmica (até porque, um curso teórico de cinema exige também dado conhecimento nas mais diferentes áreas, desde química e aritmética até linguística e artes cênicas no caso). Entretanto, é importante que o professor tenha um conhecimento básico acerca desses recursos audiovisuais a fim de exercer um bom trabalho com os respectivos conteúdos fílmicos. Conforme Modro (2006):

Utilizar filmes como recurso auxiliar é uma forma de enriquecer a aula, mas nunca de ser um substituto do professor. Trata-se apenas de algo que pode complementar a aula, de forma agradável. Cada professor é responsável por sua aula e cabe a ele definir qual o melhor caminho para que seus objetivos sejam alcançados plenamente (p.127).

É importante fazer essa ressalva problematizada por Modro para que também não reforce o devido estereótipo que o cinema (ou qualquer outro meio/recurso tecnológico) seja compreendido de forma “substitutiva” ao trabalho docente em sala de aula. Em outras palavras, o audiovisual aqui é ressignificado como recurso acessório, isto é, que auxilia e dinamiza às aulas e não substitui o papel do professor.

Nesse segmento que começamos também a pensar para este trabalho algo que pudesse até então ajudar esses professores, principalmente no que se refere às práticas metodológicas com tais conteúdos audiovisuais. Logo, surgiu a ideia do curso formativo *Literatura e Cinema em sala de aula* voltado para professores da rede pública no Tocantins.

No caso, pensamos muito nessa intervenção a partir mesmo desses mitos e estereótipos que nós evidenciamos durante tal pesquisa. Sendo assim, elaboramos um curso de (in)formação acerca de conceitos básicos e aplicabilidades desses recursos audiovisuais em sala de aula, tudo pensado de forma didática e contextual a partir das diferentes experiências desses professores em classe.

Mito 4: “cinema/filmes brasileiros são ruins” (e como isso está relacionado também com a arte/cultura e literatura no Brasil):

Acreditamos que esse seja um dos mitos/estereótipos mais difundidos dentro do nosso imaginário cultural do país. De fato, há muito tempo se criou essa resistência com tal produção e consumo de filmes brasileiros. Logo, isso envolve diversos fatores para essa dada preferência, como também, descrédito ao cinema nacional.

Segundo dados da própria Ancine e IBGE no ano de 2020³⁴, cerca de 40% da população brasileira mora em municípios sem qualquer sala de cinema disponível. Neste caso, a falta de acesso e distribuição para os filmes dificulta ainda mais a formação de público, como também, a oferta de catálogo variado que inclui filmes e produções nacionais.

Outro fator importante e determinante para essa resistência ao cinema no Brasil remete também aos efeitos e retomadas após a pandemia. Conforme Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (ligado também aos dados da Ancine)³⁵, apenas 17% do público espectador frequenta regularmente salas e/ou franquias de cinema no país. No caso se tratando de consumo fílmico e audiovisual, boa parte dos brasileiros (cerca de 88%) preferem ainda assistir pela TV aberta.

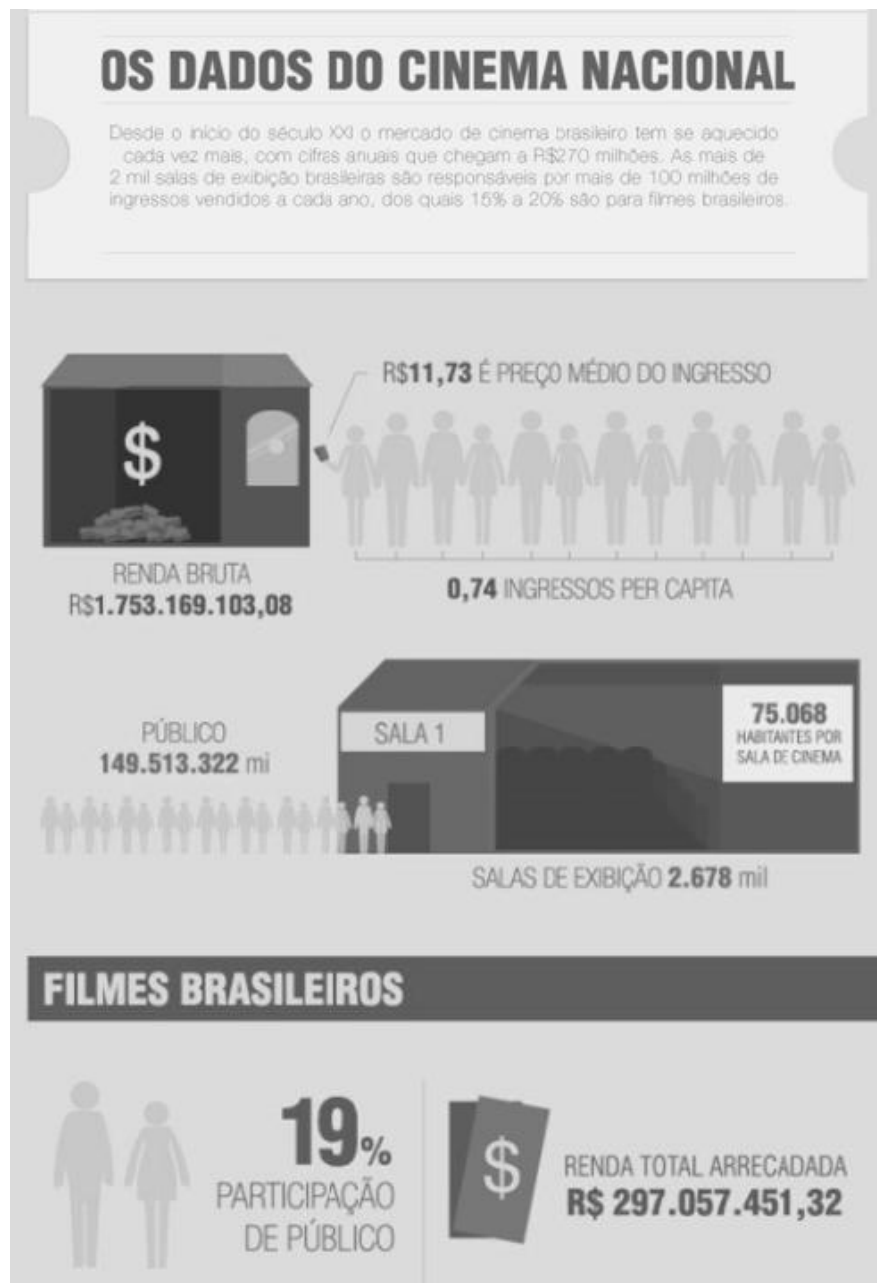
De todo modo, vemos que esses dados condizem com dado distanciamento e até mesmo, desconhecimento por parte da população com as produções nacionais. Mesmo com leis e mais

³⁴ Dados disponíveis em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26239-pais-tem-quase-40-da-populacao-em-municipios-sem-salas-de-cinema?fbclid=IwAR0Db0cf7js4XsBn2ARbyC7SJjjqLpgu9mtyBaPkAkwpnRfF0jSTvBGVBZ4>>. Acesso em: 11 de junho de 2023.

³⁵ Disponível em: <<https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/publicacoes/arquivos.pdf/informe-mercado-cinematografico-2022c-finall.pdf>>. Acesso em: 11 de junho de 2023.

recursos de incentivo, o cinema brasileiro sofre ainda com a recepção e devida monopolização do mercado audiovisual no país (principalmente com os filmes estadunidenses tão vinculados à indústria hollywoodiana, por exemplo). Para ilustrar melhor tal panorama, apresentamos aqui um infográfico que detalha mais esse acesso e distribuição de produções nacionais no Brasil:

Figura 06 – Infográfico sobre consumo e público do cinema nacional no Brasil:



Fonte: Innovare pesquisa.

Disponível em: <<https://innovarepesquisa.com.br/blog/infografico-os-dados-cinema-nacional/>>.

Acesso em: 11 de junho de 2023

A partir dos dados apresentados, podemos de fato considerar que o mito sobre “cinema e filmes brasileiros são ruins” (pelo menos no discurso e imaginário popular de uma boa parte dos participantes durante a pesquisa) está mais relacionado ao pouco acesso e consumo das ditas produções audiovisuais nacionais.

E mesmo com o aumento das produções audiovisuais no Brasil e até mesmo também, o investimento e qualidade técnica de filmes e séries nacionais nos últimos anos, a dita produção audiovisual nacional encontra ainda certa resistência na preferência e consumo de boa parte dos brasileiros nos dias de hoje.

Neste caso, relacionamos uma percepção e experiência um pouco parecida também com a literatura, isto é, em detrimento e supervalorização da literatura estrangeira. Tanto no cinema quanto na literatura percebemos essa opção que faz parte do discurso estereotipado que os livros e filmes produzidos e tematizados no Brasil são menos atrativos ao público, haja vista que tais narrativas fazem parte do cotidiano e imaginário local/nacional.

Entretanto, o que observamos que tal parâmetro utilizado por quem possui esse tipo de argumento é baseado exclusivamente no olhar e leitura a partir de obras estrangeiras, isto é, as produções fílmicas e literárias (respectivamente) são equivocadamente analisadas e apreciadas sob o viés do que “é de fora é melhor”.

De fato, isso é muito recorrente nas falas não só dos participantes, mas também, em outros contatos (mesmo que indiretamente) quando abordamos acerca do tema cinema nacional e literatura brasileira, por exemplo. Visto isso, resolvemos aqui elencar tal mito pois remete o que já foi discutido até o momento neste trabalho.

Em outras palavras, a importância dessa pesquisa se dá principalmente por esse tipo de confronto e conscientização acerca do tema. E para tanto, abordamos aqui nesse capítulo alguns tópicos que fazem parte da problemática que envolve cinema, ensino e literatura.

Dando a devida continuidade ao referido trabalho em questão, iremos então abordar na seção seguinte mais precisamente sobre nossa experiência e contextualização na parte prática e metodológica da pesquisa, isto é, a partir da ideia de um curso que abordasse sobre tais temas e assim, fomentasse a discussão sobre o uso e recurso fílmico no contexto educacional.

Por fim, iremos a seguir detalhar mais sobre esse processo de elaboração e planejamento para o referido curso de extensão formativo para acadêmicos e professores, como também, dado prosseguimento das aulas e temas voltados para o referido público-participante em estudo.

4 O PROJETO DE EXTENSÃO *LITERATURA E CINEMA EM SALA DE AULA*

A partir de todas essas reflexões apresentadas nos capítulos anteriores sobre o cerne relacional entre cinema, leitura e ensino de literatura, aprofundaremos aqui tais discussões mais especificamente acerca de nosso objeto metodológico e práticas inerentes à referida tese. Neste caso, a nossa proposição parte aqui de dada elaboração e execução de um curso formativo de extensão voltado para professores da rede pública de ensino e alunos dos cursos de licenciatura, que visam aprender e aprimorar novas práticas metodológicas de ensino, em relação ao uso fílmico no contexto escolar, principalmente atrelado ao ensino de literatura e outras temáticas correlatas em sala de aula.

Intitulado como **Literatura e Cinema em Sala de Aula**, o referido curso foi ofertado na modalidade *on-line* por conta das adequações e circunstâncias pandêmicas dos últimos anos. No caso, a nossa intenção inicial era que o curso fosse realizado de forma presencial nos encontros formativos de educação, visando que tal conteúdo fosse mais acessível e divulgado para os ditos docentes interessados pelo tema.

Contudo, o curso em questão teve que ser redirecionado em encontros virtuais semanais, visando também a dada disponibilidade dos professores interessados em participar das referidas aulas. No caso, sugerimos um formulário prévio antes mesmo do início das atividades propostas para que fosse possível analisar o possível público-alvo, como também, os dias e horários mais adequados para que ocorresse os encontros do curso formativo.

Além disso, disponibilizamos via formulário algumas questões prévias mobilizadoras, para que formulássemos o direcionamento e enfoque metodológico/temático do curso proposto. Desse modo, apresentaremos aqui inicialmente algumas proposições a partir das respostas dos inscritos para o curso, levando em consideração suas experiências e habilidades prévias com os recursos audiovisuais em sala de aula.

Segundo Modro (2006), cabe ao professor o papel de ser um profissional ágil, dinâmico que busque tais caminhos para inovar dentro do contexto contemporâneo de ensino na escola (p. 127). De fato, muitos de nossos colegas professores tendem a ter essa dificuldade em pensar e executar algo a partir de dado contexto e materialidade fílmica na escola. Visto que a sala de aula não condiz com as adequações e realidade para uma simples projeção, por exemplo.

Claro que, o enfoque do curso formativo visa principalmente tal busca por alternativas viáveis a partir do contexto de experiência e vivenciado diariamente pelos professores em sala de aula. Nesse sentido, pensamos e elaboramos nosso curso a partir de alguns direcionamentos

que fossem condizentes com a prática docente e seus principais desafios ao inserir o cinema na dinâmica escolar.

Para tanto, incluímos um campo em nosso formulário de inscrição que explicitasse mais sobre as expectativas e motivações dos interessados em participar de um curso formativo sobre literatura e cinema em sala de aula. No caso, tivemos a grata surpresa de uma boa procura por parte dos professores e alunos dos cursos de licenciatura. Tanto que, tivemos então que encerrar previamente as inscrições antes do prazo estipulado.

No total, tivemos 70 inscrições em menos de 02 dias de divulgação do referido curso, o que, de fato, demonstra o interesse e dada importância acerca da temática apontada no contexto escolar. Visto que muitos professores já utilizam os recursos cinematográficos em sala de aula, mas, mesmo assim, possuem certas dificuldades ao trabalhar o material audiovisual articulado aos demais conteúdos curriculares da escola.

De fato, isso fica mais evidente na própria descrição dos professores no formulário de inscrição, quando os mesmos docentes relatam que uma das principais motivações e interesses para o referido curso é essa possibilidade pedagógica a partir dos recursos fílmicos no contexto de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Destacando aqui alguns relatos, os professores interessados enfatizaram dado interesse pelo curso por “buscarem aulas mais dinâmicas e prazerosas” ou até mesmo, “possibilidades de leitura e crítica a partir dos filmes”. Dessa forma, observamos que tal procura pelo curso se dá também pela maior necessidade de capacitação e atualização profissional no uso dessas novas tecnologias em sala de aula.

De acordo com Jozef (2004), “temos de educar-nos a ver os outros, em *close-up*, em plano geral, em câmera lenta e em tantas outras técnicas de captação das imagens” (p. 130). E é nesse sentido que planejamos nosso curso formativo de extensão, pensando em uma linguagem e interação mais acessível para nossos participantes e a partir dos recursos disponíveis em seu próprio ambiente de trabalho.

No entanto, sabemos que a realidade de boa parte das escolas na região (principalmente as escolas localizadas em bairros mais distantes ou zonas periféricas) é ainda um pouco distante para a execução adequada dessa projeção fílmica na escola, seja pela falta de aparato técnico-tecnológico ou mesmo, pelas limitações espaciais para exibição cinematográfica no ambiente escolar.

Nesse tocante que estipulamos também no formulário de inscrição para que os docentes interessados descrevessem suas maiores dificuldades ao trabalhar com cinema na escola. Haja

vista que, tais obstáculos não só se restringem aqui as questões estruturais propriamente ditas, mas também, a falta de capacitação e formação específica para os professores no que se refere ao planejamento de atividades e dinâmicas a partir de filmes em sala de aula.

Conforme os próprios relatos no formulário, uma das maiores dificuldades dos docentes acerca do tema é na hora da seleção das obras para serem exibidas aos alunos, que muitas vezes se desarticulam da proposta metodológica das disciplinas curriculares. Neste caso, entra a falta de acervo na escola ou até mesmo, um repertório limitado por parte do professor ao aprofundar-se sobre o uso de recursos fílmicos em sua prática docente.

Nesse quesito, Napolitano (2003) também faz uma observação importante acerca da seleção e reprodução cinematográfica na escola. Segundo o próprio autor, o professor deve estar mais atento sobre dada escolha dos filmes a serem exibidos em sala de aula, pois, “ele não está reproduzindo o filme para si mesmo, para o seu próprio deleite intelectual ou emocional” (p. 19).

Em outras palavras, o professor deve considerar a quem e quais objetivos ao reproduzir determinada obra em sala de aula. Para tanto, estipulamos também em um dos módulos do curso de extensão a sugestão de alguns materiais audiovisuais que poderiam ser trabalhados no dado contexto escolar, levando em consideração as temáticas propostas e a faixa etária indicada para cada obra fílmica. Conforme Modro (2006):

Um dos maiores problemas na escolha de um filme é diretamente relacionado à censura do mesmo. Por vezes alguma cena que contenha nudez (ainda que muito sutil), violência (mesmo que menor que o que vemos nos jornais diários), palavras de baixo calão (até aquelas que sejam conhecidas e utilizadas por todos que estejam vendo ao filme) e coisas do gênero podem gerar transtornos significativos caso não haja um trabalho adequado de preparo em relação ao filme. Acredite, uma cena dessas, ainda que contenha apenas um minuto, pode ser a que mais será lembrada em um filme de 150 minutos. Assim, é necessário, sempre, assistir anteriormente ao filme, selecionar o que será trabalhado, e, previamente alertar e preparar o público para o que será assistido. Portanto a regra é: adequar filmes a espectadores que tenham o discernimento e maturidade adequada aos mesmos. Desta forma serão evitados maiores inconvenientes posteriores. (p. 12).

De fato, uma das maiores dificuldades relatadas por nossos participantes no formulário de inscrição expõe esse dado receio ao se trabalhar com cinema em sala de aula. Haja vista que, há ainda certa resistência por parte da escola de incluir dito material cinematográfico enquanto conteúdo programático nas aulas.

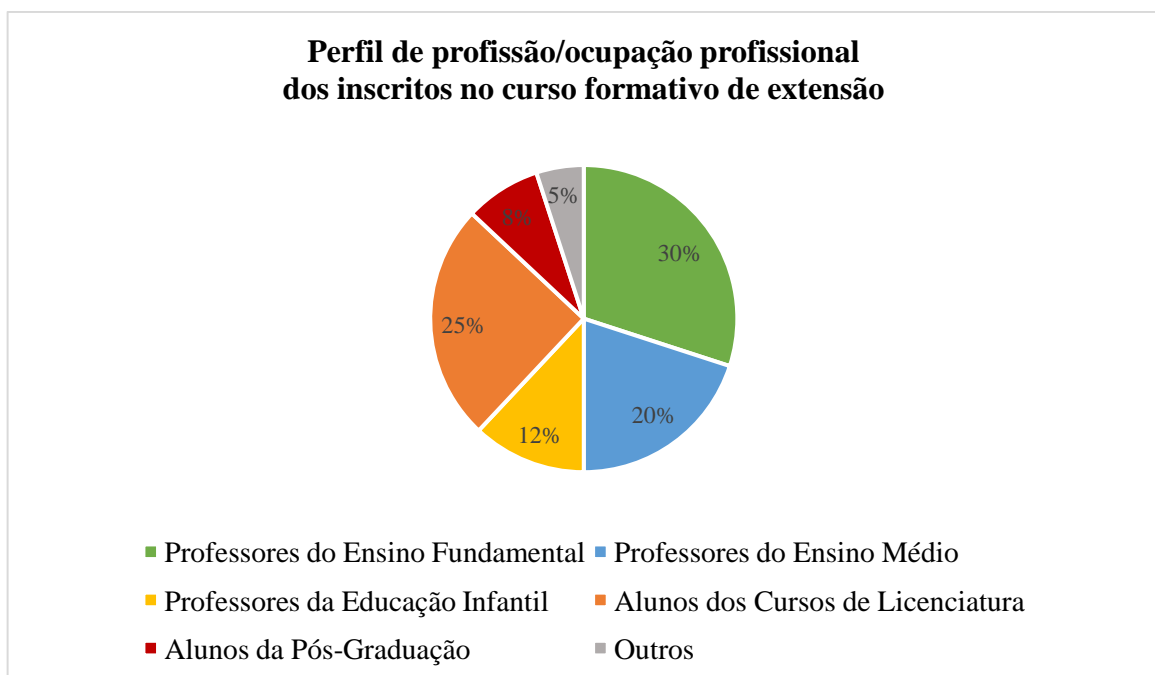
Neste caso, vale aqui ressaltar que tal iniciativa de inserir o cinema na dinâmica escolar sofre com dados estereótipos, muitas vezes atrelados apenas ao caráter ilustrativo dos filmes ou apenas para preenchimento de lacunas e imprevistos em sala de aula. Na própria descrição dos

professores fica evidente esse reflexo, quando relatam sobre o devido desinteresse por parte dos alunos com certos filmes e temas (re)produzidos.

De toda forma, nossa proposta com o referido curso visa aqui auxiliar esses professores no (re)pensar sobre os filmes em sala de aula, como também, propor tais dinâmicas que estejam mais próximas do repertório e experiência de seus respectivos alunos, visto que essas crianças e jovens hoje possuem um contato direto com os conteúdos audiovisuais na contemporaneidade (seja em casa ou em outros ambientes que acessibilizem a interação com a tela cinematográfica, por exemplo).

Nesse sentido, criterizamos também no formulário de inscrição um campo para dado preenchimento acerca do campo de atuação e formação profissional desses discentes e docentes interessados no curso de extensão. No caso, tivemos uma grande procura de professores das mais diferentes áreas e níveis de ensino. E dentre o total de 70 inscritos no curso, tivemos o seguinte perfil de participantes:

Figura 07 – Gráfico com perfil de profissão e/ou ocupação profissional dos inscritos no curso de extensão



Fonte: autoria própria (a partir das respostas coletadas no formulário de inscrição)

A partir do gráfico apresentado, temos um detalhamento do público inscrito para o curso. Destacamos também, o interesse dos docentes da rede pública de ensino do Estado do Tocantins e acadêmicos dos cursos de licenciatura da UFNT. No caso, tais dados aqui são

relevantes para compreender o enfoque e proposição do curso, voltado principalmente para alunos e professores da região.

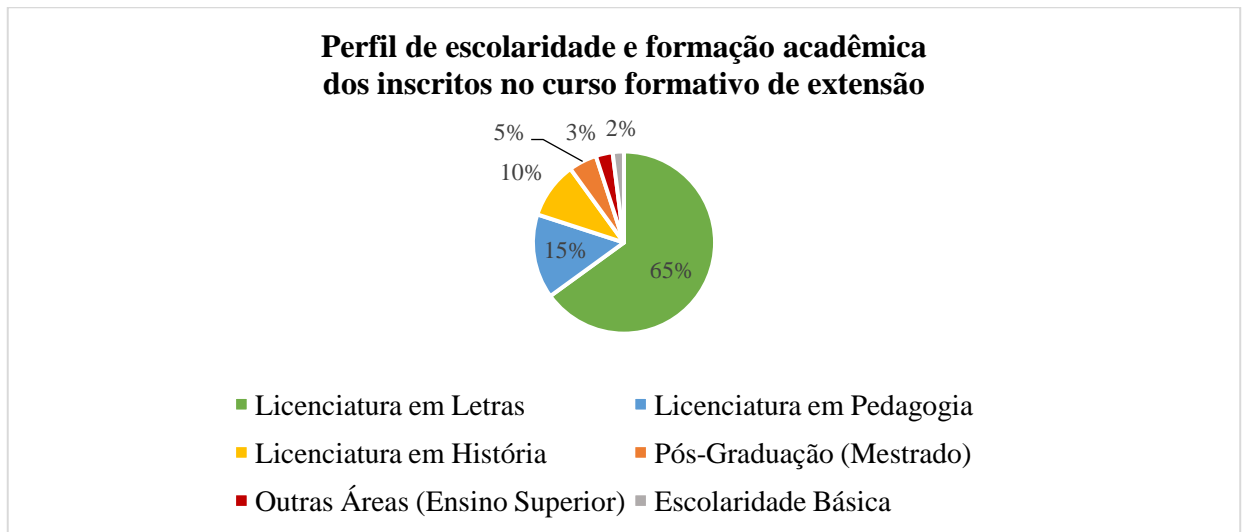
Pensando nisso, elaboramos para o referido do curso de extensão uma ementa que fosse acessível e adequada para esses possíveis participantes, visto que boa parte dos inscritos ainda não tinha nenhuma experiência técnica e/ou teórica sobre o tema. No caso, tal oferta de cursos voltados para a área audiovisual se restringe aos grandes centros e/ou localidades que já possuem algum curso na área de cinema e afins.

No contexto do Estado do Tocantins, possuímos alguns cursos e formações que abordam sobre o uso do audiovisual nas escolas. Contudo, a oferta fica mais focada no contexto da capital Palmas. Nesse sentido, pensamos o curso *Literatura e Cinema em Sala de Aula* para que contemplasse também outras regiões do interior do Estado, auxiliando assim, no acesso e devida democratização do conhecimento e novas metodologias a partir do uso do audiovisual em sala de aula.

Para se ter uma ideia, tivemos uma média de 75% (conforme os dados preenchidos no formulário de inscrição) de participantes residentes na cidade de Araguaína-TO, logo seguido de 10% de inscritos de Palmas e outros 15% de cidades circunvizinhas na Região Norte. Na oportunidade, focamos mais nas regiões interioranas do Estado do Tocantins, visto a dificuldade e pouca oferta de cursos voltados para professores sobre o tema.

Nesse seguimento também, especificamos um campo no formulário de inscrição para o detalhamento dos cursos e formações desses respectivos professores. No caso, o referido curso de extensão em si foi mais pensado e direcionado para o público-alvo das áreas de Linguagens (mais precisamente para os discentes e docentes de Língua Portuguesa e Literatura). Entretanto, tivemos também a busca de outros professores das áreas de Humanidades interessados sobre o curso. Para elucidar melhor esse perfil de área e formação, ilustramos os dados obtidos a partir do seguinte gráfico:

Figura 08: Gráfico com perfil de escolaridade e formação acadêmica dos inscritos no curso de extensão



Fonte: autoria própria (a partir das respostas coletadas no formulário de inscrição)

Observando os dados do gráfico acima, detalhamos então a devida variedade e procura por parte dos professores de diferentes áreas. Claro que, a maior presença de inscritos da área de Letras se dá pelo enfoque temático do referido curso de extensão (voltado pontualmente para os procedimentos de leitura e o próprio ensino de literatura nas escolas). No entanto, cabe aqui mencionar que mesmo o curso sendo voltado e pensado para professores de Língua Portuguesa, muitas das temáticas abordadas são também de abrangência geral no contexto escolar.

De acordo com Silva (2007), “o cinema constitui-se em uma matriz social singular de percepção, elaboração e transmissão de saberes e fazeres, possibilitando distintas formas de apreensão, compreensão e representação do mundo” (p.161). Nesse sentido, inclui-se também as diferentes áreas de conhecimento que embasam o ensino na escola. Visto que a sétima arte é por essência uma linguagem interdisciplinar, isto é, uma arte que dialoga com diferentes áreas e seus respectivos agentes de atuação (neste caso, os professores de uma forma geral).

Nesse sentido, consideramos para dado curso formativo de extensão não apenas os aspectos específicos da área de Língua Portuguesa, mas também, de outras áreas e disciplinas que se articulam com estudos sobre cinema na escola. Neste caso, a leitura e a própria literatura são concebidas aqui como meios de interação e diálogo com essas outras matrizes curriculares, ampliando assim, o leque de atuação e formação a partir da sétima arte.

Em outras palavras, o curso foi mais voltado para quem deseja aperfeiçoar ou mesmo, aprender um pouco mais sobre os conceitos e metodologias básicas para uso do recurso fílmico

em sala de aula. De tal forma, alinhamos o curso para que fosse acessível e diversificado no que tange as diferentes formas e abordagens do cinema nesse viés pedagógico.

Sendo assim, é interessante pensar sobre o curso de extensão a partir de suas múltiplas interlocuções em sala de aula. Ou seja, sua aplicabilidade em diferentes contextos e disciplinas onde o audiovisual surge como mecanismo de ensino-aprendizagem. Desse modo, foi bastante satisfatória a procura e diversidade para o curso, visto que novas experiências e norteamentos foram incorporados para o andamento do projeto em lócus.

Por fim, apresentaremos no capítulo subsequente as experiências dos encontros virtuais com os participantes, como também, a tematização das aulas propostas para o referido curso de extensão.

4.1 Os encontros virtuais do projeto de extensão *Literatura e Cinema em Sala de Aula*

Diante de todo o parâmetro apresentado no capítulo anterior, neste tópico abordaremos mais acerca da experiência e encontros no curso formativo de extensão *Literatura e Cinema em Sala de Aula*. No caso, detalharemos sobre as aulas e temáticas abordadas nos encontros, como também, as provocações despertadas no decorrer do curso.

Desde já, cabe aqui ressaltar que mesmo com a alta procura e inscrições efetuadas (no total de 70 inscritos), apenas 14 pessoas participaram de fato do curso integralmente. Para tanto, pensamos tais dinâmicas e encontros a partir da disponibilidade desses participantes. Visto que boa parte são professores em exercício docente ou são alunos dos cursos de licenciatura.

Neste caso, abrimos um campo ainda no formulário de inscrição para sugestões de dias e horários mais adequados na realização das aulas/encontros. Partindo das respostas e resultados obtidos, vimos que boa parte do público participante optou então para que os encontros virtuais fossem realizados aos finais de semana, levando em consideração a jornada de trabalho em sala de aula dos professores, como também, para aqueles acadêmicos que estudam no turno noturno durante a semana.

Dessa forma, organizamos previamente um cronograma de encontros temáticos que se adequasse a tal demanda dos participantes em questão. Sendo assim, estipulamos o formato de aulas semanais a serem realizadas aos sábados pela manhã entre às 09h e 11h via *Google Meet*. Os encontros ficaram subdivididos em 4 aulas, cada qual com uma temática específica e a partir dos perfis e sugestões apontadas no próprio formulário de inscrição.

Optamos por tal formato pois facilitava na organização e participação dos professores, onde encaminhávamos previamente o material antes das referidas aulas. Além disso, fizemos um acordo com os participantes para que esses encontros fossem gravados, caso necessitassem do acesso à aula ou algum tópico abordado durante os encontros.

Claro que, para tais direcionamentos organizamos com os participantes uma espécie de grupo no *WhatsApp* para compartilhamento de conteúdo e outras informações sobre o curso de extensão. De fato, isso facilitou a comunicação com os professores participantes, como também, possibilitou um diálogo mais fluido antes do início das aulas.

Como abrimos o período de inscrições no mês de junho, optamos para que os encontros fossem realizados no mês de agosto (após as férias de meio de ano). Nesse período de recesso, pudemos também alinhar dada proposta do curso de extensão de acordo com as características identificadas dos participantes e as possíveis demandas a partir do tema.

Nesse sentido, subdividimos em eixos temáticos nossos encontros durante o mês, a fim de propor uma linearidade dos conteúdos que facilitasse a organização e compreensão dos professores participantes durante o curso de extensão. Para elucidar melhor dado cronograma, segue na tabela abaixo os tópicos temáticos estipulados para os respectivos encontros:

Figura 09: Quadro com cronograma previsto para os encontros e tópicos temáticos do curso de extensão

07/08/2021 (sábado) (08h – 11h)	<ul style="list-style-type: none"> ● Apresentação da ementa e proposta do curso; ● Breve histórico do cinema brasileiro e mundial; ● A inserção da arte cinematográfica no contexto escolar.
14/08/2021 (sábado) (08h – 11h)	<ul style="list-style-type: none"> ● Relações entre a literatura e o cinema: leituras e interpretações no campo artístico e teórico; ● Formação de leitores a partir do uso e recurso fílmico em sala de aula: novas possibilidades para o ensino de literatura na era digital.
21/08/2021 (sábado) (08h – 11h)	<ul style="list-style-type: none"> ● Documentos curriculares de orientação e acesso para o audiovisual no Brasil: diretrizes para embasamento pedagógico e incentivo às políticas públicas de democratização cinematográfica no país; ● Planejamento e atuação docente com os filmes em classe: sugestões para análise e problematização no contexto educacional.
28/08/2021 (sábado) (08h – 11h)	<ul style="list-style-type: none"> ● Aplicativos e programas de auxílio para a (re)produção audiovisual em sala de aula: ferramentas de criação e edição de conteúdos temáticos; ● Elaboração de atividades e materiais audiovisuais docentes: orientações e os procedimentos para uso e recurso audiovisual na prática em sala de aula.

Fonte: autoria própria (a partir do cronograma estipulado para o curso de formação)

A partir do gráfico apresentado, temos uma breve noção acerca dos tópicos tematizados para o curso de extensão. Neste caso, tal subdivisão segue uma cronologia que transita entre a própria historicidade e evolução do cinema na contemporaneidade até a inserção audiovisual no contexto escolar. Por conseguinte, abordamos também e mais especificamente acerca das relações entre literatura e cinema em sala de aula enquanto recurso estimulador e formador de leitura e leitores na atualidade.

Um fato interessante é que também fizemos a inclusão de dois tópicos temáticos para dada condução no curso de extensão. No caso, um tópico específico para discussão sobre as políticas públicas para o cinema no Brasil e as diretrizes que embasam nosso trabalho com o audiovisual na escola. Além também, da sugestão de aplicativos e programas que auxiliam na (re)produção cinematográfica em sala de aula.

Tais acréscimos se inserem pelos próprios relatos dos participantes, que possuíam certa dificuldade com algumas ferramentas tecnológicas e ainda não sabiam como fundamentar dado trabalho com o audiovisual na escola. Nesse quesito, pensamos o curso de extensão como tal forma de oportunizar tais conteúdos e orientações para a execução de atividades pedagógicas que condizem com a realidade e experiência de alunos e professores.

Vale também ressaltar, que o referido curso foi ministrado nesse período pelo professor e doutorando Cristiano Alves Barros e sob coorientação do professor Dr. Wallace Rodrigues. No caso, tal projeto de extensão se tornou nosso objeto de estudo e aplicabilidade para a referida tese, levando em consideração que foram necessárias algumas adequações no decorrer da pesquisa (muito por conta do contexto pós-pandemia).

Nossa ideia inicial para esse tipo de trabalho era que o curso de extensão fosse ofertado na forma presencial, mais precisamente nas escolas públicas da região. Contudo, a viabilidade e adventos da pandemia trouxeram novas abordagens sobre o formato de ensino, como também, outras possibilidades de interação a partir do uso de novas plataformas digitais.

No caso, a opção pela plataforma do *Google Meet* para ministração do curso de extensão surgiu também a partir das sugestões relatadas no formulário de inscrição. De fato, a escolha pelo ambiente virtual se dá principalmente por sua acessibilidade e flexibilidade nos dias atuais. Muitos dos professores já utilizavam tal mecanismo para suas aulas e/ou reuniões na escola, o que facilitou para nossa interação durante os encontros do curso.

Além disso, utilizávamos o grupo do *WhatsApp* para divulgação e compartilhamento de materiais relacionados ao tema. Visto que muitos dos participantes do referido curso passaram a ter mais interesse sobre o uso cinematográfico em sala de aula. Dessa forma, vimos que dada

objetividade do curso de extensão foi significativamente satisfatória para esses professores no que se refere ao trabalho com audiovisual no contexto escolar.

Por fim, estipulamos também que os participantes do curso de extensão preenchessem ao fim dos encontros virtuais um formulário com seus relatos de experiência com dadas aulas e suas possíveis sugestões para a continuidade do projeto. A partir das respostas documentadas, constatamos que uma boa parte desses professores gostaria também de elaborar algum tipo de produto final para o referido curso, isto é, apresentar alguma proposta pedagógica a partir das temáticas abordadas durante os encontros *on-line*.

Portanto, pensamos que futuramente tal curso de extensão possa ser ampliado no campo de formação e instrução nas escolas. Neste caso, produzindo materiais didáticos conjuntamente com os professores e disponibilizando um acervo temático que auxilie no planejamento de aulas mais dinâmicas e interativas.

4.2 Participando no espaço escolar: o projeto de extensão além e após os encontros virtuais com os professores em Araguaína-TO

Após a realização do projeto de extensão *Literatura e Cinema em Sala de Aula*, vimos a real necessidade de levar a ideia adiante e principalmente, para o ambiente escolar. Levando em consideração que o curso no formato *on-line* proporcionou novas ampliações sobre o tema.

No caso, os próprios professores cursistas sugeriram que tal projeto fosse levado para sala de aula, isto é, com aulas práticas e presenciais que pudessem desenvolver o uso técnico e metodológico do cinema articulado ao ensino-aprendizagem (mais precisamente) de literatura na escola.

Dessa forma, começamos também a organizar tal proposta para que fosse levada para alunos e professores das escolas públicas e privadas em Araguaína-TO. Entretanto, era preciso considerar a abordagem, como também, as viabilidades do projeto no formato presencial. Sendo assim, contamos com a colaboração e parceria dos próprios professores cursistas no projeto de extensão, que desejavam levar o tema para a vivência em sala de aula.

Logo, uma das nossas primeiras experiências presenciais pós-pandemia com o projeto ocorreu no **Colégio Militar do Estado do Tocantins – Dr. José Aluísio da Silva Luz**³⁶ a partir

³⁶ Localizado no Setor Coimbra (bairro periférico da cidade de Araguaína-TO), a Unidade III foi a primeira UE nesse segmento cívico-militar a ser implementada no município em 2009. Atendendo atualmente e exclusivamente

de um convite feito por uma professora da UE que tinha feito o curso *on-line Literatura e Cinema em Sala de Aula*. A ideia inicial era que fosse feito apenas uma palestra sobre o tema “produção audiovisual e edição de vídeos escolares”. Contudo, vimos também a possibilidade estender o projeto para aulas e oficinas práticas com os alunos e professores da escola.

Para isso, aproveitamos os próprios componentes curriculares trabalhados no contexto em sala de aula para que fosse planejado e desenvolvido algumas oficinas durante o semestre letivo. Nesse quesito, elaboramos um cronograma de encontros e exposição de conteúdos/temas que envolvessem mais precisamente nas aulas de Língua Portuguesa.

No entanto, encontramos alguns entraves iniciais para que fosse executado o projeto na escola. A princípio, a UE já tinha algumas atividades em andamento, como também, a presença e participação de outros projetos no semestre letivo. Além disso, percebemos que inicialmente a proposta de oficina não atraía tanto a direção da escola, visto a complexidade e demanda para execução das atividades em sala de aula.

Contudo, notamos também que a equipe diretiva da UE tinha certa desconfiança sobre a proposta da oficina, levando em consideração que até o presente momento não se tinha feito nenhum projeto voltado para o tema na escola. De fato, era perceptível a resistência por parte da direção escolar principalmente por se tratar da (re)produção audiovisual com os respectivos alunos e professores. Tanto que uma das indagações sobre a proposta era justamente sobre como e o quê seria filmado na escola.

Desse modo, explicitamos junto a equipe escolar dada proposta didática e metodológica do projeto em sala de aula articulada às aulas de Língua Portuguesa na UE, ou seja, seguindo documentos curriculares e orientações pedagógicas que validassem a execução da proposta na referida escola. Para tanto, apresentamos um breve esboço para a equipe diretiva da UE com os resultados do projeto de extensão no formato *on-line* e de que forma isso poderia contribuir na formação docente e discente a partir da execução das oficinas.

Vale ressaltar que, dada proposta temática parte também do embasamento curricular já presente nas diretrizes educacionais vigentes nas escolas públicas do Estado do Tocantins. A exemplo disso, temos a referência do **Documento Curricular do Território do Tocantins (DCT)**³⁷ que aborda e tematiza sobre o devido uso da linguagem audiovisual enquanto uma das

o Ensino Médio em Tempo Integral, o Colégio Dr. José Aluísio da Silva Luz tem cerca de 830 alunos matriculados (dados referentes ao ano de 2023). Disponível em: <https://www.to.gov.br/pm/colegios-militares-do-estado-do-tocantins/>.

³⁷ Tal documento é que regulamenta e sistematiza toda estrutura curricular vigente nas escolas públicas do Estado do Tocantins. Dividido por áreas e competências, o DCT tem como base também as normativas da BNCC (Base

habilidades a serem desenvolvidas no contexto em sala de aula.

Segundo o próprio documento (no seu Caderno 2, correspondente a área de Linguagens e suas Tecnologias – Etapa do Ensino Médio):

Buscam-se a ampliação do contato e a análise mais fundamentada de manifestações culturais e artísticas em geral. Está em jogo a continuidade da formação do leitor literário e do desenvolvimento da fruição. A análise contextualizada de produções artísticas e dos textos literários, com destaque para os clássicos, intensifica-se no Ensino Médio. Gêneros e formas diversas de produções vinculadas à apreciação de obras artísticas e produções culturais (resenhas, vlogs, podcasts literários, culturais etc.) ou a formas de apropriação do texto literário, de **produções cinematográficas** e teatrais e de outras manifestações artísticas (remediações, paródias, estilizações, videominutos, fanfics etc.) continuam a ser considerados associados a habilidades técnicas e estéticas mais refinadas (TOCANTINS, 2022, p. 36).

Destacamos aqui a parte das produções cinematográficas no intuito de também justificar e intensificar a proposta dentro do contexto de ensino-aprendizagem na escola. Dito isso, logo apresentamos nossas reais intenções com o projeto na UE, levando em consideração também o perfil metodológico adotado pela instituição de ensino, como também, os respectivos públicos-alvo a serem atendidos durante a execução das oficinas em sala de aula.³⁸

Neste caso, alinhamos conjuntamente com a equipe diretiva e pedagógica da escola dada proposta a partir das condições e contribuições que a (re)produção audiovisual traria para a UE. Nesse sentido, seguimos as orientações educacionais vigentes para que obtivéssemos o devido resultado do projeto agora no seu formato presencial na escola.

Por fim, a escola (mesmo com o receio inicial com a ideia) acabou concordando com a execução das oficinas na UE. Para nós foi de suma importância esse avanço com o projeto agora no formato presencial, visto que teve boa receptividade por parte dos professores nos encontros *on-line*.

Além disso, seria uma nova experiência a partir do projeto, principalmente por envolver aulas mais práticas e focadas na aprendizagem de alunos e professores no que tange a produção audiovisual na escola. Dessa forma, iremos detalhar no subtópico seguinte dada experiência na referida UE, como também, toda distribuição de aulas/encontros com os discentes e docentes em sala de aula.

Nacional Comum Curricular). Disponível em: < <https://www.to.gov.br/seduc/documento-curricular-do-territorio-do-tocantins-dct-to-etapa-ensino-medio/>>.

³⁸ Por se tratar de uma escola na modalidade cívico-militar, deduzimos que tal proposta temática poderia encontrar a devida resistência por conta da metodologia mais tradicionalista vigente nesse tipo de segmento escolar. Nesse sentido que, levamos em consideração o perfil da escola para que pudéssemos levar o projeto de forma mais viável e conciliar juntamente com a equipe pedagógica e diretiva da referida UE.

4.3 Oficinas temáticas sobre produção audiovisual e edição de vídeos na escola: relatos e experiências com o projeto em sala de aula na rede pública de ensino em Araguaína-TO

Conforme o diálogo acordado previamente com a equipe escolar da referida UE, nós iniciamos de fato nossas atividades com a oficina intitulada como *(Re)Produção Audiovisual e Edição de Vídeos Escolares*³⁹ a partir da expansão do projeto *on-line Literatura e Cinema em Sala de Aula*.

Para isso, articulamos com os professores de Língua Portuguesa⁴⁰ na escola uma forma de abordar e tematizar a proposta a partir dos conteúdos curriculares já vigentes nas orientações educacionais. Neste caso, seguindo a normativa temática das diretrizes da BNCC e do DCT das escolas públicas do Estado.

Além disso, detalhamos e especificamos também dada oficina temática direcionalmente para uma única turma de 3º Ano do Ensino Médio. No caso, a escolha da turma selecionada se dava principalmente pela proposta para o semestre 2022/1 da ministração da disciplina eletiva⁴¹ *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão*⁴².

Concomitante ao trabalho a ser desenvolvido no referido componente curricular durante tal semestre letivo, organizamos juntamente com os coordenadores e professores responsáveis da UE alguns encontros periódicos com a turma para que fossem desenvolvidos aspectos mais práticos em sala de aula.

Sendo assim, organizamos um cronograma de acompanhamento presencial no decorrer

³⁹ Dada proposta da oficina temática na modalidade presencial foi aqui mais pensada e direcionada para o público discente no ambiente escolar. Visto que o curso de extensão no formato *on-line* foi mais voltado para a formação docente. Sendo assim, optamos por abranger e diversificar um pouco o enfoque nos respectivos públicos a fim de identificar e detalhar mais sobre os diferentes meios de acesso e formas de interação com o conteúdo audiovisual na escola.

⁴⁰ Para organização e execução da oficina na escola, contamos com a colaboração da professora Anne Raytielle Moura (uma das docentes cursistas no projeto de extensão *on-line*) e do coordenador da área de Linguagens Aldo Marcos. Ambos os professores (lotados no Colégio Militar José Aluísio) contribuíram para o devido planejamento, como também, na condução das atividades propostas a partir do projeto nos encontros presenciais.

⁴¹ Dentro do processo de curricularização e reformulação do novo Ensino Médio nas escolas públicas do Tocantins é inserido o conceito e distribuição de disciplinas extracurriculares intituladas como eletivas. Tais disciplinas são ofertadas semestralmente e são votadas/escolhidas pelos próprios alunos a partir de um portfólio organizado pela Seduc. Disponível em: < <https://www.to.gov.br/seduc/2-itinerarios-formativos/>>.

⁴² O nome da disciplina faz referência a uma das frases célebres do cineasta Glauber Rocha (1939-1981), um dos precursores do movimento *Cinema Novo* no Brasil. Glauber Rocha é conhecido mundialmente por ressignificar a linguagem cinematográfica do país e abordar sobre as diversas questões sociais problemáticas na época. No caso, o movimento do *Cinema Novo* era uma crítica ao modelo hollywoodiano de se fazer cinema, como também, uma forma de denúncia as desigualdades vigentes no Brasil. Sendo assim, Glauber Rocha se tornou um dos maiores no cinema brasileiro.

da disciplina eletiva que conciliasse com as aulas já ministradas pelos professores da turma. No caso, focamos para as oficinas mais os procedimentos de filmagem e edição de vídeos enquanto produto final⁴³ para o semestre letivo:

Figura 10: Quadro com o cronograma previsto para oficina temática no Colégio Militar em Araguaína

05/04/2022	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da proposta de oficina para os alunos/professores na turma; • Principais ferramentas para edição de imagem e vídeo (Canva e CapCut); • Efeitos de montagem, transição e regulagem para as filmagens escolares.
19/04/2022 (terça-feira)	
10/05/2022	<ul style="list-style-type: none"> • Montagem do roteiro para filmagem: escolha dos temas/divisão de grupos • Início das filmagens na UE: paródias temáticas a partir de obras literárias; • Acompanhamento e orientação dos grupos para as filmagens na escola.
24/05/2022 (terça-feira)	
07/06/2022	<ul style="list-style-type: none"> • Finalização das filmagens para a disciplina eletiva na escola; • Últimos ajustes de edição para apresentação dos vídeos; • Culminância da oficina: exibição dos curtas na UE.
21/06/2022 (terça-feira)	

Fonte: autoria própria (a partir do cronograma estipulado para a oficina temática na escola)

A partir da montagem e organização do referido cronograma pudemos então distribuir as aulas/encontros de forma que concomitassem com o trabalho realizado pelos professores no decorrer da disciplina eletiva. Como detalhado na tabela acima, dedicamos nas duas primeiras semanas uma breve apresentação da oficina em si, como também, a escolha/uso dos principais programas para o procedimento de montagem e edição de vídeos na escola.

No caso, a opção pelos aplicativos *Canva*⁴⁴ e *CapCut*⁴⁵ se dá principalmente pelo fácil uso e acesso gratuito de boa parte dos recursos a serem utilizados durante a execução das atividades na oficina temática. Além disso, ambas as plataformas oferecem versões tanto para devido uso em celulares quanto em computadores, o que facilita a depender da disponibilidade

⁴³ Por se tratar de uma disciplina que teoricamente não possui uma atribuição de valor/nota ou algum outro conceito avaliativo dentro da curricularização do Novo Ensino Médio, é sugerido que na culminância das eletivas seja feito e entregue uma espécie de produto final para que seja avaliado pelos demais professores nas outras disciplinas. Na prática, o trabalho da disciplina eletiva é ser ministrada e avaliada de forma diferenciada das demais disciplinas já convencionais. Sendo assim, solicitamos aos alunos que o produto final da disciplina seria a construção e conclusão do vídeo nesse período.

⁴⁴ O *Canva* é uma plataforma de design gráfico criado em 2012 pela australiana Melanie Perkins e que popularizou nos últimos anos na criação de conteúdos visuais para mídias sociais. Atualmente possui cerca de 30 milhões de usuários em todo o mundo e está disponível tanto no formato *on-line* (no seu site) quanto para dispositivos móveis. Disponível em: https://www.canva.com/pt_br/.

⁴⁵ Desenvolvido pela *ByteDance* (empresa responsável também pela plataforma do *TikTok*). O *CapCut* se tornou o aplicativo de edição de vídeo mais popular na atualidade (com mais de 200 milhões de usuários ativos). Criado em 2020, o *CapCut* já é integrado as principais plataformas virtuais e redes sociais (como o próprio *TikTok*, além do *Instagram* e *YouTube*). Disponível em: <https://www.capcut.com/pt-br/>.

e materiais técnicos dispostos para os discentes.

Pensando no contexto do Colégio Militar Dr. José Aluísio da Silva Luz, identificamos já previamente que boa parte dos alunos da turma já possuíam algum tipo de contato com os respectivos aplicativos (seja pelo celular ou mesmo por computador). Apesar de ser uma escola situada em um bairro geograficamente considerado periférico em Araguaína, o Colégio Militar José Aluísio atende um público-alvo com acesso básico (e até mesmo em alguns casos, mais intermediário) de recursos tecnológicos para uso dentro e fora da sala.

Com um total de 20 alunos matriculados na dita turma, praticamente todos os discentes já tinham algum aparelho celular disponível (em casa de uso autorizado em classe por parte da escola). Dessa forma, orientamos que o uso exclusivo em sala de aula se dava principalmente pela indisponibilidade do quantitativo de computadores necessários para a oficina na UE.⁴⁶

A partir da apresentação e detalhamento dos aplicativos selecionados para as aulas, logo notamos que boa parte dos alunos já utilizavam de tais recursos para edição e postagem de seus conteúdos pessoais nas redes sociais (principalmente em plataformas virtuais como *Instagram* e *TikTok*⁴⁷). Sendo assim, a proposta da oficina se tornou receptiva nesse primeiro momento com os alunos, visto o interesse pelo tema e a experiência dos discentes com essas plataformas no dia a dia.

Seguindo o cronograma estipulado, organizamos os encontros presenciais com a turma de forma quinzenal no intuito de facilitar a execução das atividades durante as aulas. Para tanto, estipulamos também um dia fixo durante a semana, como também, um horário adequado para que os alunos se organizassem com as demais demandas escolares. Neste caso, selecionamos o dia de terça-feira a partir dos últimos horários de aula (entre 09h:45min e 11h:25min) por já ser também o dia das aulas de eletiva *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão*.

Nos primeiros encontros em setembro, dedicamos a oficina mais especificamente ao uso e recursos tecnológicos a serem utilizados nas produções audiovisuais, detalhando as funções e resultados a partir de aplicativos como o *Canva* e *CapCut*. De fato, foi um momento importante pela troca de experiência com os estudantes, mas também, de aprendizado mútuo entre alunos

⁴⁶ Mesmo com a UE possuindo uma sala de informática, boa parte dos computadores já não estavam funcionando para uso durante a oficina. Sendo assim, solicitamos a autorização por parte da direção escolar para o uso exclusivo dos celulares em sala de aula, orientando os alunos sobre o enfoque didático das atividades.

⁴⁷ Segundo a pesquisa da *TIC Kids On-line*, cerca de 88% das crianças e adolescentes (entre 9 e 17 anos de idade) no Brasil possuem algum tipo de perfil nas redes sociais. Entre as plataformas mais populares entre esses públicos, estão o *TikTok* (como principal rede social por 34% dos usuários de Internet entre 9 e 14 anos de idade) e *Instagram* (que lidera com quase 52% dos usuários na faixa de 15 a 17 anos de idade). Além disso, o *TikTok* em 2021 chegou a marca de 1 bilhão de usuários ativos mensais no mundo inteiro. Disponível em: <https://www.nic.br/noticia/namidia/88-das-criancas-e-adolescentes-entre-9-e-17-possuem-perfil-nas-redes-sociais/>.

e professores a partir desse tipo de contato com o conteúdo audiovisual no espaço escolar como é ilustrado na imagem abaixo:

Figura 11: Ministração da oficina *Produção Audiovisual e Edição de Vídeos Escolares* no Colégio Militar Dr. José Aluísio da Silva Luz em Araguaína-TO



Fonte: autoria própria (abril de 2022)

Para elucidar a dinâmica e proposta da oficina temática, resolvemos projetar na prática o uso em tempo real desses recursos em sala de aula, isto é, mostrando as ferramentas e a partir disso os alunos teriam sua devida autonomia e desenvolvimento criativo para suas produções audiovisuais na escola. Conforme a própria ementa da disciplina eletiva *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão*”, um dos objetivos para essa modalidade de aula é:

Ofertar atividades teóricas e práticas que envolvem a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas em conjunto com a área de Linguagens e suas tecnologias, desenvolvendo a autonomia, a criticidade e o protagonismo, por meio da oralidade e da comunicação, empregando tecnologias diversas na produção de conteúdos ligados às mídias (TOCANTINS, 2022, p.02).

Dessa forma, pensamos em diversificar as aulas durante tal oficina com tais experiências práticas. Neste caso, intercalando com os conteúdos e temas da área de Língua Portuguesa, mais especificamente das aulas de Literatura. Para tanto, fizemos a organização de grupos para que sistematizasse a interação e integração dos alunos participantes.

Juntamente com os professores responsáveis da UE, fizemos a seleção de algumas obras literárias que pudessem balizar o trabalho com as produções audiovisuais. Neste caso, pensamos em (re)criar versões de alguns livros já trabalhados pelos professores de Língua Portuguesa nas aulas de literatura.

Como a turma de eletiva era formada basicamente por estudantes do 3º Ano do Ensino Médio, optamos por selecionar tais obras literárias propostas para leitura e estudo no semestre letivo. No caso, as obras aqui escolhidas foram *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos⁴⁸.

Dadas obras foram selecionadas visando a (re)criação em forma de paródia a partir dos recursos audiovisuais trabalhados durante a oficina. Para tanto, distribuímos para os encontros do mês de outubro a construção do roteiro, como também, o início das filmagens para a edição. No caso, a turma foi dividida em grupos (com 5 integrantes cada) para melhor acompanhamento e orientação durante a construção do produto final para a disciplina eletiva.

Logo, percebemos certa dificuldade por parte dos estudantes nessa etapa de elaboração e organização do roteiro para as filmagens. Mesmo com toda experiência e habilidade na criação de vídeos para as redes sociais, boa parte dos alunos desconheciam a estrutura e a importância de um bom roteiro para a produção audiovisual.

Sendo assim, orientamos os grupos a construção coletiva do roteiro, designando funções para cada integrante a fim de aprimorar a qualidade técnica das produções audiovisuais durante a oficina. Apesar das dificuldades iniciais nesse período, todos os grupos conseguiram elaborar com êxito o roteiro proposto e conseqüentemente, as filmagens para edição na próxima etapa.

Vale aqui destacar a devida colaboração e parceria dos professores responsáveis (Anne Raytielle e Aldo Marcos) na condução e diálogo com os estudantes nesse período de construção de roteiro/filmagem. De fato, foi de suma importância a participação dos respectivos docentes conjuntamente com os estudantes. Mesmo com a pouca experiência com o trabalho audiovisual, os professores foram comprometidos e contribuíram significativamente para a devida condução das aulas (e conseqüentemente, para progressão da oficina na escola).

Após as filmagens, organizamos um horário para que pudéssemos analisar o material já coletado. Por se tratar de uma oficina audiovisual de curta duração (apenas três meses e dividida em encontros quinzenais), optamos também por um formato mais compacto para as filmagens. No caso, sugerimos para os alunos e seus respectivos grupos o redimensionamento dos vídeos em curta-metragem (entre 5 e 10 minutos de duração).

Vale também ressaltar que por mais que as produções audiovisuais sejam baseadas em

⁴⁸ A escolha das obras supracitadas se dá também pelo planejamento e orientação curricular já presente na ementa da disciplina de Língua Portuguesa (também ministrada pelos professores colaboradores da oficina). No caso, tais professores já haviam selecionado o tema sobre Regionalismo na Literatura Brasil. Desse modo, optamos para que as obras já trabalhadas nas aulas de Língua Portuguesa fossem também aproveitadas para o trabalho audiovisual na disciplina eletiva *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão*.

obras literárias, a proposta da oficina conjuntamente com a dita disciplina de eletiva *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão* na escola era a (re)criação autoral dos jovens estudantes, ou seja, um recorte específico sobre a leitura dos livros para o formato fílmico.

Em outras palavras, uma releitura por parte dos alunos a partir das obras já trabalhadas durante o semestre letivo nas aulas de Língua Portuguesa/Literatura. No caso, a nossa proposta com a oficina era orientar mais na parte prática das filmagens e edições dos vídeos, visto que o produto final da disciplina eletiva era a construção de um material audiovisual já articulado com os conteúdos curriculares da UE.

Nesse sentido, estipulamos para o mês de novembro os ajustes finais para os vídeos produzidos pelos alunos. No caso, a partir do material coletado pudemos também fazer alguns recortes e sugestões para que as produções audiovisuais fossem posteriormente exibidas para a turma na culminância da disciplina eletiva (como também, na finalização da oficina na escola).

Desse modo juntamente com os professores colaboradores, fizemos os últimos repasses para os grupos a fim de aprimorar o produtor final nesse período. Posteriormente com o material já finalizado, organizamos um momento em sala de aula para que fosse exibido previamente para a turma os vídeos produzidos pelos alunos, como pode ser ilustrado na imagem abaixo:

Figura 12: Exibição dos curtas produzidos pelos alunos na oficina *Produção Audiovisual e Edição de Vídeos Escolares* no Colégio Militar Dr. José Aluísio da Silva Luz em Araguaína-TO



Fonte: autoria própria (junho de 2022)

Após a exibição dos curtas em classe, pudemos também dialogar com os alunos sobre a

experiência da oficina na disciplina de eletiva *Uma ideia na cabeça e uma câmera na mão*. A partir do relato dos próprios alunos, notamos a devida satisfação com os resultados obtidos, isto é, o produto final com a construção de um material audiovisual na escola.

Segundo um dos alunos participantes durante a oficina “a experiência de fazer um curta-metragem foi mais proveitosa para aprender os conteúdos em sala de aula”. Já outro discente destacou a aprendizagem a partir do uso e recurso do roteiro na atividade, segundo o mesmo “a construção do roteiro foi a parte mais difícil do trabalho, mas que ajudou bastante nas filmagens e também na edição dos vídeos”.

Além disso, os alunos destacaram a parte mais descontraída da atividade. Conforme os próprios relatos dos estudantes, “foi bem divertido fazer as filmagens e ver também os colegas participando nos vídeos”. Já os professores destacaram o interesse e o protagonismo dos alunos com a execução do trabalho. Segundo a professora da UE Anne Raytielle, “o comprometimento e a maior participação dos alunos foi significativo para o resultado do trabalho”. Já o professor e coordenador de área Aldo Marcos destacou o espírito de coletividade e ajuda entre os colegas. Segundo o professor, “foi bastante proveitoso ver a união dos alunos, principalmente com os que tem mais dificuldade para falar em público ou participar de trabalhos em grupo”.

De fato, os resultados obtidos são a soma de fatores e contribuições para que o trabalho fosse bem conduzido durante os encontros presenciais. Sem o apoio e disposição da UE já não seria possível a participação efetiva dos alunos, como também, a colaboração dos professores para que toda oficina fosse executada em tempo hábil e sem prejudicar as demais atividades na escola.

Mesmo com a dificuldade e empecilhos iniciais, a proposta e inserção do projeto na UE foi de suma importância para a temática e materialidade da tese. Visto que foi também uma das primeiras experiências práticas com a ideia de levar literatura e cinema para a sala de aula. De fato, a oficina no Colégio Militar José Aluísio trouxe novas perspectivas sobre o tema, além de demonstrar a relevância de tais ações na escola.

Outro fator importante para o devido desempenho e resultados obtidos com dada oficina foi a contribuição e participação dos professores junto ao projeto. A partir do curso de extensão *on-line* pudemos ouvir e identificar as principais demandas e dificuldades por parte do público docente acerca do trabalho com audiovisual na escola. A ideia do curso era justamente fomentar e apresentar ferramentas viáveis para tal trabalho em sala de aula, como também, articular esse tipo de conhecimento com as demais áreas e componentes curriculares já vigentes no ambiente escolar.

Sendo assim, foi a partir do curso de extensão *Literatura e Cinema em Sala de Aula* que foi possível vislumbrar aqui novos passos para tal projeto. Inicialmente por conta das questões recorrentes da pandemia, tivemos que adiar esse primeiro contato de forma presencial com os alunos e professores. Contudo, vimos a real necessidade de levar algo prático e efetivo para as escolas.

Desse modo, organizamos a proposta da oficina de *(Re)Produção Audiovisual e Edição de Vídeos Escolares* no Colégio Militar José Aluísio em Araguaína. Levando em consideração as inquietações e indagações por parte dos professores de levar o tema sobre literatura e cinema para escola, como também, executar atividades e projetos que envolvam tais discentes de forma autônoma e criativa sobre as diferentes linguagens. Conforme as próprias orientações da BNCC (2018) para o Ensino Médio, uma das competências específicas a serem também desenvolvidas nas escolas a partir da área de Língua Portuguesa é justamente:

Compreender o funcionamento das diferentes linguagens e suas práticas (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo (BRASIL, p. 481).

Portanto, nossa ideia com a proposta da oficina conjuntamente com alunos e professores surge desse propósito de articular e diversificar as práticas com as ditas linguagens (audiovisual e literária, respectivamente) em sala de aula. Visto que dadas compreensões e contribuições se ressignificam no processo de ensino-aprendizagem na escola.

Por mais que ainda falte um diálogo efetivo e abrangente no espaço escolar sobre o uso e recurso audiovisual no aprendizado educacional, vemos com boa expectativa esses primeiros experimentos com tais (re)leituras e (re)produções audiovisuais a partir do texto/fonte literária. No caso, a oficina *(Re)Produção Audiovisual e Edição de Vídeos Escolares* trouxe uma dada significância para o projeto inicialmente pensado para a formação e orientação de professores.

Contudo, vimos essa possibilidade de atender outro tipo de público que também interage com esse tipo de linguagem (seja no ambiente virtual ou mesmo, na escola). De fato, o convite da professora coincide com a real necessidade de abordar e levar o curso adiante também para outros espaços e públicos.

Nesse segmento, pensamos de levar essa proposta formativa também para o âmbito da Universidade, isto é, propor tal oficina agora para os estudantes do curso de Letras. Neste caso, direcionando e especificando as partir das temáticas de formação para esse público-alvo. Por fim, iremos dar prosseguimento a esses experimentos formativos no subcapítulo em sequência,

que focará mais estritamente ao curso ofertado para os acadêmicos da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) em Araguaína no evento III FLUA (3ª Feira Literária Universitária de Araguaína).

4.4 Curso formativo para os acadêmicos do curso de Letras na UFNT: a experiência do minicurso no ambiente universitário

A partir da experiência com a oficina no Colégio Militar José Aluísio, pensamos também de levar a proposta para Universidade. No caso, um minicurso voltado para o público acadêmico do curso de Letras. Para tanto, entramos em contato com os professores e vimos as viabilidades de execução do projeto na **Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)**⁴⁹.

Por se tratar de um público universitário, era necessário algumas adequações e possíveis direcionamentos para tal minicurso (diferente do curso de extensão voltado para professores já atuantes na rede de ensino, como também, da oficina ofertada para os alunos do Ensino Médio). Dessa forma, pensamos a partir das temáticas já trabalhadas no curso de licenciatura em Letras, principalmente nas áreas de Letramento Literário e Ensino de Literatura.

Desse modo, vimos dada oportunidade do curso temático a partir do evento acadêmico da **FLUA (Feira Literária Universitária de Araguaína-TO)**⁵⁰ que já estava em sua terceira edição. No caso, o evento acadêmico traz como cerne as discussões e várias apresentações de trabalhos acadêmicos que tematizam sobre arte e literatura em seus possíveis desdobramentos na dita atualidade.

Logo, entramos em contato previamente com um dos professores da organização⁵¹ do evento no intuito de participar da programação com uma proposta de minicurso temático. A partir desse contato, conseguimos explicitar o enfoque e relevância do projeto para o respectivo

⁴⁹ A Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) é uma instituição de ensino superior pública federal brasileira, multicampi, sediada na cidade de Araguaína no Estado do Tocantins. A Universidade é resultado do desmembramento da Universidade Federal do Tocantins (UFT) em 2019. Desde então, a Universidade possui dois polos (em Araguaína e Tocantinópolis, respectivamente) e com previsão para criação de novos campi nas cidades de Guaraí e Xambioá.

⁵⁰ O evento acadêmico FLUA (Feira Literária Universitária de Araguaína) é uma proposta artístico-cultural na Universidade que promove a reunião de artistas, escritores, professores e a comunidade acadêmica em geral para dialogar sobre arte e literatura em suas diferentes dimensões. A comissão organizadora do evento é composta pelos seguintes professores: Dr^a Eliane Cristina Testa (UFNT), Dr^a Martha Vieira (UFNT) e Dr. João de Deus Leite (UFNT). Disponível em: <https://fluauft.wixsite.com/flua/>.

⁵¹ No caso, entramos em contato com Prof.^a Dr^a Eliane Cristina Testa e apresentamos a proposta do minicurso para apresentar e explicar a proposta para o referido evento. A professora prontamente aceitou a ideia e acrescentou na programação da III FLUA de 2022.

público-alvo. Como também, colaborar com dada pesquisa no meio acadêmico e assim, difundir mais sobre o tema no curso de Letras.

Vale também ressaltar que tal pesquisa surgiu no curso de licenciatura em Letras⁵² e é de suma importância essa devolutiva justamente com respectivo público acadêmico, visto que no ambiente da Universidade é possível debater e ampliar essas (e outras) problematizações sobre o tema.

De fato, fazer o minicurso para os alunos do curso de Letras – Língua Portuguesa já era uma iniciativa pensada no decorrer da pesquisa no Doutorado. Principalmente por essa área (de literatura e cinema) começar a desenvolver algumas pesquisas nesse segmento na região. Logo, era importante ter esse contato com o público acadêmico e ver as possibilidades do minicurso enquanto projeto formativo e incentivador para novos trabalhos na respectiva área.

Intitulado como **Literatura e Cinema em Sala de Aula: Leituras e Procedimentos Metodológicos**, o minicurso universitário foi pensado no formato *on-line* visto a programação do evento da FLUA (que naquela edição seria exclusivamente também *on-line*). No caso, seria organizado em única data e divulgado nos veículos de informação da Universidade, como pode ser ilustrado no cartaz a seguir:

Figura 13: Cartaz de divulgação do minicurso *on-line* *Literatura e Cinema em Sala de Aula: Leituras e Procedimentos Metodológicos* para o evento III Flua UFNT (Feira Literária Universitária de Araguaína)



Fonte: autoria própria (dezembro de 2022)

⁵² Aqui referenciamos a monografia de conclusão do curso de licenciatura em Letras, intitulado *Cinema no ensino de literatura: uma cena de novos leitores*, orientado pelo Prof. Dr. Wallace Rodrigues no ano de 2015.

Como demonstrado na imagem anterior acima, o minicurso foi ofertado virtualmente no aplicativo do *Google Meet* e com um quantitativo limitado de vagas (cerca de vinte inscrições) na plataforma SISMA (Sistema Integrado de Suporte à Matrícula)⁵³ da UFT/UFNT. Além disso, os participantes eram certificados ao final do minicurso temático, como também, nas demais programações do evento acadêmico da FLUA.

Um dado interessante para esse minicurso na UFNT foi a procura do público acadêmico já no curso formativo de extensão *on-line* para professores, ministrado em agosto de 2021 (com cerca de 25% das inscrições sendo de alunos dos cursos de licenciatura). Logo, reconsideramos a oferta do minicurso mais voltado para esses estudantes universitários (com dada certificação de 4 horas).

No total, tivemos vinte inscritos no minicurso (todos vinculados ao curso de licenciatura em Letras na UFNT e cursistas ativos entre o 1º e 4º período). Além do apoio e divulgação por parte da Universidade, contamos também com a colaboração da Acalanto (Academia de Letras de Araguaína)⁵⁴ para reforçar o convite entre os acadêmicos.

Como se tratava de um minicurso formativo, pensamos em elaborar os tópicos e os temas a partir do perfil dos cursistas (como foi realizado para o curso de extensão com os professores). Neste caso, organizamos mais precisamente sobre o ensino de literatura relacionado com o uso e recurso fílmico em sala de aula.

Vale aqui ressaltar também que o minicurso acadêmico e o curso formativo de extensão para professores possuem em si suas semelhanças temáticas (visto que o público-alvo são e/ou serão profissionais da educação futuramente). Além disso, nosso enfoque metodológico para o minicurso foi mais baseado nos estudos e trabalhos realizados no curso de Letras, isto é, a partir de obras literárias já abordadas nos cursos de licenciatura e que dialogam com a proposta entre literatura e cinema.

A exemplo disso, trouxemos obras como *Macunaíma* e *Vidas Secas* (que já são também recorrentes no curso de Letras) a partir das (re)leituras de suas respectivas versões audiovisuais. No caso, a escolha por tais obras (livros e filmes) se dá pelas possibilidades metodológicas para o trabalho em sala de aula, ou seja, relacionar a fonte/obra literária com dada versão fílmica a

⁵³ SISMA (Sistema Integrado de Suporte à Matrícula) é uma plataforma virtual da UFT/UFNT para inscrição em eventos acadêmicos e emissão de certificados *on-line* das atividades acadêmicas na Universidade. A plataforma já é integrada ao login do aluno juntamente com seu número de matrícula para facilitar o devido acesso e cadastros nos cursos e palestras ofertadas pela Instituição de Ensino.

⁵⁴ A Acalanto (Academia de Letras de Araguaína) é uma instituição artístico-cultural inaugurada em 21 de abril de 2002 e tem como objetivo o cultivo e divulgação da literatura na região. Além disso, a Acalanto firma parcerias com as escolas e Universidades em Araguaína no intuito de promover, incentivar a leitura literária, como também, os demais eventos e exposições voltados para arte e cultura na cidade.

partir das características e diferenciações entre ambas as leituras.

Desse modo, foi interessante ver que boa parte dos acadêmicos cursistas já conheciam ou pelo menos já haviam ouvido falar de boa parte dos filmes brasileiros que são baseados em obras literárias. Para elucidar melhor esses exemplos literários/cinematográficos, organizamos uma espécie de lista com as principais obras que são baseadas em livros da literatura brasileira, como pode ser ilustrada na tabela a seguir:

Figura 14: Quadro com os filmes que são baseados/inspirados em obras da literatura brasileira mencionados no minicurso *Literatura e Cinema em Sala de Aula: Leituras e Procedimentos Metodológicos* na FLUA⁵⁵

Obras literárias	Versões fílmicas
<i>Vidas Secas</i> de Graciliano Ramos (1938)	<i>Vidas Secas</i> de Nelson Pereira dos Santos (1963)
<i>Macunaíma</i> de Mário De Andrade (1928)	<i>Macunaíma</i> de Joaquim Pedro de Andrade (1969)
<i>Morte E Vida Severina</i> de João Cabral Melo (1955)	<i>Morte e Vida Severina</i> de Zelito Viana (1977)
<i>O Cortiço</i> de Aluísio Azevedo (1890)	<i>O Cortiço</i> de Francisco Ramalho Jr. (1878)
<i>Iracema</i> de José de Alencar (1865)	<i>Iracema</i> de Carlos Coimbra (1979)
<i>A Hora da Estrela</i> de Clarice Lispector (1977)	<i>A Hora da Estrela</i> de Suzana Amaral (1985)
<i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i> de Lima Barreto (1915)	<i>Policarpo Quaresma, herói do Brasil</i> de Paulo Thiago (1988)
<i>O Auto da Compadecida</i> de Ariano Suassuna (1955)	<i>O Auto da Compadecida</i> de Guel Arraes (2000)
<i>Memórias Póstuma de Brás Cubas</i> de M. de Assis (1881)	<i>Memórias Póstuma de Brás Cubas</i> de André Klotzel (2001)
<i>Capitães de Areia</i> de Jorge Amado (1937)	<i>Capitães de Areia</i> de Cecília Amado (2011)

A listagem feita na tabela acima foi a exemplificação de alguns títulos no minicurso que poderiam ser então abordados e até tematizados nas aulas de literatura em classe, possibilitando assim diferentes (re)leituras e perspectivas sobre a mesma obra (ou da sua base referencial). No caso, tais obras possuem suas relações e diferenciações entre a fonte literária e a versão fílmica. Contudo, são opções válidas para se pensar a literatura também na sua projeção audiovisual, ou seja, em outros olhares e telas que visibilizam (e de certa forma, até divulgam) o texto literário na contemporaneidade.

De fato, esse ponto foi bastante importante no minicurso até para ouvir as experiências dos acadêmicos cursistas, visto seu contato e leitura sobre essas obras que são versadas do livro para o filme (e/ou vice-versa). Em uma das falas dos participantes, mencionou até o fato de não gostar de “assistir filmes que são baseados em livros, pois geralmente são bem diferentes das

⁵⁵ Os títulos aqui selecionados sugerem algumas obras conhecidas da literatura brasileira que foram adaptadas para as telas fílmicas. Neste caso, optamos para organizando em uma espécie de lista para que os acadêmicos cursistas pudessem também visualizar tais sugestões de títulos. Contudo, tais livros e filmes (respectivamente) foram apenas citados durante o minicurso como exemplificação sobre o tema.

histórias originais”⁵⁶.

Em partes, esse tipo de argumento já faz parte do imaginário de alguns leitores (ou até mesmo, de alguns professores de literatura). Afinal, justifica-se tal opinião (que já foi abordada e discutida aqui durante a tese que “o livro é sempre melhor que o filme”). Contudo, vimos um posicionamento um pouco diferente dos alunos cursistas em seus relatos no minicurso, visto o contato que já possuem com esse tipo de conteúdo.

No caso, um dos participantes relatou que já trabalhava com esse tipo de metodologia (isto é, utilizando de filmes que são baseados/inspirados em livros literários para leitura em sala de aula). Segundo o acadêmico, “a releitura a partir do filme ajuda a interpretar e compreender certos pontos que não conseguia ainda entender a partir da leitura literária”.

E nesse sentido que, focamos para o minicurso (até por se tratar então de curso de curta duração), mais sugestões temáticas e metodológicas de como trabalhar com esse tipo de filme baseado em obras literárias. Até porque o enfoque do minicurso não era sobre análise entre tais obras, mas sim, apontar possibilidades de ensino e leitura a partir da linguagem e as respectivas versões fílmicas presentes na atualidade.

Desse modo, vimos que o minicurso foi proveitoso, pois trouxe também novas reflexões sobre o tema. Tanto que, uma das sugestões apontadas por um dos cursistas era a possibilidade de criação de uma disciplina no curso de Letras voltada para dado segmento temático (literatura e cinema em sala de aula).

De fato, ver a importância sobre o tema no curso de Letras segue a ideia de que o ensino de literatura e a leitura literária como um todo tende a essas (e outras) ressignificações para tais alunos e futuros professores. De certa forma, o minicurso (por mais breve e específico que seja) trouxe novas perspectivas para o projeto. No caso, contextualizamos e até abrangemos os cursos para os mais diferentes públicos (alunos, professores e universitários dos cursos de licenciatura) e pudemos identificar a significância de levar o tema para o âmbito do ensino-aprendizagem.

Por fim, vemos que dado minicurso *Literatura e Cinema em Sala de Aula: Leituras e Procedimentos Metodológicos* teve um resultado positivo também na Universidade. Visto toda receptividade sobre o tema, como também, a contribuição e formação de profissionais da área da educação capazes de compreender e aprimorar o uso/recurso audiovisual enquanto proposta relacional e ampla para o ensino de literatura na escola.

⁵⁶ Em dado momento do curso, abrimos um espaço para perguntar e relatos de experiências sobre o tema. No caso, as falas aqui destacadas fazem parte da participação dos alunos no minicurso *on-line* e que coincide com algumas das nossas problematizações no início do trabalho temático.

4.5 Outras ações após o projeto de extensão *Literatura e Cinema em sala de aula*

Após o planejamento e execução das atividades propostas dentro do projeto de extensão *Literatura e Cinema em Sala de Aula*, vimos a necessidade de prosseguimento sobre tal tema. Neste caso, intercalamos aqui algumas ações correlatas e transversais que também tematizavam (mesmo que de forma indireta) sobre a experiência do curso com os alunos e professores.

Vale ressaltar que, após o projeto de extensão houve uma boa procura por parte de outros colegas interessados sobre o tema e que não conseguiram se inscrever para as aulas *on-line* aos sábados, como também, os demais estudantes (principalmente do curso de Letras) que também desejavam participar de algum curso voltado para tal temática.

Dessa forma, elaboramos algumas lives (transmissões ao vivo em canais virtuais e/ou redes sociais) para divulgar um pouco dos resultados obtidos com o projeto de extensão durante esse período. No caso, pensamos no formato da live visto a sua popularidade e divulgação nesse tipo de plataforma *on-line*.

Com o advento da pandemia, as lives se tornaram muito comuns no nosso dia a dia e se consolidaram enquanto produção de conteúdo em massa para os mais diferentes tipos de temas e públicos na Internet. Sendo assim, vimos então uma boa oportunidade de abranger o trabalho de pesquisa, como também, atrair novos participantes para a proposta temática.

Uma das nossas primeiras ações foi a organização de uma espécie de aula experimental para o público em geral, isto é, direcionado para os demais interessados pelo tema abordado e que pudessem também participar no dito formato *on-line* no ano de 2022. No caso, divulgamos nas redes sociais (mais precisamente na plataforma do *Instagram*) como pode ser ilustrado na imagem a seguir:

Figura 15: Cartaz para aula experimental *Olhares e leituras sobre nosso cinema: é possível estudar e aprender a partir dos filmes?* Realizado no perfil do Instagram do projeto cultural *Loucademia de Cinema*



Fonte: Instagram do projeto *Loucademia de Cinema*

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRwTD9qR/?igsh=MWw4anJwMW45ajBoeA>

A ideia da aula experimental surgiu também da necessidade de diversificar dada atuação e abrangência da proposta temática. Neste caso, direcionamos o projeto inicialmente para dado enfoque educacional, isto é, com a participação de alunos e professores no processo discursivo e metodológico durante as aulas.

No entanto, a experiência com as lives ambientaliza outro tipo de interação e forma de consumo desse tipo de conteúdo nas mídias digitais. Para tanto, pensamos aqui os mecanismos mais práticos e acessíveis para que essas ações pós-projeto de extensão chegassem para outros e novos sujeitos interessados pelo tema.

Nesse sentido, utilizamos aqui de outros canais de comunicação no intuito de facilitar e aproximar o público sobre a pesquisa e o tema estudado. Inicialmente, começamos a divulgação nas redes sociais (principalmente no Instagram) visto que muitos seguidores passaram também a acompanhar as postagens referentes ao projeto e curtiam a ideia de ter tais conteúdos voltados à proposta sobre literatura e cinema na escola/sala de aula.

Sendo assim, especificamos aqui o perfil do Instagram do projeto cultural *Loucademia*

*de Cinema*⁵⁷ (que já era um projeto frequente e recorrente antes mesmo da pesquisa) para ser esse espaço de interação e divulgação das lives temáticas na Internet. Dada escolha pelo perfil virtual do referido projeto se dá principalmente pelo alcance e relação com o tema proposto (mesmo que de forma indireta).

No caso da *Loucademia de Cinema*, o enfoque do projeto cultural era a exibição gratuita de filmes para a comunidade, isto é, acessibilizando e democratizando a sétima arte na cidade de Araguaína. Contudo, com o advento da pandemia o projeto teve que se paralisado de forma temporária e direcionado para lives e outros temas nas redes sociais.

Dessa forma, aproveitamos o público e seguidores do projeto da *Loucademia de Cinema* para também divulgar a proposta temática do curso de extensão sobre *Literatura e Cinema em Sala de Aula* no Instagram. De fato, tal iniciativa trouxe novos interessados sobre o tema, como também, novos olhares e perspectivas para o trabalho.

Neste caso, destacamos aqui a percepção sobre o tema (literatura e cinema na escola/sala de aula) agora por pessoas que não possuem vínculo com a educação ou não possuem essa dita experiência pedagógica com o audiovisual. Logo, tal interação e participação nas redes sociais foi de suma importância para visibilização do projeto, como também, dadas ações e pesquisas realizadas durante esse período (antes e após a tese).

Nesse tocante, outra ação que referenciamos também foi a participação na live temática organizada pelo Sesc Tocantins⁵⁸ (Serviço Social do Comércio do Tocantins) em 2022. Na dada oportunidade, participamos de um bate-papo juntamente com os professores José Carlos de Freitas⁵⁹ (UNIRG) e Roberto Amaral⁶⁰ (UFT) sobre o seguinte tema **Literatura e Cinema:**

⁵⁷ O projeto cultural *Loucademia de Cinema* é um evento cinéfilo que ocorre em Araguaína-TO desde 2018 com a exibição aberta e gratuita de filmes variados para a comunidade local. No caso, o projeto surge a partir da pesquisa de mestrado sobre consumo e recepção cinematográfica na cidade. Com o total de 12 edições até 2022, o projeto atende uma média de 200 a 250 pessoas por sessão com a escolha dos filmes pelo próprio público (via redes sociais e/ou formulários *on-line*). Atualmente o projeto se encontra paralisado por conta da reforma do Espaço Cultural de Araguaína, como também, o advento da pandemia que inviabilizou a projeção fílmica nos últimos anos. Contudo, a nossa proposta é que o projeto retorne suas atividades normais a partir do ano de 2025.

⁵⁸ O Sesc TO (Serviço Social de Comércio do Tocantins) é uma entidade privada sem fins lucrativos administrada pela Fecomércio Tocantins, que é ligada a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Por meio do acesso à cultura, educação, saúde, esporte, lazer e assistência, são oferecidos serviços e ações que melhoram a qualidade de vida dos brasileiros através de suas mais de 580 unidades por todo o país. Disponível em: < <https://www.sescto.com.br> >.

⁵⁹ Professor de Filosofia da Universidade de Gurupi (UnirG) graduado em Filosofia pela UNIOESTE de Toledo-PR; Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense – UFF de Niterói-RJ e Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT de Araguaína-TO. Autor dos livros de poemas *Pequeno Tratado de Ateologia, Eitos e Leitos* e de crítica literária *Os Dançarinos do Arame – Lirismo e Resistência* em Mário Quintana.

⁶⁰ Professor do Curso de Licenciatura em Filosofia, do Curso de Pós-Graduação em Ética e Ensino de Filosofia e do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) da UFT, Campus de Palmas (TO). Pós-Doutor em Estudos Literários e Doutor em educação pela UFG.

diálogos possíveis como pode ser ilustrado no cartaz abaixo:

Figura 16: Cartaz da live *Literatura e Cinema: diálogos possíveis*, organizada pelo Sesc Tocantins



Fonte: YouTube do Sesc Tocantins

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Zj0abTOt4A>

Transmitido no canal oficial do Sesc Tocantins no YouTube, a live temática tinha como enfoque as experiências e projetos desenvolvidos pelos professores convidados no que tange a relação entre literatura e cinema. No nosso caso específico, foi de suma importância esse espaço de diálogo para apresentarmos nossa compreensão sobre tal tema e os primeiros resultados com a pesquisa para a tese.

Além disso, foi uma boa oportunidade para conhecer também outros projetos e trabalhos que tematizam sobre o uso e recurso audiovisual no campo literário. A exemplo disso, temos o projeto organizado pelo professor José Carlos na UNIRG em Gurupi intitulado como **Filosofia, Literatura e Cinema**, realizado desde 2010 na referida Universidade com a exibição e espaço para discussão sobre filmes nesse segmento temático.

Vale também ressaltar que a participação na live temática sobre literatura e cinema veio

a partir do convite da promotora cultural Geovanna Lima, responsável pelas palestras e outros projetos do Sesc que abordam e tematizam a literatura no Estado do Tocantins. No caso da live, a ação faz parte do projeto **Literatura na Biblioteca**⁶¹, que divulga escritores e pesquisadores da área e promove discussões no âmbito da arte e cultura no Estado.

Sendo assim, nossa participação na live do Sesc foi bastante proveitosa principalmente pelos diálogos e trocas de experiências com os professores participantes. Além disso, tivemos a interação com outros artistas e interessados pelo tema no chat disponibilizado na plataforma do YouTube. De fato, essa oportunidade trouxe outra visibilidade e perspectiva para o projeto desenvolvido em Araguaína, além de novos direcionamentos para as futuras ações sobre o tema.

Por fim, destacamos aqui também nossa ação desenvolvida também no ano de 2022/2 no IFTO (Instituto Federal do Tocantins) – Campus de Paraíso. Na ocasião, estruturamos um trabalho no seguinte tema: **Produção audiovisual discente em sala de aula – (re)criação de videopoemas a partir da leitura de obras da literatura regional tocantinense**. Neste caso, utilizamos do conceito e experiência com o a oficina temática em Araguaína para desenvolver também na disciplina de Língua Portuguesa no curso médio-técnico em Meio Ambiente.

Vale aqui destacar que tal proposta metodológica surgiu da nossa prática docente nesse período (2022/2) no IFTO – Campus Paraíso do Tocantins. Visto que estávamos ali exercendo também a função de professor substituto no referido semestre letivo. Neste caso, pensamos aqui em incluir a temática enquanto atividade a ser desenvolvida para a culminância do 4º bimestre e apresentar para a comunidade escolar.

Para isso, estipulamos com os alunos a leitura literária bimestral como referida base para a construção e filmagem dos videopoemas propostos. Diferente da oficina realizada no Colégio Militar em Araguaína, nossa proposta de atividade com alunos do IFTO partiu da leitura e uso de obras literárias regionais no Estado do Tocantins, isto é, de autores da região que pudessem também ser trabalhados em sala de aula.

De fato, dada escolha e seleção temática para tais obras literárias surgiu principalmente pela necessidade de abordar e visibilizar a produção artístico-cultural do Tocantins (que ainda é pouco debatida e reconhecida pelos alunos no Estado). Além disso, vimos também como boa possibilidade ter esse contato direto com os escritores da nossa região, isto é, com a participação

⁶¹ O projeto *Literatura na Biblioteca* surge com o intuito de oferecer dada programação de literatura tanto no espaço da biblioteca, oportunizando, dessa maneira, ao leitor conhecer e ser sensibilizado para leitura e descoberta de novos títulos e autores, gêneros e textos com estilística diferenciada, que provoque reflexão de temas cotidianos, para além de relações amorosas e conflitos familiares. Em especial, buscando valorizar autores e livros do estado do Tocantins. Na oportunidade também,

desses artistas em aulas e eventos nas escolas.

Dessa forma, fizemos uma averiguação e levantamento prévio de alguns escritores que residiam na cidade de Paraíso do Tocantins, como também, que tivessem obras acessíveis para leitura nesse período. Dentre as obras analisadas, selecionamos então o livro de poemas ***Olhos da Alma da escritora paraíense Rosely Camargo*** para trabalharmos com a respectiva turma do 1º Ano do Ensino Médio-Técnico do Curso de Meio Ambiente no IFTO no Campus Paraíso do Tocantins.

Neste caso, tal escolha pelo referido livro literário se dá especificamente pela linguagem acessível da obra e pelo fato da escritora supracitada já realizar projetos e visitas periodicamente nas escolas em Paraíso do Tocantins. Com uma grande experiência como escritora e contadora de histórias, Rosely Camargo possui uma didática bem lúdica com os alunos e suas obras já se tornaram recorrentes também nos trabalhos escolares na região.

Sendo assim, estipulamos a leitura literária bimestral para que os discentes produzissem ao final do bimestre uma versão audiovisual a partir dos poemas lidos, ou seja, uma (re)leitura e (re)criação em formato de videopoema como produção final. No caso, os próprios estudantes fariam a seleção desses poemas, como também, a filmagem e edição dos vídeos produzidos a partir da obra literária embasada.

De início, os alunos tiveram um pouco de dificuldade na construção do roteiro norteador para as produções audiovisuais (da mesma forma como ocorreu também na dita experiência da oficina no Colégio Militar em Araguaína). Além disso, esse era o primeiro contato de boa parte desses discentes com esse tipo de atividade/trabalho (com dada criação de videopoemas), como também, com a leitura e literatura produzida no Estado do Tocantins.

Dessa forma, a experiência no IFTO trouxe a nós novas abordagens e abrangências para o tema. Até então, focávamos mais precisamente na (re)produção e relação com a literatura tida como canônica/clássica. Entretanto, percebemos com essa atividade que as interações múltiplas entre literatura e cinema podem também se explicar em outras obras (literárias e/ou fílmicas) mais próximas da realidade e contexto de nossos alunos.

A partir do feedback dos estudantes pudemos então entender a importância de levar esse tipo de tema para a sala de aula. Como os alunos do Colégio Militar em Araguaína, os discentes participantes do IFTO destacaram tal dinamismo e criatividade para executar essa dita proposta de trabalho escolar. E se tratando aqui também de um Instituto Federal, os alunos conseguiram com êxito articular a atividade com uso e recurso de ferramentas tecnológicas para a construção e desenvolvimento dos respectivos vídeos.

Para tanto, estipulamos um momento de culminância dos trabalhos desenvolvidos para apresentação e participação da escritora Rosely Camargo juntamente com os alunos na escola. Na oportunidade, organizamos uma espécie de Café Literário com a exibição dos videopoemas para a turma e com a presença da autora do livro que serviu de base/inspiração para as produções audiovisuais no semestre letivo.

Utilizando aplicativos como Canva e CapCut (como foi também a edição dos vídeos na oficina temática no Colégio Militar em Araguaína), os alunos expuseram seus trabalhos durante o semestre letivo. Foi um momento importante principalmente com a participação da escritora Rosely Carvalho, que pôde ver seus poemas transpostos para a tela no formato audiovisual.

A exemplo disso, destacamos aqui um dos videopoemas produzidos durante a disciplina de Língua Portuguesa:

Figura 17: Videopoema *Memória* baseado no poema homônimo do livro *Olhos da Alma* da escritora Rosely Camargo, produzido pelos alunos do 1º Ano do Ensino Médio-Técnico em Meio Ambiente em 2022/2



Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HwjU5zeaKn0>>.

O videopoema anexado acima se trata de uma dessas produções audiovisuais na escola. No caso, o referido poema foi uma seleção feita pelos próprios estudantes em sala de aula, como também, todo processo criativo e de edição utilizado para o referido conteúdo audiovisual. De fato, o resultado obtido a partir da produção temática dos alunos nos surpreendeu pela qualidade e criatividade utilizada pelos estudantes para montagem e proposta com o vídeo. Além disso, a

turma gostou da experiência de produzir e construir algo de forma autônoma e coletiva a partir da (re)leitura de um livro literário (neste caso, uma obra regional).

Vale aqui também destacar a percepção e reação da escritora ao visualizar seus poemas nas produções audiovisuais realizadas pelos alunos. Para a própria poetisa, “não tem nada mais gratificante para um escritor do que ver a recepção de novos leitores e ver seus textos adaptados em outros formatos” (relato feito durante o encontro no Café Literário). De fato, percebemos a sensibilização por parte da escritora em ver seu trabalho literário lido e transposto para as telas. Para nós, foi uma experiência marcante a atividade realizada com os alunos do IFTO – Campus Paraíso do Tocantins. Visto a dedicação e criatividade exercida para/com a proposta temática de relação entre obra literária e produção audiovisual.

Após a exibição dos videopoemas em classe, tivemos também um momento de diálogo entre os estudantes e a escritora convidada. Dado espaço foi de suma importância para entender todo processo de criação e referência por parte da escritora, como também, a então experiência dos alunos com a leitura da obra literária e conseqüentemente na elaboração das (re)produções audiovisuais.

Na oportunidade, a escritora falou um pouco da sua trajetória na literatura e como isso se articula/manifesta em tempos atuais com as mídias digitais e redes sociais. No caso, a poetisa possui/mantém um perfil literário na plataforma do Instagram onde posta com regularidade os seus poemas e outros trabalhos artísticos que possam atrair seu público/seguidores.

Além disso, os estudantes puderam conhecer mais o trabalho da autora Rosely Camargo principalmente com a declamação de poemas e contação de histórias. Por fim, vimos como algo positivo a experiência dos videopoemas produzidos no IFTO, o que integrou as aulas de Língua Portuguesa/Literatura com a produção audiovisual discente de forma criativa e interativa.

Mesmo que uma ação posterior ao projeto de extensão e a oficina temática, a atividade realizada no Campus Paraíso do Tocantins trouxe novas reflexões sobre o uso e recurso fílmico em sala de aula. O que antes era visto como algo novo e inviável em certos aspectos, pode então ser vislumbrado em diferentes contextos e situações em que literatura e cinema dialogam e se complementam para um ensino amplo e eficaz na atualidade.

Resumidamente, tais ações aqui descritas após a pesquisa para a tese de doutorado foram incentivadoras para nosso trabalho com o tema. Desde as lives até a experiência no IFTO, nos demonstraram a importância e relevância de se levar e abordar sobre cinema e audiovisual nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Dito isso, vemos com boa perspectiva futura a devida continuidade desse trabalho (pós-tese) para que chegue a mais alunos e professores da região.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso até aqui (com o tema e a tese) foi um processo longo e muitas vezes (e até mesmo) doloroso. Quando nos referimos aqui a dor não é no seu sentido literal, mas sim, dadas mudanças e revisitações para chegar de fato algum tipo de resultado que possamos considerar como meramente satisfatório. A escrita de uma tese envolve momentos e reflexões que até antes se delimitavam apenas a produção acadêmica e a hipótese sobre determinado tema.

No nosso caso, a produção e vivência com essa tese foi muito além disso, visto todas as circunstâncias e problemáticas que confrontavam o prosseguimento dessa pesquisa ainda nova pensando no contexto e disparidades na região. A nossa proposta inicial com o projeto temático era que fosse feito um trabalho mais prolongado e efetivo dentro das escolas, isto é, como mais formações e capacitações para alunos e professores no intuito de tematizar o uso e dado recurso audiovisual nas aulas de literatura, como também, em outras áreas e disciplinas que interagem com a (re)produção e conteúdo fílmico na escola.

Contudo, dentro desse processo nos deparamos também com a pandemia no Brasil e no mundo, algo que perdurou por um tempo considerável e afetou drasticamente toda e qualquer forma de pensar sobre o futuro. Muito além da pesquisa, vimos que estávamos lidando também com pessoas e que aquele momento não seria ideal para tudo o que almejamos um dia.

De fato, tudo foi um pouco diferente (de bom ao mau sentido) para que repensássemos o que seria a vida (e a tese) a partir de então. Ademais, a escolha de um tema que está também tão imbricado a essas condições/fatores e que foi afetado drasticamente com a pandemia, sem dúvidas, foi um dos maiores obstáculos para conduzir a pesquisa até aqui.

Até antes, sempre nos pareceu desafiador seguir adiante com um tema que contextualize o conteúdo audiovisual no âmbito educacional em sala de aula, principalmente por certos tabus que ainda se perduram quando tentamos abordar sobre dada relação entre a literatura e o cinema. Com a pandemia a área cinematográfica foi bastante afetada, seja com a paralisação da indústria fílmica (desde sets de filmagens até produções em andamento) ou mesmo o fechamento abrupto das salas e espaços de cinema espalhados pelo mundo.

De toda forma, o cenário vivenciado não nos parecia tão promissor para condução desse tipo de pesquisa. Desse modo, tivemos a devida dificuldade de realocar o tema em um mundo agora tão diferente. Foram momentos de solidão (e também, de certo pessimismo), do que seria uma vida (e tese) após a pandemia.

Contudo, lidávamos com a arte. Esta que por muitas vezes foi nossa companhia entre as noites em claro, como também, uma luz de esperança no fim do túnel. Podemos até dizer aqui que tivemos dada sorte por lidar e vivenciar diariamente com a arte enquanto objeto de estudo e de válvula de escape para a vida.

Mas não estamos falando aqui de qualquer arte. Mas sim, de duas grandiosas artes que se ressignificaram principalmente nesse período de isolamento social. No caso, referenciamos e tematizamos aqui a literatura e o cinema, duas artes que se coincidem em um dado momento importante que é a construção de uma tese.

De fato, era um grande desafio levar essa temática com a tamanha grandeza dessas duas artes. Além disso, criar um tipo de interação/relação entre ambas para que se construísse algum tipo de produto ou projeto a partir da proposta temática. Logo, foram esse confrontamentos já iniciais que também nos conduziram a novos olhares e reflexões sobre a importância e devido compromisso de levar literatura e cinema não apenas e exclusivamente para a tese, mas também, para outros espaços e pessoas que precisavam experimentar esse tipo de contato múltiplo com tais e respectivas artes.

Dessa forma, praticamente estipulamos nosso trabalho do zero para um novo ponto de partida para a pesquisa. Neste caso, começamos a analisar as possibilidades e como seria dada recepção do tema após a pandemia. Iniciamos gradativamente, com uma proposta de curso mais centrada na formação e extensão de professores em ambientes virtuais. Visto que era até então nossa única viabilidade para continuação do tema e da referida pesquisa.

A experiência do curso formativo de extensão com os professores pode ser considerada como um dos nossos primeiros experimentos efetivos com o tema. Até antes, ainda estávamos debruçados nas leituras e textos que abordavam sobre a relação entre literatura e cinema. No entanto, víamos que isso poderia ser manifestado de forma bem diferente quando tivéssemos o devido contato com os participantes interessados.

O curso que foi pensado inicialmente no formato presencial e nas escolas públicas em Araguaína agora era ofertado na modalidade *on-line* aos finais de semana. Mudanças a parte, a experiência de seguir adiante com o tema (mesmo agora com outras proposições) nos remeteu o real objetivo dessa pesquisa no Doutorado: de levar e evidenciar a literatura e o cinema como proposta transformadora e efetiva dentro e fora da sala de aula.

Seja no formato presencial e/ou em ambientes virtuais, tal propósito para nós era ainda constante, principalmente por acreditar na potencialidade desse tema. Isso muitas vezes poderia

ser observado em nossa paixão pelo tema (que às vezes poderia ser um problema, por nos cegar diante de outros aspectos mais profundos sobre o trabalho).

E admitimos que, tais mudanças (seja pela pandemia ou outras circunstâncias desta vida) nos ocasionaram também certo receio. Essa transição do projeto para a modalidade *on-line* era algo novo para nós (como também, para os participantes do curso). Havia um nervosismo inicial que questionava se realmente esse tipo de tema/trabalho daria certo.

Entretanto, quando vimos a boa procura e a quantidade de inscritos para o curso *on-line* de formação para professores vimos a real relevância de abordar e dispor de um tempo para tal tema. De fato, foi motivador ver outros colegas e professores também se interessarem acerca do trabalho desenvolvido. A sensação que nos passou a partir de agora é que realmente (ainda bem) não estamos mais sozinhos.

Os diálogos e experiências foram enriquecedores nesse novo caminho da tese. Ouvir e ver novas perspectivas sobre o tema nos trouxe novamente o ânimo e dedicação que faria jus ao tema. O que antes parecia incerto, agora com o curso de extensão poderia alçar novos planos e ampliar esse debate tão importante no campo educacional.

Além disso, pudemos também aprender com os professores cursistas. Visto sua grande experiência em sala de aula e suas devidas inquietações sobre o trabalho com o audiovisual na escola. De fato, muitos desses docentes ainda sentiam a dificuldade de se trabalhar com material fílmico, como também, articular as produções audiovisuais como os respectivos conteúdos já trabalhados em classe.

Apesar de que nosso enfoque metodológico do curso de extensão *on-line* era a formação e apresentação de referenciais práticos para os professores, vimos que tal curso poderia ser muito além disso. A partir dos diálogos apontados, vislumbramos o projeto também para os alunos nas escolas. No caso, um curso voltado para filmagem e edição de vídeos escolares a partir dos conteúdos já trabalhados em sala de aula.

Dada ideia surgiu a partir de um dos comentários dos professores durante nosso curso de extensão *on-line*, visto que alguns alunos (por mais que seja a geração que mais interage com essas mídias digitais) ainda sentem certa dificuldade ao estruturar algum tipo de material cinematográfico enquanto processo de ensino-aprendizagem.

No caso, dada observação remete que por mais que o conteúdo audiovisual faça parte do cotidiano dos alunos, ainda assim é pouco explorado dentro do contexto educacional, Neste caso, era necessário elaborar uma proposta metodológica que instigassem os alunos a refletirem e (re)produzirem a partir do uso e recurso tecnológico em sala de aula. Em outras palavras, seria

levar e articular o cinema com outras áreas e disciplinas curriculares de forma ampla e efetiva na escola.

Dessa forma, elaboramos uma espécie de oficina temática com os alunos do Colégio Militar em Araguaína-TO, tematizando conceitos básicos para o processo de filmagem e edição de vídeos escolares. Diferente do que foi pensado e estipulado no curso formativo de extensão com os professores, a oficina temática com os estudantes nos encorajou a levar dada proposta de forma presencial para a escola.

Para isso, tivemos que também direcionar na tese mais essa propositura enquanto ação de pesquisa. No caso, esperamos um período mais adequado para que fosse então executada tal oficina, levando em consideração as readequações das aulas após a pandemia. Nesse sentido, consideramos levar a proposta de atividade apenas no ano de 2023, visto as condições mais viáveis para detalhamento do minicurso.

Como estávamos afastados temporariamente da sala de aula (visto o período destinado à dedicação exclusiva para a tese), foi uma experiência diferente retornar para o espaço escolar com a proposta de oficina com os alunos. Se tratando de um Colégio Militar e trabalhando com uma turma de 3º Ano do Ensino Médio, vimos também que teríamos alguns obstáculos de fato para desempenhar com êxito a oficina na escola.

Mesmo com os desafios prévios, a oficina desenvolvida na escola foi motivadora para dada condução e prosseguimento sobre o tema. O diálogo e experiência com os estudantes pode nos possibilitar novas abordagens, como também, outros mecanismos de ensino-aprendizagem no âmbito escolar.

De início os alunos tiveram um pouco de dificuldade para desempenhar dada proposta (principalmente na parte de elaboração do roteiro cinematográfico). Contudo, ver a empolgação e criatividade dos estudantes trouxe outra perspectiva para o trabalho. Afinal, a motivação de se trabalhar com cinema em sala de aula é justamente esse entretenimento (mesmo com cunho pedagógico) articulado às outras áreas de conhecimentos já dispostas na escola.

Ressaltamos isso porque a pesquisa tem seus desníveis, isto é, seus altos e baixos durante todo processo de aprendizado e construção de um material como na tese. Os momentos com os alunos (por mais que fosse também uma atividade) foram bem descontraídos e pudemos trocar experiências com esses estudantes e quais suas expectativas com o audiovisual para a vida e no futuro.

Ademais, a partir dessas experiências (com alunos e professores) o projeto em si ganhou outra visibilidade, ou seja, trouxe outra repercussão sobre o tema para outros espaços e sujeitos.

No caso, fizemos posteriormente outras ações que ampliaram e diversificaram a ideia inicial da tese. Além do curso de extensão e a oficina temática, concomitantemente realizávamos outros projetos transversais com o tema.

A exemplo disso, temos as ações do projeto cultural da *Loucademia de Cinema*, como também, as visitas nas escolas e palestras na própria Universidade abordando sobre o tema. Logo, as experiências vivenciadas a partir da tese nos transformou não só como pesquisadores, mas também e principalmente, como agentes culturais com o propósito de levar o tema (cinema e literatura) para o maior público possível.

Acreditamos que essa postura (mais agente e vivente do tema) tornou menos doloroso todo o processo de construção e escrita da tese (como relatado no início). Mas para isso também, foi preciso revisitar e recomeçar (literalmente) tudo o que considerávamos para a pesquisa.

De início, entramos no Doutorado com algumas certezas sobre o que queremos e como iremos fazer o trabalho. Contudo, os caminhos tortuosos e alguns imprevistos trouxeram à tona realmente a importância e compromisso de se levar a pesquisa sobre determinado tema. Quando escolhemos a relação entre literatura e cinema em sala de aula para alunos e professores, ainda não tínhamos a ideia do quanto isso seria transformador em nossas vidas e na condução de um projeto que antes foi um sonho.

O percurso até aqui foi também um redescobrimto enquanto pesquisador e ao mesmo tempo, amante das artes. Foi nesses embates entre razões e emoções (teoria e prática, pesquisa e vida) vimos que é preciso perpassar por esses tais conflitos (sejam profissionais e/ou pessoais) para chegarmos a um determinado objetivo.

A experiência da tese (por mais dolorosa em alguns aspectos) foi também motivadora em determinados momentos. Vivenciar com os alunos e professores cada atividade e cada relato foi sem dúvidas o maior enriquecimento para esse trabalho. Cada prosseguimento foi realizado coletivamente e a partir da escuta e observação de todos os participantes durante todo processo.

De fato, construir a tese (que aparentemente nos parece ser um exercício ainda solitário) se torna realmente simbólico a partir das interações e vivências com as pessoas que acreditam e vislumbram sobre dado tema. Ao propor um trabalho com literatura e cinema, vimos que é possível sim articular tais artes como proposta didática e efetiva em sala de aula.

Foram diversas ações realizadas nesse período, além das reflexões teóricas sobre o tema. Aqui, ilustramos algumas que já estão presentes neste trabalho, como também, outros projetos correlatos durante a peregrinação da tese de doutorado:

Figura 18: Ações realizadas durante a pesquisa para a tese de doutorado



Fonte: autoria própria (junho de 2024)

A partir dessas e outras experiências esperamos a devida continuidade desse projeto nas escolas, visto sua recepção e importância para alunos e professores. Conseqüentemente, levar para outras localidades no Estado do Tocantins no intuito de difundir e fomentar a capacitação e formação docente/discente para uso e recurso audiovisual na escola. E mais precisamente, a inserção do conteúdo fílmico como articulador e dialogador com a produção literária já presente nas aulas de Língua Portuguesa.

Sendo assim, esperamos que esse trabalho atinja e provoque outras pessoas para que a inserção do cinema seja efetiva e colaborativa em diferentes aspectos no ensino-aprendizagem. Como também, a divulgação e disseminação da leitura e literatura a partir das telas fílmicas na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: fundamentos e perspectivas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n.33, p. 1-28, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698153836>
- AUMONT, Jacques. **A Análise do Filme**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2013.
- BARTHES, R. **Introdução à Análise Estrutural da Narrativa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BAULER, Paulo. **Capítulo 2 – Os muitos modos de ler**. In: YUNES, Eliana. *Leitura pelo olhar do cinema*. São Paulo: Editora Reflexão, 2013. p. 15-62.
- BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Tradução: Mônica Costa Netto, Silvia Pimenta. Rio de Janeiro: Booklink - CINEADLISE-FE/UFRJ, 2008.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- BOLOGNINI, Carmem Zink. **Discurso e ensino: a leitura no cinema**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC): educação é a base**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>>. Acesso em: 06 mai. 2024.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CANUDO, R. **Manifeste des sept arts**. Paris: Séguier, 1995.
- CAPUZZO, Heitor. **Cinema: a aventura do sonho**. São Paulo: Editora Nacional, 1986.
- CARRIÈRE, Jean Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CLÜVER, Claus. *Da transposição intersemiótica*. In: ARBEX, Márcia (Org.). **Poéticas do visível: ensaios sobre a escrita e a imagem**. Belo Horizonte: Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- DELEUZE, G. **A Imagem-Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERRO, Marc. **O filme: uma contra-análise da sociedade?** In: *Cinema e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. **Revista da FAEEBA**. Faculdade de Educação do Estado da Bahia. Ano 6 N. 7, Edição de Homenagem a Paulo Freire. Salvador-BA ISSN 0104-7043 – UNEB – p. 9-32, Jan/Jun 1997.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

GODARD, Jean-Luc. **Jean-Luc Godard par Jean-Luc Godard**. Paris: Les cahiers du cinéma/Editions de l'étoile, 1985.

GUERRA, Rui. **Conversa com Rui Guerra – trabalhar com o oculto e com o que já se esqueceu**. In: CINEMAIS – Revista de cinema e outras questões audiovisuais. n. 21, jan./fev. Rio de Janeiro: Cinemais, 2000.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

JAKOBSON, Roman. **Linguística, poética, cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

JOZEF, Bella. Capítulo 10 – O contar e o narrar na construção dos universos fílmico e verbal. In: SEDLMAYER, Sabrina; MACIEL, Maria Esther. (Org.). **Textos à flor da tela: relações entre literatura e cinema**. Belo Horizonte: Núcleo de Estudos de Crítica Textual / Faculdade de Letras da UFMG, 2004. p. 131-144.

LEITE, Sidney Ferreira. **O cinema manipula a realidade?**. São Paulo: Paulus, 2003.

LOPES, Paulo Cesar. O uso do cinema no ensino. **Revista Educação Pública**. V. 21, nº 1, 12 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/1/o-uso-do-cinema-no-ensino>

MARIE, Michel. **Capítulo 4 – Cinema e linguagem**. In: AUMONT, Jacques (Org.) et. al. *A estética do filme*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

METZ, Christian. **Linguagem e cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

MOCELLIN, Renato. **História e Cinema: educação para as mídias**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

- MORAES, Vinicius de. **O cinema de meus olhos**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.
- NINEY, François. **L'épreuve du réel à l'écran**. Essai sur le principe de réalité documentaire. 2 ed. Bruxelas: De Boeck Universitaire, 2002.
- ROCHA, Glauber. **Revolução do Cinema Novo**. Cosac Naify, 2004.
- STAM, Robert. **A literatura através do cinema: realismo, magia e a arte da adaptação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- STAM, Robert. **Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade**. In: Ilha do Desterro (UFSC), v. 51, p. 283-299, 2006.
- SILVA, Roseli Pereira. **Cinema e Educação**. São Paulo: Cortez, 2007.
- TARKOVSKI, Andrei. **Esculpir o tempo**. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes. 2010.
- TOCANTINS. Secretaria de Educação. **Documento Curricular do Território do Tocantins (Etapa Ensino Médio – Caderno 2: Linguagens e suas tecnologias)**. Palmas, TO: SEDUC, 2022. Disponível em: <https://www.to.gov.br/seduc/recomecar/178rjn2045li>. Acesso em: 06 mai. 2024.
- TOCANTINS. Secretaria de Educação. **Matriz de Recomposição - Linguagens (Ensino Médio)**. Palmas, TO: SEDUC, 2024. Disponível em: <https://www.to.gov.br/seduc/caderno-2-linguagens-e-suas-tecnologias/4wtxn0dxi1>. Acesso em: 06 mai. 2024.
- TRUFFAULT, François. Reflexões sobre as crianças e o cinema. In: **O prazer dos olhos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- VERNET, Marc. Cinema e narração. In: AUMONT, Jacques (Org.) et. al. **A estética do filme**. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- YUNES, Eliana. **Leitura pelo olhar do cinema**. São Paulo: Editora Reflexão, 2013.
- XAVIER, Ismail. **Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar**. Entrevista. Educação & Realidade, 2008, v. 33, n. 1, p. 13-20. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/issue/view/638/showToc>.

APÊNDICES

Apêndice 01 – Projeto de pesquisa enviado/aprovado pelo Comitê de Ética (CEP)

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS**



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O uso fílmico no Ensino de Literatura como recurso incentivador na formação e ressignificação de leitores/leituras na atualidade.

Pesquisador: CRISTIANO ALVES BARROS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 40514620.2.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.580.317

Apresentação do Projeto:

A presente proposta de pesquisa apresenta os dados, direcionamentos teóricos e procedimentos metodológicos adequados para a possível execução e contextualização do referido projeto investigativo intitulado como “O uso fílmico no Ensino de Literatura como recurso incentivador na formação e ressignificação de leitores/leituras” e que será instrumento de trabalho teórico para a tese do doutorando Ms. Cristiano Alves Barros, sob a orientação do professor Dr. Wallace Rodrigues, no Programa de Pós-graduação em Letras: ensino de língua e literatura (PPGL), vinculado à instituição Universidade Federal do Tocantins (UFT) no Campus de Araguaína-TO (Cimba). No caso, a unidade para experimentação e em proposição se situa na localidade da própria Instituição de Ensino Superior citada em questão. Mais especificamente, nas respectivas dependências das salas de aula, ou até mesmo, no espaço da biblioteca do referido Campus em Araguaína-TO. Logo, com a devida autorização e documentação do gestor responsável para regulamentação do dito projeto de pesquisa em proposição. E desse modo, ressaltamos aqui a dada significância contextual do planejamento investigativo no referido ambiente universitário citado. Principalmente pela necessidade da respectiva pesquisa no

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoxarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.580.317

contexto de ensino-aprendizagem de alunos e professores em formação. De fato, a inserção de um projeto de pesquisa no contexto da Universidade é de suma contribuição no que tange essa participatividade e diversificação de saberes no âmbito acadêmico. Contudo, a dada proposta do referido projeto em estudo é também agregar outros públicos externos a própria Universidade. Ou seja, atrair assim o maior foco possível de participantes nos processos metodológicos e experimentais no devido âmbito acadêmico e assim, promovendo o que seria um intermédio da UFT com a comunidade local. Neste caso, pensamos principalmente nos acadêmicos da Universidade e nos ditos professores da rede pública na região, por se tratar de uma temática até então condizente com os parâmetros curriculares educacionais e também, nas dadas abordagens transversais de conteúdos no contexto educacional. Para tanto, delimitamos para tal proposição do referido projeto de pesquisa na Universidade algo que especificasse acerca do Ensino de Literatura e as possibilidades de formação de leitores/leituras (tanto de certas obras literárias, quanto dos respectivos conteúdos filmicos) no contexto de integração interdisciplinar. No caso, pensamos aqui o Cinema em relação à literatura enquanto meio de interação e saberes a partir de dada ação investigativa no contexto da Universidade e para as comunidades locais em geral. Nesse seguimento, vale ressaltar que tais dados categóricos e outras informações contextuais aqui pertinentes sobre as ditas obras (literárias e filmicas, respectivamente) fazem parte também, de algumas criterizações de análise e diálogos possíveis a partir da proposta investigativa na Universidade contextualizada. Isto é, levando em consideração cujos conteúdos enquanto meios de mediação e recepção junto aos prováveis públicos em potencial no projeto de pesquisa estipulado. Sendo assim, é a partir dessas e outras informações que serão mais evidenciadas no corpus deste trabalho para tal projeto de doutoramento, na qual as atividades de pesquisa serão mais delineadas para uma análise mais investigativa acerca do contexto cinematográfico nesse processo de Ensino de Literatura.

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.580.317

Objetivo da Pesquisa:

Um dos objetivos centrais para nossa discussão nesse trabalho com o referido projeto de pesquisa parte da respectiva premissa ao evidenciar tamanha importância do recurso fílmico enquanto prática pedagógica em sala de aula (seja esta aplicabilidade no contexto escolar ou mesmo no âmbito da Universidade) e aos modos de resignificação relacionados às práticas de leitura como também, como devido caráter curricular nessas novas abordagens no ensino de literatura a partir da abordagem do Cinema. Desse modo, acreditamos que essa proposta de pesquisa em lócus objetiva em si determinado incentivo para essas novas práticas e metodologias condizentes no quesito de contextualização e atualidades da leitura literária em sala de aula. Nesse sentido que, referenciamos o Cinema por se tratar de uma arte que contempla e instiga os olhares dos novos leitores. Conforme Bauler (2013): O Cinema olha A Literatura como fonte de inspiração, e de divulgação ideológica de cânones ocidentais, como matéria-prima de filmes, numa permanente busca de elementos que despertem a atenção do público cinéfilo, interessa saber como o Cinema aprende e divulga tanto o leitor com a própria leitura, inclusiva para o estabelecimento dos pontos de convergência e de divergência entre a literatura da obra de arte literária e a leitura da obra de arte cinematográfica, entre o leitor de uma (leitor) e o leitor de outra (espectador). (BAULER, p. 30-31, grifo nosso). Partindo desse pressuposto citado acima, objetivamos também para este projeto de pesquisa algumas compreensões pontuais acerca desses processos de convergência e referências entre as obras literárias e suas transfigurações em seus respectivos materiais fílmicos. De modo que, possamos então perceber que não se trata de um procedimento simplista essa relação entre as artes e tais conteúdos abordados, na qual nos possibilita leituras múltiplas e abordagens diferentes acerca dos aspectos de ensino-aprendizagem em sala (especialmente o que se refere às aulas de literatura). É nesse tocante também que, propomos aqui outro ponto pertinente ao que se concentra nos objetivos de tal projeto de pesquisa em análise. Nesse caso, referindo-se mais especificamente aos processos de desconstruções e resignificações que até então, pressupõem o dito

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.580.317

objeto fílmico em determinados contextos e situações experimentais, que em dados casos não privilegiam seu espaço para projeção e assim, descaracterizam tamanha importância de sentidos e significados representados a partir dessa abordagem cinematográfica. Em outras palavras, evidenciamos tal intuito de desmistificar a concepção acerca do Cinema enquanto arte para mero entretenimento. Nesse caso, problematizamos o uso dos filmes a partir de seu encargo teórico e múltiplo, que não pode ser inferiorizado e muito menos, ser inserido como uma prática secundarizada perante outras propostas de ensino. A posteriori, recapitularemos mais esses objetivos iniciais aqui mencionados no projeto de pesquisa. De modo que também detalharemos mais nos próximos tópicos subsequentes, outras objetivações de caráter devidamente específico que fazem parte dessa articulação no trabalho proposto em análise.

Objetivo Secundário:

No caso das objetivações ditas como secundárias do referido projeto em estudo, é importante elencar algumas proposições relevantes para os possíveis prosseguimentos desta pesquisa investigativa em lócus. Como mencionado no tópico anterior, o enfoque maior desse trabalho teórico em análise é tal evidência do Cinema enquanto recurso relacional e contribuinte no Ensino de Literatura. Visto que também, apresentamos aqui o esboço de uma tese em que se defende a ideia do uso fílmico enquanto instrumento motivador e explanador de leituras nos dias atuais. Nesse caso, pensamos aqui para este tópico sobre o objetivo secundário algo que fosse estipulado posteriormente a possível aprovação do referido projeto em questão. Caso tal pesquisa seja efetivada, uma das proposições específicas que almejamos é a devida elaboração de um projeto extensionista na Universidade a partir dos estudos investigativos encaminhados para avaliação do CEP. Isto é, após a execução do referido projeto de pesquisa aqui estipulado, expandir tal corpus de pesquisa para dada atividade de extensão. Mais precisamente,

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almojarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.580.317

um cineclube temático e aberto às comunidades locais. Conforme Fonseca (2013): O cineclube pode ser considerado, assim, um espaço que propicia relações pedagógicas interpessoais, no sentido de que ali se trocam conhecimentos sobre os filmes e os temas que estes evidenciam, sobre o cinema e o mercado cinematográfico etc., além de estabelecer relações sociais e levantar discussões sobre os mais diferentes assuntos, trazendo à tona posicionamentos éticos, políticos, culturais, críticos, entre outros, modificando pensamentos, alterando posições e transformando aqueles que participam de suas sessões. Além disso, tais espaços abertos dentro da universidade propiciam uma constante fruição da arte do cinema, favorecendo um processo de reinvenção de si e do mundo com o outro. (p. 50). É a partir dessa proposição em específico, tornam-se possíveis outros objetivos junto ao trabalho de pesquisa em lócus. Como por exemplo, a maior participatividade dos públicos cinéfilos em ambientes acadêmicos e assim, oportunizar espaços e devidas trocas de experiências a partir da exibição e diálogos sobre os filmes projetados em tela. Outra questão refere-se também ao estímulo e estudos de novas pesquisas que abordem sobre tal uso cinematográfico nos mais variados enfoques e práticas de ensino. Até porque, dada proposição teórica aqui apresentada pode futuramente contribuir com os devidos planejamentos de aula, como também, na dada formação de docentes hábeis com esses conteúdos fílmicos em classes com seus respectivos alunos. De acordo com Napolitano (2003): Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar. (NAPOLITANO, 2003, p. 11-12). Por fim, estipulamos com mais detalhes esses e outros objetivos em específicos, principalmente sobre a proposição futura (caso seja possível) de implementação do que seria um projeto de extensão a partir da devida elaboração dessa pesquisa investigativa de início. Sendo assim, pautaremos novamente sobre essas metas teóricas e práticas nos próximos

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almojarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_ufft@ufft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.580.317

tópicos em documento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Até o presente momento para devida proposição do referido projeto em estudo, ainda não identificamos possíveis riscos diretos da pesquisa contextualizada no lócus da Universidade e em relação ao futuro público participante. Entretanto, vale aqui pontuar que por se tratar de um trabalho com conteúdos e temáticas audiovisuais, pode também ocorrer de certas obras apresentarem cenas de nudez e/ou violência. No caso, isso pode ser considerado um possível risco levando em consideração quais tipos de espectadores e suas suscetíveis interpretações acerca do material fílmico projetado em tela. Portanto, é importante aqui sempre orientar e conscientizar os respectivos participantes do projeto sobre tais abordagens e proposições com tal trabalho em lócus. De modo que, isso fique explicitado para o público, como também, no próprio corpus da pesquisa encaminhada. E por fim, assumimos o devido compromisso com tais riscos aqui especulados ou outras demandas que possam de fato assim implicar nos possíveis prosseguimentos junto ao trabalho de investigação.

Benefícios:

A partir da dada elaboração e contextualidade do referido projeto de pesquisa, tal tópico evidencia as devidas contribuições desse trabalho investigativo, tanto no lócus da Universidade quanto das ditas comunidades locais. Logo, vale também ressaltar que tal temática é ainda pouco explorada no campo da pesquisa e extensão na cidade, de modo que esse trabalho teórico pode colaborar com outros estudos que referenciem e abordem o tema proposto aqui para análise. Outro ponto importante do projeto em estudo remete após sua devida aprovação e execução de suas respectivas atividades em lócus. No caso, a ideia que prossegue nesta pesquisa é de efetivar futuramente um cineclubes temático na Universidade.

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almojarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.580.317

Isto é, a partir da investigação teórica proposta em documento, organizar também um projeto de extensão (a ser elaborado posteriormente) com certas atividades cineclubistas abertas a comunidade em geral. E, de fato, tal ação assim traria grandes benfeitorias para os ditos públicos cinéfilos na região, principalmente para quem ainda não tem o devido acesso aos espaços cinematográficos na cidade (seja aqui por uma questão de poder aquisitivo ou mesmo pela localização geográfica das salas e franquias privadas de cinema em Araguaína-TO). Sendo assim, vemos aqui os benefícios de tal projeto de pesquisa não apenas como referencial teórico propriamente dito, mas também, como um possível e futuro trabalho efetivo junto às comunidades e demandas locais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente projeto de pesquisa se propõe a discutir sobre algumas questões referentes ao uso filmico em sala de aula nas práticas metodológicas de Ensino de Literatura. Visto que, o Cinema pode também ser trabalhado enquanto recurso estimulador na formação e ressignificação de leitores na atualidade. Para tanto, delimita-se a referida temática em estudo a partir das relações e caracterizações das obras literárias e suas respectivas convergências cinematográficas para a tela. Logo, embasam para tal referencial teórico desse trabalho os estudos de autores como Bolognini (2011), Napolitano (2003), Yunes (2013) e entre outros estudiosos sobre o tema que abordam sobre essas proximidades e especificidades entre a Literatura e o Cinema. Desse modo, nossa proposta com o dado projeto de pesquisa é evidenciar e elaborar abordagens efetivas a partir dessas releituras na tela. E assim, instigar a experiência junto aos livros e filmes de forma mútua e ampla.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados:

Projeto.

Folha de rosto.

Autorização do Diretor de campus.

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.580.317

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não foi encontrado no projeto nenhuma informação referente a pesquisa com seres humanos.

Só é apresentado uma série de fundamentações teóricas porém nenhuma parte relativa a metodologia como quantidade de participantes, apesar de ter riscos e benefícios.

Portanto sugiro que a norma 466 seja revisitada, e o projeto reescrito, focando na metodologia que envolve realmente os participantes da pesquisa para que seja possível entender o que será feito no projeto. Incluindo nesta colocação o próprio objetivo, que está longo demais e não tem foco, clareza e objetividade na escrita.

Portanto concluo pela reprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1610245.pdf	23/10/2020 17:56:55		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	23/10/2020 17:53:30	CRISTIANO ALVES BARROS	Aceito
Outros	QUESTIONARIO.pdf	18/08/2020 19:23:51	CRISTIANO ALVES BARROS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO.pdf	18/08/2020 19:22:58	CRISTIANO ALVES BARROS	Aceito
Outros	JUSTIFICATIVA.pdf	18/08/2020 19:21:45	CRISTIANO ALVES BARROS	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	18/08/2020 19:20:32	CRISTIANO ALVES BARROS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	PESQUISADOR.pdf	18/08/2020 19:16:43	CRISTIANO ALVES BARROS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	ORIENTADOR.pdf	18/08/2020 19:16:20	CRISTIANO ALVES BARROS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZACAO.pdf	18/08/2020 19:15:11	CRISTIANO ALVES BARROS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	18/08/2020 19:13:44	CRISTIANO ALVES BARROS	Aceito
Projeto Detalhado	PROJETO.pdf	18/08/2020	CRISTIANO ALVES	Aceito

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_ufr@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 4.580.317

/ Brochura Investigador	PROJETO.pdf	19:10:55	BARROS	Aceito
----------------------------	-------------	----------	--------	--------

Situação do Parecer:

Retirado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 09 de Março de 2021

Assinado por:

PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almojarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uf@uft.edu.br

Apêndice 02: Declaração de compromisso do pesquisador

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
 CAMPUS DE PALMAS
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu, **Cristiano Alves Barros**, portador do RG: **926.504 SSP/TO** e CPF: **036.079.661-33**, pesquisador responsável do projeto de pesquisa intitulado **O uso filmico no ensino de literatura como recurso incentivador na formação e ressignificação de leitores/leituras na atualidade**, comprometo-me a utilizar todos os dados coletados, unicamente, para o projeto acima mencionado, bem como:

- Garantir que a pesquisa somente será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), respeitando assim, os preceitos éticos e legais exigidos pelas Resoluções vigentes, em especial a 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde;
- Desenvolver o projeto de pesquisa conforme delineado;
- Apresentar dados solicitados pelo CEP/UFT ou pela CONEP a qualquer momento;
- Preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados e estudados;
- Assegurar que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto de pesquisa em questão;
- Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima;
- Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- Justificar fundamentadamente, perante o CEP/UFT ou a CONEP, a interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- Elaborar e apresentar os relatórios parciais e final ao CEP da UFT;
- Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Araguaína, 25 de Julho de 2020.

Cristiano Alves Barros

ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Apêndice 03: Declaração de compromisso do orientador

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



Eu, **Walace Rodrigues**, portador do RG: **07599388-1 DIC/RJ** e CPF: **006.787.437/11**, orientador do doutorando responsável pela pesquisa intitulada **O uso filmico no ensino de literatura como recurso incentivador na formação e ressignificação de leitores/leituras na atualidade**, comprometo-me a utilizar todos os dados coletados, unicamente, para o projeto acima mencionado, bem como:

- Garantir que a pesquisa somente será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), respeitando assim, os preceitos éticos e legais exigidos pelas Resoluções vigentes, em especial a 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde;
- Desenvolver o projeto de pesquisa conforme delineado;
- Apresentar dados solicitados pelo CEP/UFT ou pela CONEP a qualquer momento;
- Preservar o sigilo e a privacidade dos participantes cujos dados serão coletados e estudados;
- Assegurar que os dados coletados serão utilizados, única e exclusivamente, para a execução do projeto de pesquisa em questão;
- Assegurar que os resultados da pesquisa somente serão divulgados de forma anônima;
- Encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- Justificar fundamentadamente, perante o CEP/UFT ou a CONEP, a interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.
- Elaborar e apresentar os relatórios parciais e final ao CEP da UFT;
- Manter os dados da pesquisa em arquivo, físico e digital, sob minha guarda e responsabilidade, por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Araguaína, 25 de Julho de 2020.


ASSINATURA DO ORIENTADOR DA PESQUISA

Apêndice 04: Projeto de Ensino elaborado no Instituto Federal do Tocantins (IFTO)

22/08/2023, 18:22

SE/IFTO - 2085428 - Anexo



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins
Reitoria

EDITAL Nº 77/2023/RE/IFTO, DE 21 DE AGOSTO DE 2023

SELEÇÃO DE PROJETOS DE ENSINO NO ÂMBITO DO INSTITUTO FEDERAL DO TOCANTINS A SEREM CONTEMPLADOS COM APOIO FINANCEIRO INSTITUCIONAL

ANEXO I**FORMULÁRIO PARA PROJETO DE ENSINO**

1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE ENSINO	
Título do projeto	Produção audiovisual no Campus: princípios básicos e técnicos para filmagem e edição de vídeos escolares
Carga horária total	12 horas semanais
Eixo temático estratégico	Ensino, Arte e Cultura
ODS – indicar o número do(s) ODS contemplado(s) no projeto	ODS4: Educação de qualidade: a educação deve ser acessível a todos, de modo inclusivo, equitativo e de qualidade. Além disso, deve promover a aprendizagem ao longo da vida; ODS10: Redução das desigualdades: este objetivo consiste na busca pela redução das desigualdades em todas as suas esferas.
Área(s) do conhecimento	Vivências artístico-culturais dos estudantes da EJA/EPT com a produção audiovisual no Campus
Do tipo de oferta do projeto de ensino	(x) Projeto de Ensino
Unidade do IFTO	IFTO - Campus Paraíso do Tocantins
Unidades envolvidas (em casos de projetos multicampi)	
Coordenador	Cristiano Alves Barros
Colaborador eventual externo	
Período de execução	15/09/2023 a 30/11/2023

2. IDENTIFICAÇÃO DO PROPONENTE/COORDENADOR	
Nome/cargo	Cristiano Alves Barros
Matrícula	1022858
Unidade do IFTO	Campus Paraíso do Tocantins
Vínculo	() Docente efetivo (x) Docente Substituto () TAE
E-mail institucional	cristiano.barros@ifto.edu.br
Telefone	(63) 99263-5667
Link do currículo Lattes	http://lattes.cnpq.br/3014541319424995

Nome	Deگو da Silva Borges
Função no projeto	Instrutor-bolsista no projeto de ensino voltado para produção audiovisual e edição de vídeos escolares.
Matrícula	20201060210052
E-mail institucional	dego.borges@estudante.ifto.edu.br
Telefone	(63)99284-3766
Curso ou setor de lotação	Técnico em informática
Carga horária semanal	12 horas
Perfil do estudante colaborador	Deگو é um profissional sênior em edição de vídeo, com ampla experiência na criação de produções audiovisuais impactantes. Sua proficiência técnica abrange desde técnicas avançadas de edição até a aplicação eficaz de efeitos visuais e correção de cores. Ao longo de sua carreira, Deگو demonstrou habilidades excepcionais na narrativa visual, transformando conceitos em obras cinematográficas envolventes. Sua paixão pela criação audiovisual é evidente em seu portfólio diversificado, refletindo sua capacidade de traduzir ideias criativas em produções autênticas e de alta qualidade. Com uma abordagem inovadora e atenção meticulosa aos detalhes, Deگو é um recurso valioso na indústria de edição de vídeo.

4. INTRODUÇÃO

O presente projeto de ensino visa promover e estimular a produção audiovisual discente no Campus, como também, auxiliar por fins e meios didáticos a filmagem e edição de vídeos dentro do referido contexto escolar. Vale ressaltar que, dada importância se dá principalmente pelo contato e materialização da linguagem audiovisual na atualidade, além de potencializar a capacidade criativa e autoral dos discentes no Campus. Neste caso, pensamos aqui a partir de princípios técnicos e tecnológicos básicos para a filmagem e edição de vídeos (curta-metragem) no contexto escolar, visto que o enfoque do projeto de ensino é oportunizar a experiência para os alunos que ainda não possuem devido contato com a dita produção audiovisual. Dada proposta partirá de aulas teóricas e práticas que envolvem desde a elaboração estrutural de roteiros até a produção de vídeos sobre temas recorrentes em sala de aula, contando também com a participação e orientação do professor-coordenador, como também, a colaboração dos alunos bolsistas na execução do referido projeto de ensino. Desse modo, os ditos encontros serão destinados ao público discente que se interessa e tem vontade de produzir algo nesse segmento do audiovisual, desenvolvendo assim temáticas e habilidades a partir do trabalho no Campus.

5. JUSTIFICATIVA

A justificativa de tal proposta se dá principalmente pela necessidade e desenvolvimento do acesso audiovisual no Campus, estabelecendo também, uma relação integrante com os ditos Arranjos Socioprodutivos Locais (ASPL). Para tanto, pensamos o tema acerca da produção de vídeos escolares, pois, está próxima da realidade dos alunos, como também, da dinâmica já vivenciada no ensino técnico-tecnológico do Campus. A produção e inserção no referido local de ensino tende a contribuir no aprimoramento e criatividade dos nossos discentes, partindo da problemática que envolve certos temas escolares que podem ser transpostos em formato de vídeo. Além disso, o projeto de ensino engloba dada diversidade e autonomia dos alunos, o que acaba desenvolvendo também a cognição intelectual, coordenação motora e aptidões interpessoais. Em síntese, o projeto de ensino voltado para área audiovisual tende a colaborar com o protagonismo e coletividade das atividades no Campus.

6. OBJETIVOS

6.1. GERAL

- O objetivo central para o projeto é desenvolver o processo de ensino-aprendizagem a partir da produção audiovisual no Campus. E estimulando assim, a criatividade e valorização artístico-cultural na dinâmica escolar.

6.2. ESPECÍFICOS

Aquisição de Competências Técnicas e Criativas:

- Introduzir os alunos nas técnicas fundamentais e avançadas de edição de vídeo, incluindo corte, transições, efeitos visuais e sonoros;
- Explorar conceitos de planos de filmagem, enquadramentos e movimentos de câmera, aprofundando a compreensão sobre a linguagem audiovisual;
- Explorar a criação de efeitos visuais, ajustes de cores e tratamento de áudio para aprimorar a qualidade das produções filmicas.

Colaboração e Prática em Grupo:

- Facilitar projetos de edição de vídeo em grupo, onde os alunos trabalharão juntos na criação de produções colaborativas.
- Realizar exposições coletivas dos projetos, estimulando a troca de ideias, feedback construtivo e aprimoramento das habilidades interpessoais.

Valorização da Identidade Local:

- Integrar elementos da cultura local nas produções audiovisuais, destacando a história, tradições e valores da região do Tocantins.
- Proporcionar oportunidades para os alunos explorarem e compartilharem suas próprias perspectivas sobre a cultura local por meio do meio audiovisual.

Desenvolvimento Cognitivo e Habilidades Motoras:

- Estimular o desenvolvimento cognitivo por meio da análise crítica de narrativas visuais, incentivo à criatividade e solução de desafios narrativos.
- Aperfeiçoar as habilidades motoras finas dos alunos, promovendo a precisão nas operações de edição e o uso eficaz das ferramentas.

7. METODOLOGIA

Como dada proposta metodológica, pensamos aqui uma sequenciação que envolve desde os estudos técnicos sobre audiovisual até o desenvolvimento prático de filmagens no contexto do Campus. Para tanto, destacamos aqui enquanto metodologia uma espécie de pesquisa-ação juntamente com os discentes para a produção de vídeos como dado artefato final para nosso projeto de ensino.

No primeiro momento, iremos apresentar algumas aulas mais no quesito teórico sobre os conceitos básicos sobre produção e edição de vídeos em geral. Posteriormente, iremos para o experimento prático da disciplina. Neste caso, com o cronograma de filmagens propriamente dito a partir dos temas estudados. Por fim, iremos estipular as últimas aulas para edição e finalização dos produtos elaborados durante o semestre.

Posteriormente a segunda etapa do projeto será destinada para as filmagens durante o período do curso. E por fim, na última etapa iremos focar mais precisamente na edição e detalhes finais do produto final (neste caso, a produção audiovisual).

Desse modo, utilizaremos aqui para o referido trabalho alguns recursos mais acessíveis do/no Campus. Neste caso, utilizando desde aparelhos multimídia para a reprodução de vídeos, como também, os próprios aparelhos celulares dos discentes para as filmagens e edições necessárias dos referidos materiais.

Por fim, nossa avaliação partirá também do desenvolvimento teórico-prático e a confecção de um produto final (neste caso, a produção de um vídeo em formato de curta-metragem) sobre os temas propostos e desenvolvidos durante a disciplina.

Tema: Produção audiovisual - conceitos e técnicas básicas para filmagem e edição de vídeos escolares.

Conteúdos: Roteiro, Filmagem, Edição e Reprodução Fílmica no Campus.

Tempo estimado: Cada módulo em média de 2 a 3 encontros (1 hora semanal)

Desenvolvimento (descrição da prática): Filmagem e edição de vídeos temáticos elaborados pelos próprios alunos como produto final da disciplina

1ª Etapa:

Objetivos: Apresentar os conceitos básicos e subdivisões acerca do material e produção audiovisual

Estratégias: Demonstração de trabalhos e vídeos que exemplifiquem o tema.

Avaliação: Através da participação e desenvolvimento sobre o tema neste módulo.

2ª Etapa:

Objetivos: Orientações para construção de roteiro e filmagens no contexto do Campus.

Estratégias: Montagem do cronograma de atividade de cada grupo/vídeo.

Avaliação: Apresentação do esboço do trabalho audiovisual.

3ª Etapa:

Objetivos: Processo de edição e detalhes finais das produções audiovisuais.

Estratégias: Acompanhamento dos vídeos elaborados e finalização dos mesmos.

Avaliação: Produto final a partir do material fílmico produzido na disciplina.

8. CRONOGRAMA DO PROJETO

ATIVIDADES	TEMPO DE EXECUÇÃO: 2023/2		
	SETEMBRO	OUTUBRO	NOVEMBRO
1ª Etapa: Apresentação teórica e temática da disciplina	X		
2ª Etapa: Montagem do roteiro e filmagens do trabalho		X	
3ª Etapa: Edição e finalização dos vídeos produzidos			X

9. RESULTADOS E IMPACTOS ESPERADOS

A confecção de um produto final a partir das temáticas e atividades desenvolvidas na disciplina (neste caso, a produção de um vídeo curso por grupo).

10. INFRAESTRUTURA

Trabalho desenvolvido levando em consideração a infraestrutura do Campus (neste caso, desenvolvendo atividades dentro e fora da sala de aula a fim de produzir algo na linguagem audiovisual).

11. REFERÊNCIAS

BAMBA, M. A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos. Salvador: Edufba, 2013.

BERNARDET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MODRO, Nielson Ribeiro. Cine-Educação: usando o cinema em sala de aula. Joinville, SC: Univille, 2006.

NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, Roseli Pereira. Cinema e Educação. São Paulo: Cortez, 2007.

Apêndice 05: Ata de aprovação da tese para doutoramento



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPE SQ
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA E LITERATURA – PPGLLIT

ATA N.º 09/PPGLLIT/UFNT/2024 DE DEFESA DE TESE

Ata da sessão pública de Defesa de Tese de Doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da UFNT, de *Cristiano Alves Barros*, perante a Banca Examinadora designada pela Portaria n.º 03 de 20 de janeiro de 2024. Aos doze dias de julho de dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas, reuniu-se virtualmente, por videoconferência (<https://meet.google.com/xdp-hmbq-pcx>), a Banca Examinadora da Tese de Doutorado, designada pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação, Profa. Dra. Ana Claudia Castiglioni. A banca foi composta pelo Prof. Dr. Wallace Rodrigues (UFNT-PPGLLit), presidente e orientador; Prof. Dr. Abilio Pacheco de Souza (UNIFESSPA – POSLET); Prof. Dr. Luciano de Jesus Gonçalves (IFTO), membros externos; e Profa. Dra. Cristiane Silva de Almeida (UFNT-Letras); Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo (UFNT-PPGLLit), membros internos. A banca se reuniu, com a participação por videoconferência de todos os membros, conforme Art. 1.º da Portaria n.º 238, de 25 de março de 2020, para julgar o trabalho de doutorado intitulado: “(RE)LEITURAS ENTRE CINEMA E ENSINO DE LITERATURA: UMA FORMAÇÃO DOCENTE E DISCENTE A PARTIR DO RECURSO AUDIOVISUAL EM ESCOLAS PÚBLICAS NO/DO TOCANTINS”. O presidente deu por aberta a sessão e, em seguida, passou a palavra ao doutorando, para que, no prazo máximo de trinta minutos, expusesse o trabalho de pesquisa que resultou na tese a ser defendida. Terminada a exposição, o presidente autorizou a arguição pela Banca Examinadora. Finalizada a arguição, o presidente suspendeu a sessão para que fosse efetivado o julgamento do trabalho de pesquisa apresentado. Recolhidos os resultados, o presidente retomou a sessão e anunciou o resultado final do julgamento: a banca **APROVA** a Tese. Às dezesseis horas e trinta minutos, a sessão foi encerrada e esta ata segue assinada pelos respectivos membros e pelo agora doutor. Araguaína (TO), 12 de julho de 2024.

Documento assinado digitalmente
 WALACE RODRIGUES
 Data: 12/07/2024 22:05:40 -0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Wallace Rodrigues (UFNT-PPGLLit)
Participação por videoconferência

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA A E LITERATURA

Av. Paraguai, s/n Str Cimba | 77824-838 | Araguaína/TO
 (63) 34165655 | www.ufnt.edu.br/ppglit | ppglit@ufnt.edu.br

[Digite texto]

Abilio Pacheco de Souza Assinado de forma digital por Abilio Pacheco de Souza

Data: 2024.07.13 11:42:57 -0300

Prof. Dr. Abilio Pacheco de Souza (UNIFESSPA - POSLET)
 Participação por videoconferência

Documento assinado digitalmente
 **LUCIANO DE JESUS GONCALVES**
 Data: 13/07/2024 15:28:06 -0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Luciano de Jesus Gonçalves (IFTO)
 Participação por videoconferência

Documento assinado digitalmente
 **CRISTIANE SILVA DE ALMEIDA**
 Data: 13/07/2024 17:20:14 -0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Cristiane Silva de Almeida (UFNT-Letras)
 Participação por videoconferência

Documento assinado digitalmente
 **MARCIO ARAUJO DE MELO**
 Data: 13/07/2024 08:59:37 -0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo (UFNT-PPGLLit)
 Participação por videoconferência

Documento assinado digitalmente
 **CRISTIANO ALVES BARROS**
 Data: 15/07/2024 09:31:13 -0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Cristiano Alves Barros
 Participação por videoconferência

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA A E LITERATURA

Av. Paraguai, s/n Str Cimba | 77824-838 | Araguaína/TO
 (63) 34165655 | www.ufnt.edu.br/ppglit | pgletras@ufnt.edu.br